

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA  
Faculdade de Arquitectura



## INTERVIR NO PATRIMÓNIO

### RECONVERSÃO DO HOSPITAL DO DESTERRO EM UNIDADE HOTELEIRA

Isabel Cristina Figueira de Sousa  
(Licenciada)

Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Científico | Doutor Arquitecto Ricardo Silva Pinto  
Co-Orientadora | Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz

Júri:  
Presidente | Doutora Arquitecta Ana Marta Feliciano  
Vogal | Doutora Arquitecta Margarida Louro

Lisboa, Julho 2013



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA  
Faculdade de Arquitectura

## INTERVIR NO PATRIMÓNIO

RECONVERSÃO DO HOSPITAL DO DESTERRO EM UNIDADE HOTELEIRA

Isabel Cristina Figueira de Sousa  
(Licenciada)

Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Científico | Doutor Arquitecto Ricardo Silva Pinto  
Co-Orientadora | Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz

Júri:

Presidente | Doutora Arquitecta Ana Marta Feliciano  
Vogal | Doutora Arquitecta Margarida Louro

Lisboa, Julho 2013





# INTERVIR NO PATRIMÓNIO

## RECONVERSÃO DO HOSPITAL DO DESTERRO EM UNIDADE HOTELEIRA

Nome | Isabel Cristina Figueira de Sousa

Orientador Científico | Doutor Arquitecto Ricardo Silva Pinto

Co-Orientadora | Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz

Mestrado Integrado em Arquitectura

Lisboa, Julho 2013

### RESUMO

A atribuição de novos usos a edifícios preexistentes é cada vez mais recorrente nos dias de hoje. Verifica-se uma procura crescente no que respeita à reconversão destes edifícios em unidades hoteleiras, com todas as mais-valias associadas a este tipo de intervenção, nomeadamente a nível económico, social e cultural.

A reabilitação do património em unidades hoteleiras tem vindo a realizar-se pelo sector privado, ao acentuar a sua especificidade como destino turístico, tentando adaptar-se à evolução dos potenciais visitantes, que cada vez mais valorizam a dimensão cultural do edifício.

Com efeito, pretende-se com esta dissertação desenvolver uma reflexão crítica acerca da intervenção no património, através do conhecimento e estudo das principais doutrinas existentes acerca do tema da reabilitação que sirva de apoio ao projecto prático a ser desenvolvido em paralelo.

A vertente prática do trabalho terá lugar no quarteirão do já desactivado Hospital do Desterro, onde se propõe a reabilitação do antigo Convento com o intuito de garantir a sua conservação, preservação e valorização através da atribuição de um novo uso.

**Palavras-chave:** Convento; Hotel; Lazer; Património; Reabilitação; Turismo.



# INTERVENE IN HERITAGE

## CONVERSION OF 'HOSPITAL DO DESTERRO' IN A HOTEL UNIT

Name | Isabel Cristina Figueira de Sousa

Main Advisor | Doctor Architect Ricardo Silva Pinto

Co-Advisor | Doctor Architect Bárbara Massapina Vaz

Integrated Master in Architecture

Lisbon, July 2013

### ABSTRACT

The allocation of new purposes for preexisting buildings is increasingly recurring today. There is a growing demand in respect of conversion of these buildings in hotels, with all the gains associated with this type of intervention, including economic, social and cultural.

The rehabilitation of heritage in hotels has been held by the private sector, to enhance its specificity as a tourist destination, trying to adapt to the evolution of potential visitors, who progressively more value the cultural dimension of the building.

Truly, it is intended in this work to develop a critical reflection of intervention in heritage, through knowledge and study of the existing main doctrines on the subject of rehabilitation that aids to support the practical project to be developed in parallel.

The practical part of the work will take place on the block already disabled "Hospital do Desterro", in which is proposed the rehabilitation of the antique Convent in order to ensure its preservation and valorization through the assigning of a different and new use to the Convent.

**Keywords:** Convent; Hotel; Leisure; Heritage; Conversion; Tourism.



## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, e porque sem eles nada disto seria possível.

Ao Tiago, por todo o apoio e acompanhamento neste longo processo. Por nunca me ter abandonado nos momentos mais difíceis.

À minha grande amiga Inês, pela força, por sempre ter acreditado nas minhas capacidades, mesmo quando as coisas se complicavam.

À ti'Ana, por toda a ajuda e preocupação.

À minha irmã e ao Marco, pela força e incentivo.

Ao meu Orientador, Professor Ricardo Silva Pinto, e à minha Co-orientadora, Professora Bárbara Massapina Vaz, por me acompanharem durante este percurso.

À Joaquina, pela disponibilidade e boa vontade.

E por fim, a todos aqueles, que, directa ou indirectamente, contribuíram para a realização deste trabalho.



## ÍNDICE

<b>01 INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>02 ESTADO DA ARTE   PRINCIPAIS DOUTRINAS NA ÁREA DA REABILITAÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>03 CONTEXTO HISTÓRICO</b>	<b>11</b>
03.1 BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO   HOSPITAL DO DESTERRO	11
03.2 A COLINA HOSPITALAR DE SANTANA	21
03.3 O HOSPITAL DO DESTERRO ENQUANTO OBJECTO DE INTERVENÇÃO	24
O TURISMO CULTURAL COMO CATALISADOR DA ECONOMIA	26
<b>04 INTERVENÇÕES NO PATRIMÓNIO</b>	<b>33</b>
04.1 EVOLUÇÃO INTERNACIONAL	33
04.2 CONTEXTO NACIONAL	51
04.3 EXEMPLOS PRÁTICOS	61
POUSADA DE ESTOI	65
POUSADA DA FLOR DA ROSA DO CRATO	71
POUSADA DE VISEU	79
<b>05 APLICAÇÃO PRÁTICA DO PROJECTO   HOSPITAL DO DESTERRO</b>	<b>87</b>
05.1 PROPOSTA URBANA	89
05.2 CONCEITO	93
05.3 DEFINIÇÃO PROGRAMÁTICA	97
<b>06 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>103</b>
<b>07 BIBLIOGRAFIA</b>	<b>107</b>
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO I - PROCESSO DE TRABALHO	
DESENHOS	
MODELOS 3D	
ANEXO II - PEÇAS DESENHADAS	





## ÍNDICE DE FIGURAS

### CONTEXTO HISTÓRICO

1. Evolução do Convento do Desterro desde o terramoto de 1755 até à actualidade, esquema elaborado pela autora, 2013.	10
2. Gravura da Casa Pia no Convento de Desterro, 1811-1833, <i>in</i> <a href="http://www.casapia.pt">http://www.casapia.pt</a> .	15
3. Fotografia da Fachada da Igreja do Convento do Desterro, 1900, <i>in</i> <a href="http://www.revelarlx.cm-lisboa.pt">http://www.revelarlx.cm-lisboa.pt</a> .	16
4. Perspectiva do Hospital do Desterro, 1944, <i>in</i> <a href="http://www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt">http://www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt</a> .	16
5. Fotografia do arco de entrada no quarteirão do Hospital do Desterro, 1912, por Joshua Benoliel, <i>in</i> <a href="http://www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt">http://www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt</a> .	17
6. Hospital do Desterro, pormenor do arco do claustro, 2007, fotografia fornecida pelo professor Arq. Nuno Mateus.	19
7. Perspectiva Geral do Hospital do Desterro, 2011, <i>in</i> <a href="http://www.publico.pt">http://www.publico.pt</a>	19
8. Hospital do Desterro, pormenor das abóbadas, 2007, fotografia fornecida pelo professor Arq. Nuno Mateus.	19
9. Hospital do Desterro, antiga cozinha, 2007, fotografia fornecida pelo professor Arq. Nuno Mateus.	19
10. Interior do Quarteirão do Hospital do Desterro, 2011, fotografia da autora.	19
11. Hospital do Desterro, entrada principal, 2007, fotografia fornecida pelo professor Arq. Nuno Mateus.	19
12. Hospital do Desterro, pormenor do Pilar, 2007, fotografia fornecida pelo professor Arq. Nuno Mateus.	19
13. Imagem da Colina de Santana e respectivos Hospitais,	20

*in* <http://www.icomos.fa.utl.pt>.

- 14.** Proposta do Arquitecto Eduardo Souto Moura para o Novo Hospital de Todos-os-Santos, 24

*in* <http://www.lx-projectos.blogspot.pt>.

## **INTERVENÇÕES NO PATRIMÓNIO**

- 15.** Banco Borges & Irmão, 58

*in* <http://www.facebook.com/josegigantearquitecto>.

- 16.** Banco Borges & Irmão, pormenor da fachada, 58

*in* <http://www.facebook.com/josegigantearquitecto>.

- 17.** Pousada de Estoi, 62

*in* <http://www.pousadas.pt>.

- 18.** Pousada do Crato, 62

*in* <http://www.ruimoraisdesousa.blogspot.com>.

- 19.** Pousada de Viseu, 62

*in* <http://www.booking.com>.

- 20.** Pousada de Estoi, 64

*in* [http://www.flickr.com/photos/vitor\\_dias](http://www.flickr.com/photos/vitor_dias).

- 21.** Pousada do Crato, o jardim ao estilo de Versalhes, 65

*in* <http://www.flickr.com/photos/webrarian>.

- 22.** Pousada do Crato, zona da piscina exterior, 66

*in* <http://www.hotelsclick.com>.

- 23.** Pousada do Crato, cobertura ajardinada do volume contemporâneo, 67

*in* <http://www.byrneaq.com>.

- 24.** Pousada de Estoi, planta de implantação, 68

*in* <http://www.byrneaq.com>.

- 25.** Pousada de Estoi, corte transversal, 68

*in* <http://www.byrneaq.com>.

- 26.** Pousada de Estoi, planta do piso -1, 68

<i>in</i> <a href="http://www.byrnearqu.com">http://www.byrnearqu.com</a> .	
<b>27.</b> Pousada da Flor da Rosa,	70
<i>in</i> <a href="http://www.flickr.com/photos/betoalmeida">http://www.flickr.com/photos/betoalmeida</a> .	
<b>28.</b> Pousada da Flor da Rosa, preexistências,	71
<i>in</i> <a href="http://www.ruimoraisdesousa.blogspot.com">http://www.ruimoraisdesousa.blogspot.com</a> .	
<b>29.</b> Pousada da Flor da Rosa, 'toque' do edifício contemporâneo com a preexistência,	73
<i>in</i> <a href="http://www.ruimoraisdesousa.blogspot.com">http://www.ruimoraisdesousa.blogspot.com</a> .	
<b>30.</b> Pousada da Flor da Rosa, volume contemporâneo, fachada dos quartos,	74
<i>in</i> <a href="http://www.ruimoraisdesousa.blogspot.com">http://www.ruimoraisdesousa.blogspot.com</a> .	
<b>31.</b> Pousada da Flor da Rosa, vista sobre a planície,	75
<i>in</i> <a href="http://www.trabalhofotograficocomercial.blogspot.com">http://www.trabalhofotograficocomercial.blogspot.com</a> .	
<b>32.</b> Pousada da Flor da Rosa, planta do piso térreo,	76
<i>in</i> <a href="http://www.skyscrapercity.com">http://www.skyscrapercity.com</a> .	
<b>33.</b> Pousada da Flor da Rosa, alçado norte,	76
<i>in</i> <a href="http://www.skyscrapercity.com">http://www.skyscrapercity.com</a> .	
<b>34.</b> Pousada da Flor da Rosa, alçado sul,	76
<i>in</i> <a href="http://www.skyscrapercity.com">http://www.skyscrapercity.com</a> .	
<b>35.</b> Pousada de Viseu, planta do piso térreo,	78
<i>in</i> SANTOS, Daniela - Pousada de Viseu: metamorfose e reciclagem de uma memória. Dissertação de Mestrado, Coimbra: FCTUC, 2012.	
<b>36.</b> Pousada de Viseu, antigo claustro,	79
<i>in</i> SANTOS, Daniela - Pousada de Viseu: metamorfose e reciclagem de uma memória. Dissertação de Mestrado, Coimbra: FCTUC, 2012.	
<b>37.</b> Pousada de Viseu, entrada principal, lado nascente e sul,	80
<i>in</i> SANTOS, Daniela - Pousada de Viseu: metamorfose e reciclagem de uma memória. Dissertação de Mestrado, Coimbra: FCTUC, 2012.	
<b>38.</b> Pousada de Viseu, principal polo vertical de acesso,	81
<i>in</i> <a href="http://www.pousadas.pt">http://www.pousadas.pt</a> .	
<b>39.</b> Pousada de Viseu, zona de circulação do último piso,	82
<i>in</i> SANTOS, Daniela - Pousada de Viseu: metamorfose e reciclagem de	

uma memória. Dissertação de Mestrado, Coimbra: FCTUC, 2012.

- 40.** Pousada de Viseu, planta do piso 2, 82  
*in* SANTOS, Daniela - Pousada de Viseu: metamorfose e reciclagem de uma memória. Dissertação de Mestrado, Coimbra: FCTUC, 2012.

## **APLICAÇÃO PRÁTICA DO PROJECTO | HOSPITAL DO DESTERRO**

- 41.** Perspectiva aérea do quarteirão do Hospital do Desterro, 86  
*in* <http://www.bing.com/maps>.
- 42.** Hospital do Desterro, fachada principal, 86  
*in* <http://www.bing.com/maps>.
- 43.** Proposta urbana da zona pública, 88  
esquema elaborado pela autora, 2013.
- 44.** Proposta urbana da zona pública, corte transversal, 88  
esquema elaborado pela autora, 2013.
- 45.** Proposta da zona privada, 90  
esquema elaborado pela autora, 2013.
- 46.** Esquema da proposta para o quarteirão, 92  
desenho elaborado pela autora, 2013.
- 47.** Perspectiva do pátio privado do hotel, 94  
elaborado pela autora, 2013.
- 48. 49.** Caixas de madeira que integram os interiores do imóvel, deixando 'respirar' a preexistência, 95  
elaborado pela autora, 2013.
- 50.** Axonometria da distribuição programática, 96  
elaborado pela autora, 2013.
- 51.** Zona de copa destinada aos funcionários, 98  
elaborado pela autora, 2013.
- 52.** Área administrativa, 98  
elaborado pela autora, 2013.
- 53.** Pólo vertical de acessos da zona de recepção, 98

elaborado pela autora, 2013.	
<b>54. 55.</b> Sala de estar do hotel, no antigo claustro do Convento, elaborado pela autora, 2013.	98
<b>56.</b> Bar do hotel, na antiga cozinha do Convento, elaborado pela autora, 2013.	98
<b>57. 58.</b> Restaurante do hotel, elaborado pela autora, 2013.	98
<b>59.</b> Ilustração do quarto do piso da cobertura, desenho elaborado pela autora, 2013.	100
<b>60.</b> Esquema da distribuição do SPA, desenho elaborado pela autora, 2013.	100
<b>61.</b> Recepção do SPA, elaborado pela autora, 2013.	100
<b>62.</b> Sala de relaxamento, SPA, elaborado pela autora, 2013.	100
<b>63.</b> Sala de massagem, SPA, elaborado pela autora, 2013.	100
<b>64.</b> Piscina interior, elaborado pela autora, 2013.	100
<b>65.</b> Piscina exterior e zona de solário, elaborado pela autora, 2013.	100

INTERVIR NO PATRIMÓNIO

## 01 INTRODUÇÃO

Portugal é conhecido por ser um país rico em património e como tal, ao longo dos últimos anos tem-se verificado uma crescente prática de intervenções de reabilitação em edifícios preexistentes, nomeadamente ao nível da reconversão de edifícios antigos em unidades hoteleiras.

Deste modo, com a construção do novo Hospital de Todos-os-Santos e o futuro encerramento dos Hospitais da Colina de Santana, considerada uma zona da cidade de Lisboa com grande valor patrimonial, achou-se pertinente a utilização do já desactivado Hospital do Desterro como objecto de estudo e intervenção para a realização do projecto prático a desenvolver paralelamente.

Esta prática constitui um exemplo para os restantes hospitais inseridos naquela zona, promovendo deste modo a conservação, preservação e valorização do património histórico da colina, através do investimento do sector privado, e contribuindo, simultaneamente, para o desenvolvimento económico, social e cultural do local.

Ao abordar o tema do património interessa estudar e compreender o desenvolvimento das teorias de conservação e restauro ao longo das últimas décadas, tanto a nível internacional como nacional. Para além dos conceitos teóricos é igualmente essencial a análise e observação de diversos projectos de reabilitação já realizados, nomeadamente de reconversão de edifícios com valor patrimonial em unidades hoteleiras. Tendo em conta o vasto leque de projectos existentes torna-se necessário delimitar uma área de estudo, pelo que se optou



pela análise de projectos executados em Portugal. Os casos de estudo elegidos estão inseridos no contexto das Pousadas de Portugal e todos eles têm em comum a particularidade de serem adaptações de estruturas religiosas.

Pretende-se com estas duas abordagens, teórica e prática, criar uma reflexão fundamentada de forma a justificar a solução proposta na vertente prática do presente trabalho.

Em relação à estrutura da dissertação, esta desenvolve-se em três capítulos. O primeiro é constituído por um breve enquadramento histórico que introduz o local da intervenção – quarteirão do Hospital do Desterro - e onde são descritas, muito sucintamente, as várias funções que o antigo Convento do Desterro deteve até aos dias de hoje. Inserido na Colina de Santana, conhecida por muitos como a Colina Hospitalar, torna-se indispensável uma pequena explicação sobre a origem desta designação e a sua relação com o edifício em questão.

Ainda no mesmo capítulo encontram-se descritos os critérios de eleição do edifício patrimonial inserido naquela zona da cidade de Lisboa. São ainda referidos os benefícios atribuídos a este tipo de estruturas conventuais quando reconvertidas em unidades hoteleiras como as vantagens económicas associadas ao turismo cultural.

O segundo capítulo engloba a investigação teórica desenvolvida para a realização da dissertação. Num primeiro momento são abordados os conceitos e teorias referentes às intervenções no património sendo, primeiramente, ao nível da evolução internacional seguindo-se do contexto nacional. Em seguida são apresentados três casos de estudo – A Pousada

da Flor da Rosa do Crato; a Pousada do Estoi; a Pousada de Viseu -, inseridas nas Pousadas de Portugal que, por sua vez, constituem um conjunto exemplar de intervenções realizadas em preexistências, pertinentes para a realização do projecto prático.

Após desenvolvida uma reflexão teórica com base no que foi referido anteriormente, o terceiro e último capítulo comporta a proposta final da reconversão de usos do Hospital do Desterro numa unidade hoteleira, onde são expostos os conceitos essenciais do projecto e a organização espacial programática.

## INTERVIR NO PATRIMÓNIO

## 02 ESTADO DA ARTE | PRINCIPAIS DOCTRINAS NA ÁREA DA REABILITAÇÃO

Com a evolução urbana das cidades, os centros históricos foram considerados como um dos principais problemas das cidades nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 80 quando os movimentos migratórios despoletaram um gradual despovoamento nestes centros.

Devido a esta descentralização, a importância dos centros históricos diminuiu, levando consigo o investimento público e privado que neles se fazia. Deste modo, verificámos uma degradação progressiva não só do património cultural como também da identidade adjacente a estes centros históricos. Contudo, face à sua incapacidade de resposta às novas necessidades e padrões de vida contribuiu para que áreas, como a da reabilitação, suscitasse cada vez mais interesse, numa sociedade que começa a ter percepção de que a realidade das cidades com a conjectura actual tende a incidir em soluções de reabilitação.

Ao longo das últimas décadas foram criados alguns documentos internacionais que diziam respeito à conservação do património arquitectónico, nomeadamente a *Carta de Atenas* (1931), onde são estabelecidos critérios aplicáveis à conservação do património de forma a ser criada uma base de legislações nacionais europeias de salvaguarda do património arquitectónico. Posteriormente, foram criadas diversas cartas, tais como: a *Carta de Veneza* (1964), que renova o conceito já abordado na carta de Atenas, aprofundando os seus princípios e abrangendo o conceito de património, a sítios urbanos ou

rurais; a *Carta Europeia do património arquitectónico* (1975), que define princípios gerais para uma política de conservação e reabilitação do património arquitectónico europeu, definindo o conceito de *conservação integrada*; entre outras, com o principal objectivo de valorizar o património cultural inserido nestas zonas da cidade. Foram muitos os debates tendo por base a preocupação em relação à preservação do património, surgindo mais tarde várias iniciativas dentro deste âmbito, nomeadamente a criação da *Carta de Toledo* (1987), da *Carta de Cracóvia* (2000) e da *Carta de Varsóvia* (2005) onde os principais interesses seriam o da revalorização das cidades antigas e as questões de sustentabilidade.

Com efeito, ao falarmos do património falamos também de diversos autores que criaram algumas das suas obras com base nesta mesma temática. Françoise Choay aparece-nos como uma referência essencial, tanto a nível nacional como internacional para a elaboração desta dissertação, salientando-se dois dos seus livros: *A Alegoria do Património*, onde a autora aborda criticamente as suas ideias sobre a preservação e o restauro através de uma volta às origens, uma arqueologia dos conceitos de monumento e do património histórico, e *Questões do Património*, onde nos é possível compreender como surgiu e se desenvolveu a preocupação pela preservação dos edifícios.

Um outro autor a destacar é José Aguiar, em *Cor e Cidade História, Estudos Cromáticos e Conservação do Património*, mais precisamente no capítulo *Conservação do património urbano: evolução dos conceitos e da teoria*, que nos apresenta, de um modo bastante objectivo e sintético, as principais ideias e metodologias que surgiram ao longo dos últimos séculos. A

contribuição deste livro resulta numa maior compreensão e reflexão acerca dos temas da identidade e memórias urbanas e na importância da sua preservação e inserção na vivência contemporânea.

O livro *100 anos de património: memória e identidade* é essencial para a compreensão da evolução dos conceitos da reabilitação a nível nacional. Um factor relevante nesta obra incide sobre a compilação dos diversos capítulos organizados por épocas em que cada um é constituído por textos de vários autores, possibilitando ao leitor a compreensão do tema abordado, através das diferentes perspectivas apresentadas pelos mesmos.

Também num contexto patrimonial português, temos como exemplo um autor cuja investigação está relacionada com a história do restauro do património em Portugal: Miguel Tomé, em *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*, onde nos fala sobre a prática e os conceitos de restauro aplicados em diversas intervenções em monumentos situados no norte do país.

Associado a esta temática do património, temos como referência as Pousadas de Portugal, utilizadas como modelos de estudo nesta dissertação por se tratarem de projectos cuja principal componente se baseia na reconversão de edifícios preexistentes em unidades hoteleiras. Como base de apoio teórico destacamos o artigo de José Manuel Fernandes, *Pousadas de Portugal, obras de Raiz em Monumento* e ainda o livro de Susana Lobo, *Pousadas de Portugal, Reflexos da Arquitectura Portuguesa no século XX*.

No que respeita a projectos de arquitectura com semelhanças ao projecto proposto no presente trabalho são de destacar diversas obras de intervenção no Património da autoria de vários arquitectos.

A cargo do arquitecto Gonçalo Byrne, é de referir a Pousada de Estoi, onde o principal objectivo está em conseguir harmonizar arquitecturas de períodos diferentes, em que o acrescento da nova arquitectura pretende a recusa da disputa de um protagonismo visual de forma a valorizar o conjunto patrimonial existente.

Ainda do mesmo arquitecto serve-nos de exemplo a Pousada de Viseu, projectada no início do século XIX, expressamente para uma unidade hospitalar. Com características muito semelhantes às de uma pousada, é um edifício de uma eficaz adaptação a uma unidade hoteleira. O projecto tem em comum com o conjunto patrimonial em estudo neste trabalho o facto de este ter funcionado também como unidade hospitalar.

A Pousada da Cidadela de Cascais, a cargo do mesmo arquitecto, tem a particularidade de conseguir conjugar a parte privada do hotel com uma zona mais pública, nomeadamente a praça. Desta forma, é possível a criação de novas vivências e, ao mesmo tempo, a dinamização daquele espaço, dando a possibilidade aos habitantes da zona ou mesmo a pessoas que por lá passam de vivenciar/usufruir de um espaço que é património e que, muitas vezes, está restrito aos hóspedes da respectiva pousada.

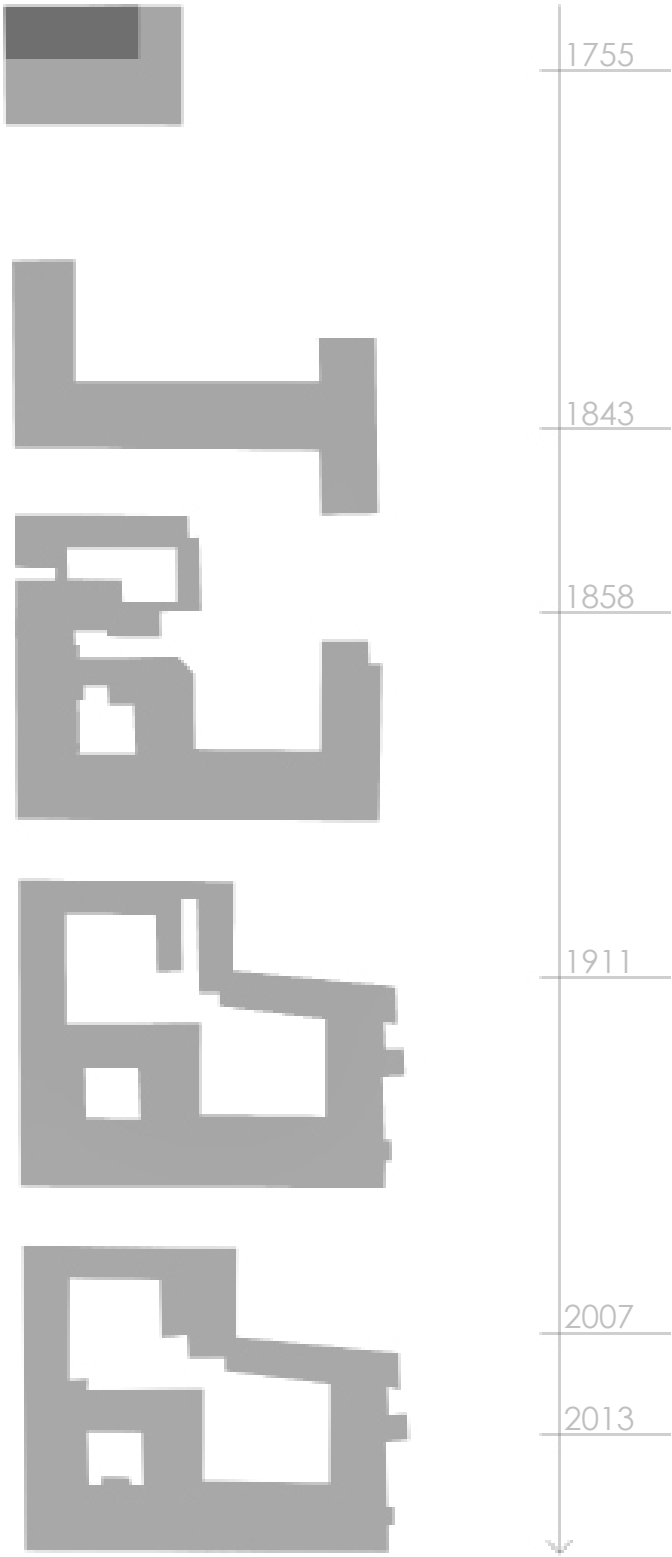
O arquitecto Carrilho da Graça, no projecto da Pousada da Flor da Rosa do Crato, consegue claramente criar um novo volume

de linguagem distinta e contemporânea relativamente ao edifício antigo numa forma completamente natural, simples e minimalista, evidenciando e valorizando a beleza história deste antigo mosteiro-fortaleza.

Em Guimarães aparece-nos a Pousada de Santa Marinha do arquitecto Fernando Távora. Ao contrário da Pousada referida anteriormente, a ideia principal é a de essencializar a forma entre o velho e o novo de forma a dar continuidade à preexistência que lá se encontra, uma vez que a intenção do arquitecto era a de “continuar inovando”. Dada a continuidade do velho para o novo, é necessário ao arquitecto um conhecimento mais profundo e rigoroso da evolução e dos valores, através da arqueologia e da história do edifício.

As referências bibliográficas utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho contribuíram não apenas para a investigação teórica da dissertação como também serviram de apoio à componente prática do projecto de arquitectura. Esta bibliografia torna-se indispensável para a fundamentação do trabalho como também para a justificação das opções propostas.





## 03 CONTEXTO HISTÓRICO

### 03.1 BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO | HOSPITAL DO DESTERRO

O Hospital de Nossa Senhora do Desterro teve origem no antigo espaço do Convento do Desterro, onde em 1857 passou a fazer parte do 'Real Hospital de São José e Annexos'. Posteriormente pertenceu aos Hospitais Cíveis de Lisboa e, por fim, integrou o Centro Hospitalar de Lisboa – Zona Central, acabando por fechar portas no fim de 2007.

A sua construção tem origem em 1591 quando os frades Bernardos da ordem de Cister resolvem fundar uma residência na cidade de Lisboa. A localização escolhida para a construção do Convento – actual quarteirão circundado pela Avenida Almirante Reis e Rua nova do Desterro - teve em conta o isolamento do sítio naquela altura como também a grande extensão do terreno que viria a permitir a criação de um convento com área suficiente para albergar 60 religiosos.

A primeira pedra do convento foi lançada a 8 de Abril desse mesmo ano, como confirmado pela lápide comemorativa do lançamento da primeira pedra encontrada em 1970 no Hospital de São Lázaro, enquanto decorriam obras no edifício, onde se pode ler,

1. (Página anterior)  
Evolução do Convento do Desterro desde o terramoto de 1755 até à actualidade. (O cinza escuro identifica o que ficou destruído no terramoto.)

*«Esta casa da Ordem Cisterciense foi fundada em louvor da Virgem Maria Mãe de Deus do Desterro e também no bem-aventurado nosso Pai Bernardo Doutor exímio no ano da natividade do Senhor 1591 oitavo dia de Abril» (LEITE, 2012: 80)*

As obras do convento tiveram início no reinado de D. Filipe e ficaram a cargo do arquitecto português Baltazar Álvares (1560-1630) e não do arquitecto italiano Fillipo Terzi (1520-1597) como se pensava.

Contudo, o objectivo da Ordem de Cister para além de construir um convento de grandes proporções para albergar os seus frades, pretendia também integrar a maior igreja na cidade de Lisboa. No entanto, a sua construção arrastou-se durante anos e acabou mesmo por não ser concluída, «em parte porque D. João IV nunca protegeu este convento, ao contrário dos seus filhos D. Afonso VI e D. Pedro II» (LEITE, 2012: 80) que ao longo dos anos contribuíram com esmolas para que se concluíssem as obras da igreja. Com base neste facto, podemos concluir a razão pelo qual o Hospital do Desterro é o único dos quatro conventos convertidos em hospitais que não possui azulejaria no seu interior.

Em 1707, através de um registo arquitectónico feito do Convento do Desterro e da Igreja, constatamos que até à data esta preservava os seus traços originais, não diferenciando muito da sua imagem primitiva, como se pode conferir na descrição da igreja feita no registo,

*«E entrando das portas pera dentro descobrem os olhos hum grandioso templo todo de marmores brancos, o qual consta por cada lado de seo corpo de sinco capellas fundas com muy suficiente grandesa; e por cima dos arcos das capellas corre a promeyra simalha assentando sobre o meyo de cada arco huma fermosa janela de tribuna pella qual participará a igreja de muyta luz e claridade, e superior às ditas tribunas se erá*

*segundo a simalha real. No fim do corpo da igreja tem cada parte hum púlpito de boa e bem lavrada pedraria. De cruzeyro e capella mor nam se vê ainda cousa alguma feyta, mas he de crer que huma e outra obra será proporcionada ao que pede o desenho da igreja e a nobreza com que começou a fabrica do convento.» (LEITE, 2012: 81)*

Em relação ao Convento, com ligação directa da igreja, podemos encontrar um claustro quadrado composto por três arcos por ala, em pedra lavada, que, posteriormente, acede a um segundo claustro situado a Norte, ainda em construção, verificando-se apenas alguns arcos entaipados.

O corpo principal do edifício é constituído por três pisos de dormitórios e respectivas dezoito celas, caracterizadas pelos tectos abobadados, que correspondem às dezoito grandes janelas da fachada principal do Convento com vista para um terreno de hortas que se estende para a freguesia de anjos, actualmente substituídas pelo tráfego da Avenida Almirante Reis.

O principal acesso vertical era feito por uma escadaria construída em mármore situada no centro do edifício. Pensa-se, porém, que a actual escada não se trata da original mas sim de uma cópia construída no mesmo sítio com os mesmos materiais.

Na altura, para além das actividades religiosas, o Convento também servia pontualmente de hospício aos frades da casa-mãe de Alcobaça.

Posteriormente em 1750, na sequência do incêndio que alastrou grande parte do Real Hospital de Todos-os-Santos, os doentes

são transferidos para o Convento do Desterro e lá permanecem durante um ano até o Hospital ser minimamente reconstituído. Entretanto os frades são transferidos para as casas do arcebispo onde permanecem temporariamente.

Passados cinco anos, o terramoto de 1755 devasta grande parte da cidade de Lisboa e não deixa escapar ilesa a Igreja de Nossa Senhora do Desterro, *«restando apenas parte das paredes laterais, a frontaria e o vestíbulo, que ainda hoje se podem ver, constituindo a entrada principal do Hospital.»* (LEITE, 2012: 83)

Após estes dois acontecimentos, alguns dos frades voltam a residir no Convento mas, rapidamente, observamos o gradual abandono por parte dos mesmos acabando por resistir apenas uma pequena parte.

Em 1796 é criado o Hospital da Marinha com o intuito de instalar os marinheiros doentes que até à data encontravam-se internados nas próprias casas. Porém, o Hospital foi instalado provisoriamente na Rua do Olival e, posteriormente, no Convento do Desterro, tendo em conta o abandono do imóvel pela maioria dos frades Bernardos. Aqui são instalados todos os doentes provenientes da Marinha e o edifício passa a funcionar como unidade hospitalar durante os nove anos seguintes.

Passados alguns anos, em 1810, Portugal encontra-se sob a última invasão francesa a comando do general Massena, ficando esta marcada por *«um rasto de fome, miséria e morte.»* (LEITE, 2012: 84)

Depois da expulsão de Massena do país, registou-se um grande número de crianças órfãs na rua, umas porque foram

abandonadas, outras porque se encontravam perdidas. A regência, ao deparar-se com esta situação, tentou de imediato solucionar o problema e passou o caso ao intendente da polícia, Jerónimo Francisco Lobo, que rapidamente começou a direccionar algumas das crianças para diversas instituições. No entanto, estas 'casas de acolhimento' tornam-se demasiado pequenas para o elevado número de crianças desalojadas, tornando-se necessário a procura de um sítio com maiores dimensões. Surge então a ideia de integrar as crianças órfãs no Convento do Desterro que se encontrava até à data praticamente devoluto. Por conseguinte, em 1811 as crianças são instalados nas novas acomodações e o Convento passa a designar-se por 'moderna Casa Pia'.

2. Gravura da Casa Pia no Convento do Desterro, 1811-1833.

Com o passar do tempo o convento, agora Casa Pia, foi apresentando um crescente número de crianças nas suas instalações devido à miséria que se vivia na altura, agravando-se o problema com a Guerra Civil (1828-1834). Na abertura da





instituição contavam-se apenas 99 órfãos e em 1832 o número de internamentos já alcançava os 1200. Todavia, as más condições de higiene e a falta de organização da casa chegaram a um ponto sem retorno e a Casa Pia, em 1833, é então transferida para o Convento dos Jerónimos.

3. (Página anterior) Fotografia da Fachada da Igreja do Convento do Desterro, 1900.

4. (Página anterior) Perspectiva do Hospital do Desterro, 1944.

5. Fotografia do arco de entrada no quarteirão do Hospital do Desterro, 1912.

Com o decreto de 1834 que dita a extinção das ordens religiosas, o convento é posteriormente secularizado e passa a ser ocupado por vários regimentos do exército e funciona como quartel durante catorze anos.

Em 1848, o antigo Convento do Desterro passa a ser administrado pelo Hospital de São José e nove anos depois, em 1857, inicia mais uma vez a sua função como Hospital integrado no grupo





Hospital de São José e Anexos. Por fim, é encerrado pelo Governo em Fevereiro de 2007 e então vendido à Estamo, empresa encarregue de gerir o património imobiliário do Estado.

Actualmente, devido à desactivação do Hospital e consequente encerramento do mesmo, o imóvel encontra-se em constante degradação e aparente abandono (como se pode constatar nas imagens seguintes). As zonas exteriores, por sua vez, têm vindo a funcionar como parque de estacionamento para os habitantes do local.

Ainda este ano (2013), surge a notícia (RTP, 2013) de que o edifício foi alugado à empresa Mainside, proprietária do LX Factory, durante 10 anos, com o intuito de se criarem *«hortas pedagógicas, um centro de medicinas alternativas, ateliers para artistas, uma escola de arte experimental e uma cozinha comunitária»*. Diz-se que o piso térreo será *«uma parte mais aberta ao público, mais comercial, com restauração, com lojas, com actividades criativas.»*

(Página seguinte, da esquerda para a direita, de cima para baixo)

6. Pormenor do Arco do Claustro, 2007

7. Perspectiva Geral do Hospital do Desterro, 2011

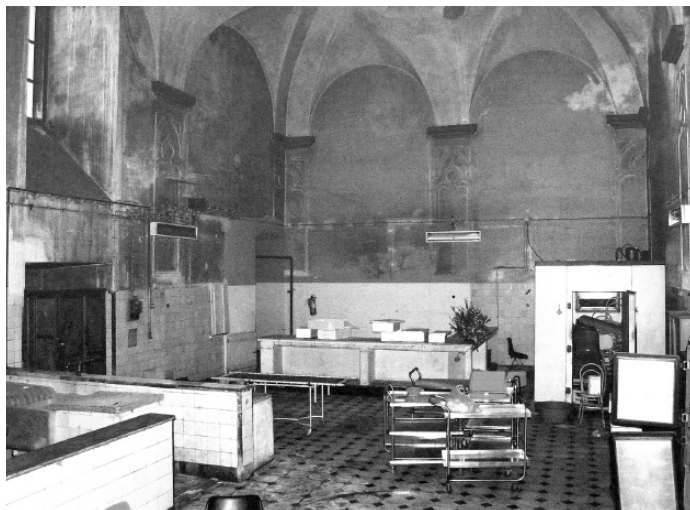
8. Pormenor das Abóbadas, 2007

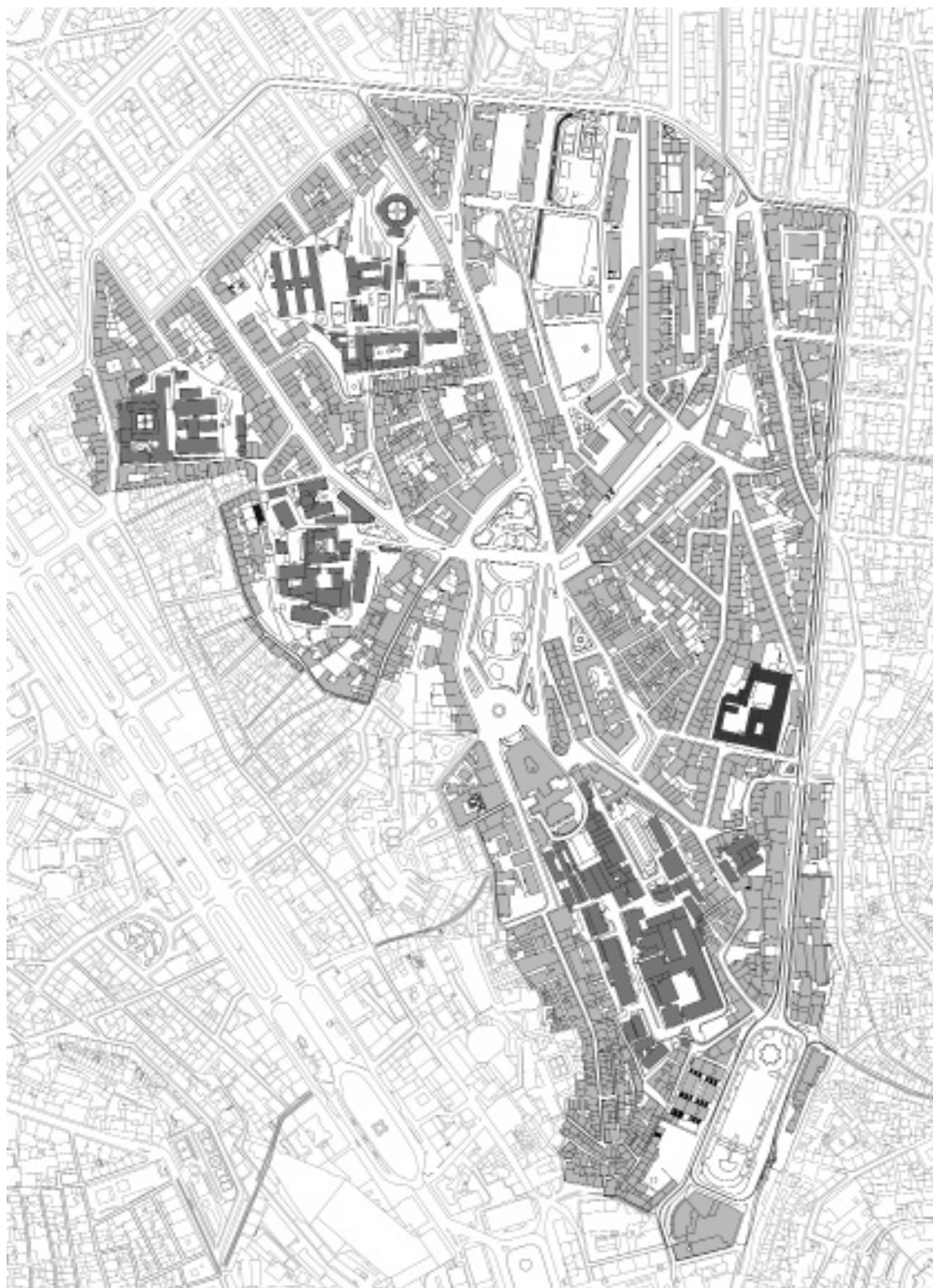
9. Antiga Cozinha do Convento do Desterro, 2007

10. Interior do Quarteirão do Hospital do Desterro, 2011

11. Entrada Principal do Hospital, 2007

12. Pormenor do Pilar, 2007







### 03.2 A COLINA HOSPITALAR DE SANTANA

A Colina de Santana localizada no centro histórico de Lisboa a Noroeste do Castelo de São Jorge integra uma das sete colinas da cidade, conhecidas por contarem uma parte da história e da memória colectiva de Portugal.

Actualmente denominada por Colina da Saúde, assim ficou conhecida por se relacionar inteiramente com a história hospitalar portuguesa ao incorporar diversos organismos ligados à área da saúde, constituindo assim o mais importante conjunto patrimonial de medicina do país.

Esta relação da colina com a medicina teve início no Rossio, mais precisamente na actual Praça da Figueira, quando D. João II (1455-1495) ali propôs em 1492 a construção do Hospital Real de Todos-os-Santos. Porém, com o terramoto de 1755 o Hospital sofre profundos danos e é então substituído pelo Hospital Real de São José a ter lugar nas instalações do velho Colégio de Santo Antão-o-Novo (1579-1759), antiga instituição jesuíta.

*«O Hospital Real de São José herdou não só o saber de 283 anos do Hospital Real de Todos-os-Santos mas também 180 anos da história de ensino jesuíta» (SEMINÁRIO, 2010: 3)*

13. (Página anterior) Imagem da Colina de Santana e respectivos Hospitais. (De cima para baixo) Hospital Miguel Bombarda, Hospital de Santa Marta, Hospital dos Capuchos, Hospital de São José, e a cinza escuro, Hospital do Desterro.

Todavia, as novas instalações do São José tornam-se demasiado pequenas e o Hospital decide anexar vários dos antigos conventos situados na colina e na sua periferia. Em primeiro lugar assiste-se ao anexo da Gafaria de São Lázaro ao Hospital, posteriormente seguem-se o Convento do Desterro (1857), Arroios (1892), Santa Marta (1903) e por fim os Capuchos (1928). O Hospital Dona Estefânia (1877) e o Hospital Miguel Bombarda

(1848) são também anexados mas com a particularidade de terem sido os únicos construídos de raiz com a função de hospital. Posteriormente em 1913, o conjunto dos hospitais anexos e o Hospital São José são oficializados e designados de Hospitais Cíveis de Lisboa. Este conjunto hospitalar, para além de servir a população através da assistência hospitalar, fundou também o ensino da medicina em Lisboa através da criação da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa em 1825 bem como da Escola Médico-cirúrgica em 1836, inseridas nas acomodações do Hospital de São José.

No séc. XIX a Escola Médico-cirúrgica alojada no velho convento de frades arábicos, carece de uma nova edificação e, posteriormente, é mandando construir um novo edifício para assumir as funções da Escola. Em 1890 são iniciadas as obras na antiga Praça de Touros de Lisboa então transferida para o Campo Pequeno. Mas estas desenvolviam-se muito lentamente até que Miguel Bombarda decidiu aceitar a proposta do XV Congresso Internacional de Medicina a realizar-se em Lisboa em Abril de 1906. Depois de comunicada a decisão, o edifício deu por terminado as obras de construção para dar lugar às sessões científicas integradas no programa do congresso.

Após o congresso desistiu-se da ideia de transferir a Escola Médico-cirúrgica para o novo edifício e, com as reformas da I República (1911-1926), optou-se pela criação da Faculdade de Medicina de Lisboa (1911-1954). Em 1954 a Faculdade é transferida para as instalações do Hospital de Santa Maria ficando o edifício ao abandono e, conseqüentemente, bastante degradado. No ano de 1973 já quase a desabar, o edifício é finalmente restaurado dando lugar em 1977 à Faculdade

de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, em funcionamento até aos dias de hoje.

Desta forma, compreendemos o porquê da relação da Colina de Santana à Saúde, pois aqui se estabeleceram as bases da medicina no país, através não só da inserção dos hospitais na colina como também das escolas e faculdades que aqui providenciaram o seu ensino.

### 03.3 O HOSPITAL DO DESTERRO ENQUANTO OBJECTO DE INTERVENÇÃO

O parque hospitalar da Colina de Santana conta já com cinco séculos desde a sua criação. Sabemos que, hoje em dia, os Hospitais Cíveis de Lisboa ainda se encontram alojados nas antigas estruturas conventuais localizados ao longo da colina. Porém, devido às exigências contemporâneas, surge a necessidade de centralização, ou seja, de juntar todas estas unidades hospitalares num só polo de modo a providenciar uma melhor organização dos serviços. Como resposta a estas premissas, encontra-se actualmente em curso o projecto do Hospital de Todos-os-Santos do arquitecto Eduardo Souto de Moura que terá lugar em Chelas. Esta nova abordagem urbana permite, de facto, rentabilizar recursos, porém o seu desenvolvimento resultará na desactivação dos Hospitais Centrais e no seu consequente abandono.

14. Proposta do Arquitecto Eduardo Souto de Moura para o Novo Hospital de Todos-os-Santos.



Nesta operação é importante não esquecer o valor patrimonial e histórico destas estruturas, através de projectos de reabilitação e reconversão de usos que permitirão a permanência destes marcos, conservando-os e preservando-os para a posteridade. Contudo, existem casos reais onde a carência de projectos e recursos deixou o edifício exposto às intempéries e ao desgaste físico (ruína), sendo um desses exemplos o caso do antigo Hospital do Desterro, desactivado desde 2007. Para evitar este tipo de situações, surge a necessidade de intervir sobre estas estruturas, de reabilitá-las, por outras palavras, de preservar o Património.

Com efeito, o Hospital do Desterro serve de modelo 'vivo' daquilo que poderá acontecer às restantes estruturas conventuais caso não sejam tomadas medidas de prevenção e, por essa razão, interessa-nos o hospital como objecto de intervenção com o objectivo de chamar a atenção para estas questões que se revelam importantes à história e identidade da cidade. Assim, o trabalho em curso poderá servir como modelo de uma boa prática de preservação do Património hospitalar da Colina de Santana.



## O TURISMO CULTURAL COMO CATALISADOR DA ECONOMIA

Segundo a OMT (Organização Mundial de Turismo) o turismo cultural é definido como,

*«Actividades que as pessoas realizam durante as suas viagens e a permanência em lugares distintos daqueles em que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros.»*

O turismo surge no séc. XIX, caracterizado pelas deslocações com o intuito do lazer, do descanso, da descoberta e do conhecimento. No entanto, os seus primórdios remontam ao séc. XVII em Inglaterra, quando um grupo de jovens abastados decidem realizar uma grande viagem – o *Grand Tour* - por França e Itália com a finalidade de crescerem culturalmente ao alcançarem novas experiências em sítios distintos e contribuindo, simultaneamente, para a sua formação académica.

No início do séc. XIX, após a Revolução Industrial, o acto de viajar pelo prazer toma novas proporções. A burguesia para além de possuir boas condições financeiras, usufrui também de tempo livre, aliando os recursos necessários para esta nova prática. Por conseguinte, durante vários séculos o turismo apenas 'pertenceu' às famílias das classes sociais médias/altas, sendo as únicas a reunirem as condições necessárias para tal.

O turismo começa a desenvolver-se em Portugal durante o séc. XX, porém esta indústria não se encontrava nas primeiras décadas ainda suficientemente desenvolvida.

Em meados do séc. XX, já depois da II Guerra Mundial, Portugal

encontra-se num período de prosperidade económica, consequência do crescente número de exportações de matéria-prima e bens alimentares para os países intervenientes na guerra. Com efeito, verifica-se uma melhor condição de vida dos portugueses ao nível do trabalho como também no desenvolvimento dos meios de transporte, nomeadamente do automóvel e dos meios aéreos, agora acessíveis a um maior número de pessoas. Estas condições providenciaram uma maior e mais fácil deslocação culminado no aumento do turismo no país.

Actualmente verifica-se que o turismo é uma actividade em crescimento e, como tal, requer a consolidação de estratégias sustentáveis para que sejam assegurados os recursos necessários a esta prática e o mais importante, garantir que a população não seja excluída.

Portugal é considerado um país rico em património e a opção de reconversão de um monumento em unidade hoteleira tem sido uma prática cada vez mais recorrente nos dias de hoje e que poderá ainda trazer benefícios económicos ao país.

*«Não podendo o património afastar-se dos mecanismos da globalização (...) o património passou a ser entendido como um recurso económico, sinónimo de produto de qualidade.»*  
(Deolinda Folgado in CUSTÓDIO, 2010: 329)

Ao associarmos turismo e património é indispensável referirmos o conceito de turismo cultural, definido pela *Carta de Turismo Cultural* do ICOMOS (1976) como,

*«Um facto social, humano, económico e cultural irreversível.*

*(...) que tem por objectivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios históricos-artísticos. Exerce um efeito realmente positivo sobre estes tanto quanto contribui – para satisfazer os seus próprios fins – a sua manutenção e protecção. Esta forma de turismo justifica, de facto, os esforços que tal manutenção e protecção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios socioculturais e económicos que comporta para toda a população implicada.»*

Neste sentido, a utilização do monumento através do uso turístico deve sempre garantir a valorização da identidade cultural do mesmo, pois o património é um bem que reflecte a identidade de um determinado grupo social e, portanto, a sociedade possui esse direito ao património, não devendo ser-lhe negado. O turismo tem o dever de transmitir o conteúdo significativo do monumento através da oferta de actividades éticas sustentáveis à população.

Por outro lado, a estratégia de intervenção deve ser realizada com o objectivo de preservar e conservar o património em prol do seu valor económico.

Como referido anteriormente, é essencial que se definam estratégias de forma a delinear um projecto adequado às premissas existentes e, consequentemente, impedir que o património histórico seja destruído ou desvalorizado. Só deste modo será possível preservar a identidade do objecto, contribuindo assim para o seu desenvolvimento.

Para uma sociedade é imprescindível o cuidado e valorização do património. Este encontra-se intimamente ligado ao seu

passado e à sua história e é o que lhe concede identidade. Segundo Françoise Choay o conceito de Património Histórico,

*"Designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objectos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos."* (CHOAY, 2010: 11)

Entende-se por Património um conjunto de obras do passado definido por bens materiais, naturais ou imóveis que detêm um significado para uma determinada comunidade e no qual esta reconhece os seus valores e, conseqüentemente, se identifica. Por conseguinte, um edifício com carácter patrimonial funciona como um testemunho da história, pois este possui a capacidade de transportar as memórias do passado de um determinado grupo social e transpô-las no presente.

Embora estes 'documentos históricos' detenham grande importância, por uma razão ou por outra deixam de ter utilização e, como consequência, são entregues ao abandono, culminando em estruturas degradadas e em estado de ruína, como o caso do Hospital do Desterro. Estas práticas devem ser invertidas, optando-se pela requalificação do edifício como metodologia de intervenção no património, atribuindo-lhe um novo uso de modo a garantir a sua preservação, protecção, conservação e valorização.

A zona circundante ao quarteirão do Hospital do Desterro, precisamente a Avenida Almirante Reis, caracteriza-se pela sua

multiculturalidade vinda da grande afluência de imigrantes e a residência de uma população mais idosa. A consequente pobreza e a degradação da sua área envolvente são factores que contribuíram para o fechamento desta zona à cidade e aos restantes habitantes. Embora 'isolada', esta área encontra-se estrategicamente bem localizada, com proximidade dos pontos mais importantes de Lisboa, nomeadamente da Baixa-Chiado, do Castelo São Jorge, dos bairros típicos de Lisboa, e portanto, o turismo surge como uma opção de revitalização desta zona urbana, na medida em que pode restabelecer novas relações da Almirante Reis com a cidade através da atribuição de novos usos ao quarteirão do Hospital do Desterro, assim como da implementação de novos conhecimentos inerentes à actividade turística. Posto isto, ao reabilitarmos este espaço estamos também a devolver à população a sua identidade e, simultaneamente, a recriar novas vivências num espaço que se encontra actualmente desaproveitado e 'inconsciente' das suas potencialidades.



## INTERVIR NO PATRIMÓNIO

## 04 INTERVENÇÕES NO PATRIMÓNIO

### 04.1 EVOLUÇÃO INTERNACIONAL

A partir do Renascimento é notório o crescente interesse pelas construções da Antiguidade, sendo esta época, conhecida pela redescoberta e revalorização das referências culturais da antiguidade clássica, após sofrido um longo período de fé, que surge pela primeira vez a necessidade de começarem a olhar para os edifícios da Antiguidade Clássica com respeito. Nesta altura, a história aparece-nos como disciplina e a ideia da existência de um passado começa a ganhar força, sendo evidente a crescente valorização e estudo das obras antigas, definidas como “objectos de reflexão e contemplação.” (CHOAY, 2006: 45) Estes chamados ‘objectos’ encontram-se inseridos no conceito, emprestado de Alois Riegl (1858-1905), de **Património Histórico**, compreendido por Françoise Choay (1925) como:

*«A expressão designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objectos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos.»*  
(CHOAY, 2006: 11)

O conceito de Património Histórico resulta de um longo período de evolução que se inicia por uma afeição das civilizações antigas em relação a obras do passado. Inicialmente estas obras eram apelidadas de antiguidades mas, após a criação da história como disciplina, passaram a chamar-se de **monumentos**,



momento em que também passam a ser consideradas Património. Esta nova forma de olhar para a antiguidade clássica, reconhece e valoriza o passado prevalecendo então até ao séc. XVIII.

É neste mesmo século, devido aos vários acontecimentos passados nesta época, que começamos a observar uma mudança no que diz respeito à defesa do património. O acontecimento com mais relevância e que mais contribuiu para esta transformação foi a Revolução Francesa (1789).

*«No que concerne aos monumentos históricos, o período que se seguiu à Revolução foi desastroso pelas devastações e saques praticados contra obras de arte, no intuito de destruir e apagar os símbolos das antigas classes dominantes, nobreza e clero. Os edifícios medievais foram as principais vítimas, mas, na realidade, o desprezo por eles e as intervenções mutiladoras haviam sido uma constante, mesmo anteriormente, sendo comum a sua utilização como fonte de materiais de construção. Porém, a reacção ao 'vandalismo' revolucionário, que ameaçava expurgar de solo francês os remanescentes da arte medieval, resultou em incipientes oficiais tomadas por um Estado visando à tutela de monumentos históricos, levando à criação de legislação sobre o assunto.» (KÜHL, 2007: 110)*

No período pós-revolução é detectado por todo o país actos de vandalismo que levam à destruição do património existente. Numa tentativa de travamento desta devastação é dado início à criação da primeira legislação, estabelecida por normas que visam a conservação do património histórico, através da *Commission des Monuments* (1790) onde é elaborado um inventário do património histórico.

Ao longo do século XIX são destacados diversos teóricos que formulam as suas próprias ideias acerca do património e conservação. Precisamente na segunda metade do séc. XIX é possível observar dois movimentos adversos, por um lado, na França, Viollet-le-Duc (1814-1879) defende uma ideologia conhecida como **restauro estilístico** contrapondo-se inteiramente à **conservação estrita** ou o também chamado ruinismo de John Ruskin (1810-1900) na Inglaterra.

Viollet-le-Duc afirma:

*«Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo a em um estado completo que pode não ter existido nunca em nenhum momento.»* (VIOUET-LE-DUC, 1866: 14)

O autor, secundado por um profundo conhecimento de Arquitectura Medieval, suas tipologias e processos construtivos, defende um tipo de restauro onde é permitido a remoção de todos os acréscimos executados em épocas posteriores ao seu início, alegando serem desadequados e, deste modo, não correspondendo ao estilo do edifício. A historicidade do monumento acaba por passar para segundo plano em função da prioridade da reconstituição estilística. Acredita ser esta a única maneira do monumento ser lido como um testemunho do passado e deste modo imprescindível para a percepção da sua identidade e história.

*«Restaurar um edifício quer dizer reintegrá-la em um estado completo, que pode não ter existido nunca em um dado tempo»* (VIOUET-LE-DUC, 1866: 29)

A ideia de Viollet-le-Duc é a de guiar o monumento até ao seu estado mais puro, sendo que o arquitecto responsável pelo restauro do mesmo deveria 'vestir' a pele do arquitecto da obra original e tentar perceber quais seriam as suas ideias e tentar reconstruí-las no monumento, sem nunca acrescentar o seu contributo pessoal.

Em contrapartida John Ruskin,

*«Um dos maiores mentores da nova ordem patrimonial (...) um dos maiores líderes da elite patrimonial europeia, como que um apóstolo da conservação e da não-intervenção» (CUSTÓDIO, 2010: 58)*

Foi considerado o expoente da conservação estrita, movimento que defende que o edifício seja alvo apenas de pequenas operações básicas de manutenção e conservação, para que sejam evitadas degradações, rejeitando assim qualquer intervenção estilística por parte do arquitecto, afirmando que deste modo o monumento perderia a sua **autenticidade** enquanto obra de arte. Salienta ainda que o monumento tem direito à ruína.

*«A arquitectura seria tanto mais nobre quanto mais evitasse todos estes procedimentos falsos (...) a restauração é a destruição do edifício, é como tentar ressuscitar os mortos. É melhor manter uma ruína do que restaurá-la» (RUSKIN, 1989)*

Para Ruskin, não há melhor forma de destruição de um monumento que a sua restauração, esclarecendo que as únicas e imprescindíveis operações de conservação a serem realizadas no monumento devem ser imperceptíveis, ou seja,

praticamente invisíveis ao olhar de qualquer um. O restauro é comparado a um ressuscitar dos mortos, e os edifícios, tal como os seres vivos, têm o direito a morrer:

*"(...) É impossível, tão impossível como ressuscitar os mortos, restaurar o que foi grande ou belo na arquitectura"* (RUSKIN 1989: 195)

O autor declara ainda que o edifício contém história, não se for preservado como era no seu momento inicial mas sim com todas as marcas que lhes estão associadas, adquiridas ao longo das épocas.

No final do séc. XIX e início do séc. XX, mas desta vez em Itália, surge a síntese de **Camillo Boito** (1835-1914). Responsável pela teoria do **restauro filosófico**, Boito apoiou-se na prática de Alfredo de Andrade (1839-1915), arquitecto português que trabalhou em Turim na redacção da primeira *Carta do Restauro* de 1883, como também nos conceitos de restauro de Viollet-le-Duc e nas ideias passivas de Ruskin. Apologista da conservação, reconheceu a importância das ideias de Le-Duc, defendendo a intervenção e manutenção como medida de salvaguarda dos monumentos, mas apenas quando esta aparentasse ser a única solução possível. Mas em contrapartida era contra a reconstrução baseada em referências estilísticas ausente de qualquer prova física ou documental.

*«É necessário fazer o impossível, é necessário fazer milagres para conservar no monumento o seu velho aspecto artístico e pitoresco (...) é necessário que os complementos, se indispensáveis, e as adições, se não podem ser evitadas, demonstrem não ser obras antigas, mas obras de hoje»* (BOITO, 2003: 60,61)

Uma vez que seja necessária a intervenção, esta deverá ser o menos invasiva possível como também bem diferenciada da obra antiga, todos os componentes adicionados devem marcar a sua própria época, de modo a evitarem-se os restauros estilísticos que considera serem uma falsificação dos monumentos. Para Boito, o monumento deve ser tomado não só como um testemunho artístico mas também como um testemunho histórico de forma a garantir a sua autenticidade.

Ainda em Itália e no seguimento das ideias de Camillo Boito surge **Luca Beltrami** (1854-1933) com o **restauro histórico**. Este tipo de restauro consiste na reconstrução ou mesmo na construção de partes do edifício que nunca tenham sido construídas. Mas ao contrário das teorias que defendia Le-Duc, onde este se baseava apenas em pressupostos, no restauro histórico é necessário um conhecimento profundo do monumento, e sustentado por provas físicas ou documentos verossímeis e também por uma análise prévia ao objecto a ser reconstruído pois, o que se pretende é que o restauro seja o mais verdadeiro possível, contrariando directamente as teorias do restauro estilístico. Embora este método fosse baseado em factos e, portanto, rigoroso, os resultados nem sempre foram os mais positivos, "talvez devido à falta de experiência na interpretação dos dados históricos ou por insuficiência desses mesmos dados." (LUSO 2002: 28)

**Gustavo Giovannoni** (1873-1947) deixa a sua marca na primeira metade do séc. XX onde desenvolve o conceito de **restauro científico**, baseado nas teorias de Camillo Boito. Conhecido por ser o autor do conceito de património urbano, defende

que a salvaguarda seja também afectada à envolvente urbana do monumento, garantindo deste modo a sua identidade. Mais tarde este conceito acaba por ganhar uma maior escala, abrangendo maiores áreas.

Por sua vez, o restauro científico compreende a intervenção mínima sobre o monumento, recorrendo à conservação e manutenção como última hipótese de salvaguarda. Os pequenos acrescentos necessários à sua intervenção deveriam ainda estar devidamente identificados e datados só, assim, sendo possível preservar a sua autenticidade como obra de arte, evitando desta forma o restauro estilístico de Viollet-de-Duc.

Em relação ao monumento, Giovannoni faz a distinção entre 'monumentos mortos' e 'monumentos vivos'. Os primeiros designam edifícios representativos de culturas passadas, nomeadamente ruínas, que acabam por não possuir qualquer utilidade funcional. Por outro lado, os segundos são atribuídos a edifícios de origem cultural ocidental e cristã que ainda suportam o seu uso original, possibilitando deste modo a sua reutilização com programas funcionais semelhantes ao original, evitando que o monumento seja alvo de excessivas transformações.

Giovannoni deteve um papel vital no desenvolvimento da teoria do restauro devido à sua grande influência no *Congresso de Atenas* em 1931, de onde resultou a **Carta de Atenas** (1931), o primeiro documento internacional de princípios para a conservação dos monumentos. A carta teve como base as teorias de restauro científico advogadas pela escola italiana de Boito e Giovannoni, elegendo sempre a manutenção e conservação

regular do monumento como meio de salvaguarda.

*«O usufruto ritualizado e a sua preservação co-natural dos monumentos e envolvente através do seu uso foi a meta eleita para estas grandes intervenções.»* (Paulo Pereira in CUSTÓDIO, 2010: 272)

Segundo a *Carta de Atenas*, o edifício deve ser reutilizado, mantendo sempre que possível o seu uso original ou, em alternativa, funções semelhantes que possibilitem a integração no monumento sem que este sofra excessivas transformações. A valorização da envolvente do monumento é tida em conta, exigindo aos arquitectos responsáveis pelo restauro uma reflexão sobre novas construções a terem lugar nas imediações do mesmo. A utilização de novas técnicas e materiais modernos é permitida desde que não afectem o carácter e a identidade da obra de arte. Para que estes sejam integrados da melhor forma, é necessário um estudo prévio e respectiva análise do edifício de modo a que o processo de restauro a ser realizado seja o mais adequado, pois, cada obra de arte contém as suas próprias particularidades.

*«Cada bem patrimonial tem uma característica muito peculiar, é o único e não se trata de um acessório que pode ser intermutável. Ademais, estes recursos são extremamente frágeis às acções naturais e humanas que podem modificar a sua matéria, forma ou significado.»* (Guilherme d'Oliveira Martins in CUSTÓDIO, 2010: 347)

Contudo, é igualmente essencial que estas ideias sejam transmitidas à população, demonstrando a importância da protecção do monumento para que se evite más utilizações

e, consequente, degradação dos monumentos, seja pela passagem do tempo, seja pela mão humana.

Posteriormente, os conceitos de restauro redigidos na Carta de Atenas sofrem algumas modificações com a eclosão da II Guerra Mundial. Foram diversas as cidades destruídas pela guerra, muitas construções ficaram completamente devastadas enquanto outras sofreram profundos danos. Perante este cenário de destruição, em que vários monumentos históricos ficaram devastados, surge a necessidade de renovar as teorias do restauro, surgindo novos problemas que, em certos casos, extravasavam as pequenas intervenções para a conservação dos monumentos descritas na *Carta de Atenas*.

Após a guerra e, com a sensação de perda, o valor artístico adquire mais importância que o valor histórico, erguendo-se uma vontade de recuperação do monumento a esse nível.

**Cesare Brandi** (1906-1988), um dos grandes protagonistas de teorias do restauro e autor de *Teoria do restauro* (1963), apresenta nesta altura uma perspectiva do restauro atenta ao resultado estético final. A orientação de Brandi dirigia-se para as Obras de Artes, principalmente a pintura e a pintura decorativa, mas os conceitos conheceram grande divulgação e tornaram-se universais, aplicáveis também no âmbito da arquitectura. Da análise do objecto e da selecção crítica do que manter, conservar, corrigir ou alterar nasceu o conceito do **restauro crítico**.

«O restauro constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dupla polaridade estética e histórica, com vista à sua



*transmissão para o futuro» (BRANDI, 2006: 4)*

Até à época, a valorização da componente histórica na conservação prevalecia sobre qualquer outra, não deixando transparecer a componente estética do monumento enquanto obra de arte. Porém, Brandi defende que o restauro deve ser analisado como um todo, valorizando de igual maneira a parte artística do monumento sem deixar que a verdade histórica do mesmo seja posta em causa.

Assim sendo, com base nestes critérios, o restauro crítico consiste na análise crítica e científica da obra de arte realizada por diversos especialistas de variadas áreas com o intuito de se alcançarem soluções adequadas a cada caso particular.

*«O restauro deve visar o restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isto seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem apagar nenhum sinal da passagem da obra de arte no tempo» (BRANDI, 2006: 6)*

Deste modo, quando feita uma intervenção sobre uma obra de arte, esta deve ser ínfima e deve garantir que a reconstituição das partes seja feita com distinção da original, nomeadamente na diferença dos materiais. No entanto, Brandi defende que esta diferenciação deve ser perceptível apenas quando observada ao perto, afirmando que os tons dos novos materiais deverão ter uma luminosidade muito próxima da componente envolvente, afirmando ser este o meio para se conseguir restabelecer a unidade potencial da obra de arte, como refere anteriormente.

Ainda com o momento de rescaldo da guerra que se vivia na época, torna-se importante analisar se as partes desaparecidas

possuem valor de obra de arte ou não.

*«Ora, nem em sede histórica, nem em sede estética se pode conseguir legitimar a substituição como uma cópia, a não ser quando a obra de arte substituída tem uma função de elemento integrante, e não vale por si só. A cópia é um falso histórico e um falso estético e por isso pode ter uma justificação puramente didáctica e rememorativa, mas não se pode substituir sem dano histórico e estético ao original.»* (BRANDI, 2006: 64)

Segundo Cesare Brandi, caso os componentes desaparecidos não detenham qualquer valor é possível proceder à sua reconstrução, caso contrário, se esses mesmos elementos forem considerados obras de arte, a sua reconstrução está fora de hipótese, sendo considerada uma cópia e, consequentemente, pondo em causa a própria veracidade do monumento.

Para reforçar as teorias de Brandi sobre a intervenção na obra de arte, são de salientar duas condições indispensáveis, citadas pelo mesmo em *Teoria do Restauro*:

*«(...) A obra de arte chega até nós como um circuito fechado, como algo em que só temos o direito de intervir sob duas condições: para a conservar o mais possível íntegra; para a reforçar se necessário, na sua estrutura material periclitante. Conservá-la íntegra, portanto, surge como um conceito oposto à repriminção<sup>1</sup>, mesmo que possa parecer que, em certos casos, as operações necessárias para a conservação e para a repriminção sejam as mesmas»* (BRANDI, 2006: 86)

<sup>1</sup> "Reproposição (reconstrução) do objecto ou de suas partes em falta através da produção de uma nova materialidade substitutiva das originais, em propostas fundamentadas num conhecimento preciso do objecto de arte tal como o seu autor o configurou, assim como das modalidades empregues na sua produção e materialização."

Estes princípios não são esquecidos e servem também de base na elaboração da nova carta internacional, resultante do II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos, que teve lugar em Veneza em Maio de 1964. Deste congresso, nasce então a **Carta de Veneza** (1964) sobre a *Conservação e Restauro dos Monumentos e dos Sítios*.

O monumento que até à data apenas abrangia obras arquitectónicas isoladas passa agora a englobar «o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural.» (CARTA DE VENEZA, 1964: Art. 1º) Este critério resulta assim, num dos maiores contributos para a restauro visto que a anterior Carta de Atenas apenas fazia referência aos monumentos artísticos e históricos.

Em relação à conservação do monumento, é exigida uma manutenção permanente do mesmo e, em termos funcionais, a sua reutilização deve garantir que o novo programa proposto seja adequado às especificidades do monumento e não o oposto, ou seja, o monumento não deve ser transformado em prol de um programa inadequado.

A Carta de Veneza defende ainda que o restauro deve ser uma operação com “carácter excepcional”, ou seja, só devemos proceder ao restauro do monumento quando o que está em causa é a sua conservação e a valorização dos seus “valores estéticos e históricos”. Porém, a intervenção deve sempre respeitar a matéria original como também as contribuições que

o monumento foi adquirindo ao longo das épocas, uma vez que estes elementos fazem parte da história do edifício.

No caso de ser necessário recorrer à reconstituição, os novos elementos devem ser integrados de forma harmoniosa, porém, distintos dos originais, *«a fim de que o restauro não falsifique o documento de arte e de história.»* (CARTA DE VENEZA, 1964: Art. 12º) Como afirma Cesare Brandi:

*«(...) Devemo-nos limitar a favorecer a fruição daquilo que nesta e que da obra de arte nos é apresentado, sem integrações analógicas, de modo a que não possam surgir dúvidas sobre a autenticidade de uma qualquer parte da própria obra de arte (...) Qualquer eventual integração, mesmo que mínima, deverá ser facilmente identificável»* (BRANDI, 2006: 88)

Uma vez fundamentado o restauro, os novos elementos empregues no monumento podem ser concebidos com recurso a técnicas modernas de conservação uma vez que as técnicas tradicionais se revelem desapropriadas. Contudo, os acrescentos apenas serão consentidos uma vez que *«respeitem todas as partes interessantes do edifício, seu esquema tradicional, o equilíbrio de sua composição e suas relações com o meio ambiente.»* (CARTA DE VENEZA, 1964: Art. 12º)

Por conseguinte, todas as intervenções, quer sejam elas de conservação ou restauro, deverão estar descritas num documento que inclua todas as fases de transformação do monumento, acompanhadas das respectivas fotografias e desenhos, tal como defendia Boito em 1883.

Com efeito, devido à possibilidade de se introduzirem

novas técnicas e materiais contemporâneos às obras de intervenção em preexistências, houve um despertar do arquitecto restaurador para a «*criação e contraste estéticos atraentes, em termos formais-espaciais, de texturas, de cores, de luz, enfim, de todas as matérias fundamentais da criação arquitectónica.*» (José Manuel Fernandes in CUSTÓDIO, 2010: 239) Como consequência destes processos de intervenção que tinham como base a utilização de materiais contemporâneos, surge o conceito de “integração por contraste”, onde a ideia de criação de novas formas de expressão e espaços arquitectónicos contemporâneos conjugados e articulados com a preexistência começa a ganhar uma nova perspectiva por parte do arquitecto.

*«Assim se deixava ‘respirar’ o edifício histórico – nos seus valores reais e nos seus componentes matéricos – enquanto a parte nova se afirmava de forma mais livre e esbelta, sem os constrangimentos de imitar, de seguir a forma anterior.»* (José Manuel Fernandes in CUSTÓDIO, 2010: 239)

Posteriormente, a aplicação prática dos princípios da *Carta de Veneza* que durante décadas orientaram as intervenções patrimoniais a nível internacional, quer na conservação e no restauro quer na reabilitação, começam nas décadas de 80/90 a levantar dúvidas quanto aos resultados. Esta ocorrência deve-se ao pós-modernismo e, conseqüentemente, às contradições das intervenções concretas acompanhadas da “evolução cultural, social e política internacional em geral” que se verificava na época. Com o tempo, os conceitos vão sendo afinados e surge, mais tarde, em 2000, a ***Carta de Cracóvia*** sobre os *Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído*,

interpretando um dos mais recentes documentos constituídos por normas e leis sobre o tema da conservação e restauro do património construído.

Esta Carta surge como uma continuação da *Carta de Veneza*, onde se desenvolve alguns dos conceitos presentes na mesma, embora mantendo presente o respeito tanto pelas contribuições de todas as épocas como pelas diferenças entre as preexistências e as construções contemporâneas.

A Europa, naquela altura, caracterizava-se pela sua diversidade cultural, e como tal, pela sua multiplicidade de valores inerentes ao património que acabavam por gerar uma série de divergências no que diz respeito aos interesses de cada um. Assim sendo, cada comunidade, com base na sua memória colectiva deve ser responsável pela gestão e identidade do seu património cultural.

Em termos práticos, a Carta defende a possibilidade de recorrer a diversos tipos de intervenção para a conservação do património, nomeadamente «*ao controlo do meio ambiental, a manutenção, a reparação, o restauro, a renovação e a reabilitação.*» (CARTA DE CRACÓVIA, 2000: Art. 1º) Porém, devido à exigência destes procedimentos, é defendida a necessidade de realizar investigações e análises prévias e também um acompanhamento rigoroso por técnicos de diversas áreas associados a cada tipo de processo de modo a que a intervenção a executar seja a mais apropriada ao imóvel em questão. Contudo, a intervenção deverá ser a mínima necessária, apenas com o fim de retardar o processo natural de degradação do mesmo.

Quando falamos do processo de reconstrução, este apenas deve ser aplicado a partes muito limitadas de um edifício e quando, respectivamente, fundamentadas por documentos autenticados. Portanto, este é um procedimento que deve ser fortemente evitado quando associado a uma parte significativa do imóvel.

No caso de ser indispensável para a integração do edifício o acrescento de elementos espaciais, estes devem sempre garantir uma linguagem contemporânea. Ainda assim, todos os acrescentos e/ou alterações feitas ao imóvel deverão ser facilmente identificados.

A utilização de materiais modernos pode ser empregue no edifício desde que não ponha em causa a preservação dos materiais originais, respeitando a autenticidade do mesmo. Todavia, os novos materiais devem possuir um carácter reversível, ou seja, o edifício pode futuramente voltar ao seu estado inicial.

Por outro lado, as técnicas utilizadas nos procedimentos de conservação requerem um estudo prévio de modo a se estabelecerem métodos e objectivos para o procedimento do "projecto de restauro".

Na atribuição de um uso programático ao monumento, este deve garantir a sua total adaptação, mostrando ser compatível com o mesmo tanto a nível espacial como significativo e nunca ao contrário, isto é, não deve ser o monumento a se adequar ao programa proposto.

As intervenções localizadas na cidade histórica devem ainda manter o respeito pela envolvente, tendo em conta «a morfologia,

*as funções e as estruturas urbanas, na sua interligação com o território e a paisagem envolventes.» (CARTA DE CRACÓVIA, 2000: Art. 8º) Contudo, os edifícios localizados nestas zonas podem «não se destacar pelo seu valor arquitectónico especial, devem ser salvaguardados como elementos de continuidade urbana, devido às suas características dimensionais, técnicas, espaciais, decorativas e cromáticas, elementos de união insubstituíveis para a unidade orgânica da cidade.» (CARTA DE CRACÓVIA, 2000: Art. 8º)*

Cada conjunto patrimonial deve garantir a sua sustentabilidade financeira, tanto da obra a realizar como do futuro uso a atribuir ao edifício, porém, *«deve, não só verificar a sustentabilidade das opções estratégicas que assume, como prever o processo de gestão de futuras alterações, ligando as questões da conservação do património aos aspectos económicos e sociais.» (CARTA DE CRACÓVIA, 2000: Art. 8º)*

A Carta de Cracóvia contém, em anexo, algumas palavras-chave pertinentes e respectivas definições que dizem respeito ao tema do restauro.

**Património:** é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização destas obras como património é, assim, um processo que implica a selecção de valores.

**Monumento:** é uma entidade identificada como portadora de valor e que constitui um suporte da memória. Nele, a memória reconhece aspectos relevantes relacionados com actos e pensamentos humanos, associados ao curso da história e,



todavia, acessíveis a todos.

**Autenticidade:** é o somatório das características substanciais, historicamente provadas, desde o estado original até à situação actual, como resultado das várias transformações que ocorreram no tempo.

**Identidade:** entende-se como a referência colectiva englobando, quer os valores actuais que emanam de uma comunidade, quer os valores autênticos do passado.

**Conservação:** é o conjunto das atitudes de uma comunidade que contribuem para perpetuar o património e os seus monumentos. A conservação do património construído é realizada, quer no respeito pelo significado da sua identidade, quer no reconhecimento dos valores que lhe estão associados.

**Restauro:** é uma intervenção dirigida sobre um bem patrimonial, cujo objectivo é a conservação, da sua autenticidade e a sua posterior apropriação pela comunidade. Projecto de restauro: o projecto, resultante das opções de conservação, é o processo específico através do qual a conservação do património construído e da paisagem são realizados com sucesso.

## 04.2 CONTEXTO NACIONAL

Inicialmente no séc. XVII o conceito de património traduzia-se pela designação de “antiguidade”,

*«Ao longo da história foi-se consolidando a noção de “obra de arte”, que distingue certos objectos de outros, devido ao deleite estético que provocam. Paralelamente, surge a noção de “antiguidade” associada a objectos feitos ou construídos por pessoas que já faleceram, objectos esses que adquiriram valor com o decorrer do tempo e como testemunho de uma época passada.»* (José Manuel Fernandes in CUSTÓDIO, 2010: 248)

No séc. XIX, surge Alexandre Herculano (1810-1877), com a preocupação em salvaguardar os bens e a identidade patrimonial bem como a valorização da história do nosso país. Esta vontade em salvar o património encaminha-o para a protecção dos monumentos, elementos essenciais à identidade do país.

*«(...) os monumentos transmitiam o carácter dos indivíduos, dos povos e das nações. Ou seja, eram suportes de uma identidade, da identidade da nação.»* (José Manuel Fernandes in CUSTÓDIO, 2010: 23)

Todavia, foram vários os acontecimentos que conduziram ao abandono e à inadequação de usos dos monumentos e consequente destruição do património. Em primeiro lugar, a revolução liberal em 1820, posteriormente, a Guerra Civil (1832-1834) e, por fim, a extinção das ordens religiosas em 1834, resultando na nacionalização dos bens, em que muitos dos conventos e mosteiros foram vendidos pelo Estado com o

intuito de se reverterem em quintas. Mas o interesse dos novos proprietários recaía apenas sobre a produção agrícola, servindo o edifício apenas de abrigo, o que levou à degradação e abandono dos imóveis.

Em contrapartida, os monumentos que permaneceram à guarda do Estado acabaram por ter uma nova utilização, adquirindo novos usos como hospitais, quartéis e universidades. No entanto, os seus interiores sofreram diversas alterações de adequação às novas funções e, em alguns casos, até as próprias fachadas foram transformadas.

A elaboração das cartas de restauro, que residiam na organização de leis e normas com base nos raciocínios estudados por diversos teóricos ao longo do tempo, serviram de base às intervenções e metodologias a serem implementadas em cada país. Devido ao movimento Romântico do séc. XIX, «os primeiros responsáveis de restauro em Portugal procuravam mais reconstituir do que propriamente restaurar, aproximando-se bastante dos métodos de Viollet-le-Duc» (RODRIGUES, 1995), verificando-se nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX uma grande procura pela restituição da obra com apoio nos conceitos de Le-Duc. Como exemplos deste tipo de intervenção, podemos referir o Mosteiro dos Jerónimos, o Mosteiro da Batalha como também a Sé de Lisboa.

No início do séc. XX surgem as primeiras leis consideradas realmente eficazes, sobre a salvaguarda do património. Em 1929, herdeira da *Administração Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais* (AGEMN) criada em 1920, nasce a *Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* (DGEMN), organização

portuguesa focada na salvaguarda do monumento histórico, sobretudo no enaltecimento da valorização histórica. A DGEMN passa a ser a entidade responsável por todas as obras de intervenção a realizar em monumentos e edifícios classificados, constituindo-se no braço executor da política patrimonial do Estado Novo.

Posteriormente em, 1935 surge o primeiro boletim a englobar o registo das intervenções de restauro através de documentação escrita e fotográfica. Os conceitos sobre o restauro descritos neste mesmo documento constituem a base dos critérios de restauração da DGEMN. Podem ser lidos na primeira edição do mesmo, enunciados pelo engenheiro Henrique Gomes da Silva, director-geral da DGEMN até 1960.

*«Importa restaurar e conservar, com verdadeira devoção patriótica, os nossos monumentos nacionais, de modo que, quer como padrões imorredouros das glórias pátrias que a maioria deles atesta, quer como opulentos mananciais da beleza artística, eles possam influir na educação das gerações futuras, no duplo e alevantado culto da Religião da Pátria e da Arte; o critério a presidir a essas delicadas obras de restauro não poderá desviar-se do seguido com assinalado êxito, nos últimos tempos, de modo a integrar-se o monumento na sua beleza primitiva, expurgando-o de excrescências posteriores e reparando as mutilações sofridas, quer pela acção do tempo, quer por vandalismos dos homens; serão mantidas e reparadas as construções de valor artístico existentes, nitidamente definidas dentro de um estilo qualquer, embora se encontrem ligadas a monumentos de caracteres absolutamente opostos» (SILVA, 1935)*

As intervenções de restauro praticadas nesta época dão continuidade aos processos realizados no séc. XIX, por outras palavras, a ideia de recuperação do monumento primitivo subsiste, procedendo-se à eliminação dos elementos acrescentados posteriormente à sua construção.

*«Apesar da fórmula romântica de “reintegração na feição primitiva” ser invocada em quase todas as intervenções, na prática prevaleciam critérios díspares, por vezes ambíguos, mas atentos às circunstâncias de cada projecto. No geral, recusavam a invenção aleatória e procuravam recuperar a “traça original” empregando processos de desocultação que eliminavam os estratos mais recentes, entre os quais os elementos decorativos e os revestimentos datados da época moderna, na altura pouco valorizados pela histografia da arte.» (Miguel Tomé in CUSTÓDIO, 2010: 169-179)*

No entanto, os imóveis a receberem estas intervenções de restauro são sobretudo monumentos de origem medieval com base na sua história e significado simbólico. Estes actos de reconstituição do monumento por demolição eram justificados pela necessidade de recuperação das exemplares acções heróicas dos antepassados com o *«intuito de educar e avivar o espírito do povo português.»* (NETO, 2001: 13)

*«A “verdade” do monumento deduzia-se não pela proximidade ao modelo ideal, mas da sua vocação simbólica, ou seja, da capacidade para detorar a mensagem primitiva, a função militar. E, nesta condição de ícone, encontrava sentido pela inscrição numa paisagem sobre a qual projectava a sua própria identidade.» (Miguel Tomé in CUSTÓDIO 2010: 171)*

Este tipo de intervenções fez acompanhar toda a etapa do Estado Novo (1933-1974). Embora dissolvidas, só no fim da ditadura as mesmas passam por algumas contradições, nomeadamente através das críticas de Raul Lino (1879-1974) que protesta contra a 'unidade de estilo' integrada nos conceitos de J. Ruskin e Camillo Boito e, em alternativa, procura difundir a ideia da conservação do monumento e da valorização das intervenções de diferentes épocas.

*«Por sua vez, ao “Estado Novo” interessava cuidar dos monumentos como suporte da “Memória” dos momentos gloriosos da Nação.»* (NETO, 2001: 161) Como consequência, a utilidade dos monumentos é posta em causa e, os imóveis restaurados são convertidos em equipamentos de uso público, enquanto os religiosos são destacados para servirem *«fins assistenciais, sociais e sanitários e também de turismo e lazer»* (NETO, 2001: 163), culminando na transformação de vários mosteiros e conventos com o fim de integrarem novas práticas, o que muitas vezes levou à sua descaracterização.

Já na década de 60 Portugal caracteriza-se por uma maior influência internacional tanto ao nível do Restauro como da Arquitectura e acaba por participar num dos mais conceituados congressos internacionais – Congresso Internacional de Veneza de 1964 - demonstrando uma necessidade de procura pelos conhecimentos acerca da salvaguarda do património, de modo a conjugar estes novos critérios no contexto nacional. Embora com as vantagens da internacionalização, este processo vem despoletar o *«afastamento cultural entre a sociedade contemporânea e a sua História.»* (ABREU, 1996: 32)

Com o fim do regime do Estado Novo, em 1974, e as consequentes transformações que o país sofreu, são definidos pela DGEMN novas práticas de restauro que visam o respeito pelos elementos de diferentes épocas assim como pela valorização da identidade e valor histórico do monumento, contrariamente ao que se assistia em épocas anteriores. Pedro Abreu como defensor deste tipo de intervenções salienta na sua tese a importância dos contributos de todas as épocas.

*«O foco da questão é não esquecer nada, não censurar nada, não esquecer nem censurar sobretudo a nossa Tradição e o nosso Presente e, fazendo assim, aceitar e agradecer tudo, todos os contributos, quer venham de fora, quer de dentro, mas criticamente.»* (ABREU, 1996: 32)

Nos finais da década de 80 assiste-se a uma preocupação na evolução do pensamento referente à *«reutilização dos monumentos e à compatibilidade da obra nova com a memória recente ou longínqua.»* (Paulo Pereira in CUSTÓDIO, 2010: 268) Porém, através de ajudas financeiras comunitárias nasce a oportunidade de se realizarem intervenções nos monumentos, atribuindo-lhes o uso hoteleiro, garantindo ao edifício uma mudança natural de usos sem causar grandes danos ao mesmo. Esta época fica então conhecida pelo início da criação de Pousadas. Os critérios de restauro atribuídos a estas obras eram baseados na Carta de Veneza, recorrendo à inserção de obra nova em harmonia com a estrutura preexistente, tendo em conta que *«os programas de afectação dos monumentos a pousada eram quase sempre incompatíveis com a realidade física das preexistências.»* (Paulo Pereira in CUSTÓDIO, 2010: 268)

Embora aqui se fale da reconversão de monumento a pousada nos anos 80 é de referir que este tipo de intervenção teve lugar na década de 50 até à década de 70 com a diferença de que não incluíam a construção de obra nova.

*«Já com obra nova de linguagem contemporânea, foram objecto deste tipo de intervenção, de iniciativa estatal ou paraestatal, o Castelo de Cerveira, o Mosteiro de Santa Marinha da Costa, o Mosteiro da Flor da Rosa (...), e o Mosteiro de Santa Maria do Bouro. A questão que se colocou na altura em que estes programas foram decididos foi a da possibilidade de reabilitação destes monumentos através da sua adaptação a pousada, uma vez que se encontravam em situação considerada crítica. O facto de esta acção ter sido desencadeada pelo Estado, motivou um surto de pretensões idênticas de conversão hoteleira de velhos e desafectos conventos e mosteiros um pouco por todo o País (...)» (Paulo Pereira in CUSTÓDIO, 2010: 268)*

Ainda na década de 80, no pós-modernismo, surge um novo tipo de intervenção definido por **Fachadismo**. A base deste conceito consiste numa prática arquitectónica em que se faz a separação entre o espaço interior e a fachada do edifício. A razão deste processo visa a adaptação do imóvel à nova função e às consequentes exigências contemporâneas, uma vez que se tornam *«incompatíveis com a organização do seu espaço interior, provocando violentos confrontos estruturais.»* (TOMÉ, 2002: 228) Em contrapartida a sua fachada é mantida com o fim de preservar a imagem da cidade histórica. Em suma, este processo pretende manter a imagem exterior do edifício ao mesmo tempo que integra uma nova função.



Em Braga, o Banco Borges & Irmão do arquitecto José Gigante representa um dos projectos mais coerentes de reconversão de usos no que diz respeito à manutenção da fachada do edifício em contraste com a transformação do interior para adaptação da nova função.



O projecto de reabilitação de Álvaro Siza no Chiado, embora não comportasse uma desconexão da fachada com o seu interior, apresenta a fachada como o elemento principal no processo de reabilitação.

15. Fotografia do Banco Borges & Irmão, 1979-1985.

16. Pormenor da fachada.

*«O autor manifestou aqui o reconhecimento da fachada como um dos elementos mais importantes na caracterização conceptual do próprio plano pombalino e o garante da unidade*

*figurativa na Baixa Pombalina, entendida aqui como um edifício único. A reconstituição dos alçados resultou de um processo de reintegração estilística metodologicamente próximo dos restauros filosóficos dos anos 30.» (TOMÉ, 2002: 229)*

Após as práticas de restauro dos anos 80 e 90 verifica-se uma maior iniciativa no que diz respeito à conservação do património por parte de diversas organizações públicas e privadas. Contudo, a DGEMN, até agora única responsável por estas práticas por parte do Estado, ganha em 1980 um 'rival', o IPPC (Instituto Português do Património Cultural), com um objectivo unicamente normativo, ou seja, sem competências de intervenção, que mais tarde é substituído pelo IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico), extinto em 2007. Nesse mesmo ano o IPPAR e o IPA (Instituto Português do Património) fundem-se gerando uma nova entidade, o IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico), responsável pela salvaguarda do património.

*«Após a 'revolução' da Carta de Veneza, rapidamente se modificaram os critérios de intervenção do estado, e se ensaiaram novas práticas modernas de actuação (...) e este caminho 'descendente' tem-se constituído num autêntico processo até chegar à actual situação de quase completa 'desregulação' de critérios patrimoniais (como aliás em muitos outros sectores da vida das sociedades contemporâneas), e dos documentos perspectivas estéticas em que cada situação construtiva e/ou recuperação e restauro constitui um caso.» (José Manuel Fernandes in CUSTÓDIO, 2010: 239,241)*

O IGESPAR é extinto em 2012 e no seu lugar é criada a DGCP, Direcção Geral do Património Cultural, juntando as

competências da DGEMN e do IGESPAR.

Embora feito um esforço para actualizar as normas internacionais, estes documentos encontram-se em declínio e, como consequência, tem-se verificando ao longo dos anos em Portugal uma grande diversidade de práticas de intervenção. Até mesmo a *Carta de Cracóvia* (2000), que integra uma das mais recentes normativas relativas à conservação e restauro do património construído e incute nos seus preceitos soluções mais abertas à modernização das obras, acentuando a participação das comunidades locais, não conseguiu mudar esta propensão. Na actualidade verifica-se uma tendência na liberdade de interpretação da doutrina, que é também cada vez mais completa, exigindo ao autor uma maior responsabilidade. O responsável pelo restauro faz a sua interpretação consoante o caso, pois «cada bem patrimonial tem uma característica muito peculiar, é o único e não se trata de um acessório que pode ser intermutável.» (Guilherme de Oliveira in CUSTÓDIO, 2010: 347)

### 04.3 EXEMPLOS PRÁTICOS

Após realizada uma análise relativamente à evolução dos conceitos de intervenção no Património, tanto a nível internacional como nacional, o presente capítulo pretende demonstrar exemplos reais de projectos de reabilitação sobre obras de arquitectura em Portugal que traduzem às mesmas práticas que o trabalho em curso, e que resultaram a nível urbano, pois são casos emblemáticos da Arquitectura Portuguesa na reconversão de estruturas patrimoniais a pousadas.

Os casos de estudo abordados, posteriormente, estão integrados nas Pousadas de Portugal e, como tal, pretende-se numa primeira fase definir o conceito de Pousada.

*«Na linguagem portuguesa corrente, o termo “Pousada” evoca uma ideia de pausa, de paragem. De certa maneira, ela restitui-nos o sentido da arte e do prazer de viajar. As Pousadas são lugares que apelam aos sentidos. Não basta falar delas, contar a sua história ou descrever a paisagem que rodeia cada uma. É preciso viver o espírito das Pousadas, assente no conceito diferenciado e inimitável do bem servir e receber.» (POUSADAS. PT)*

Efectivamente, estas integram um relevante papel no que diz respeito à protecção do património cultural e à arquitectura, uma vez que através da reabilitação é possível preservar o seu conteúdo e salvaguardar o seu valor histórico.

Todavia, quando falamos de reabilitação e adaptação de preexistências quer seja em pousadas ou hotéis, interessa estudar e perceber quais as necessidades e exigências nos dias

de hoje. Por esta razão, torna-se pertinente a realização de uma análise sobre intervenções de reabilitação, onde são expostos diversos casos de reconversões em unidades hoteleiras que, conseqüentemente, constituem uma base de referência ao desenvolvimento prático do projecto.

Depois de realizada uma análise de vários projectos de arquitectura foram seleccionados três:

- A Pousada de Estoi em Faro, do arquitecto Gonçalo Byrne;
- A Pousada da Flor da Rosa do Crato em Portalegre, do arquitecto João Luís Carrilho da Graça;
- A Pousada de Viseu, do arquitecto Gonçalo Byrne.

A escolha das pousadas tem em conta o facto de se tratar de intervenções realizadas em património religioso com o fim de reconverterem em unidades hoteleiras. Consideram-se exemplos de boas práticas arquitectónicas, em que o elemento contemporâneo surge como uma mais-valia de forma a respeitar e a valorizar o elemento preexistente. Nestes casos as estruturas religiosas apresentam semelhanças físicas com o objecto prático em desenvolvimento e os conceitos empregues nas suas concepções são análogos aos pretendidos no trabalho.

(Página seguinte)

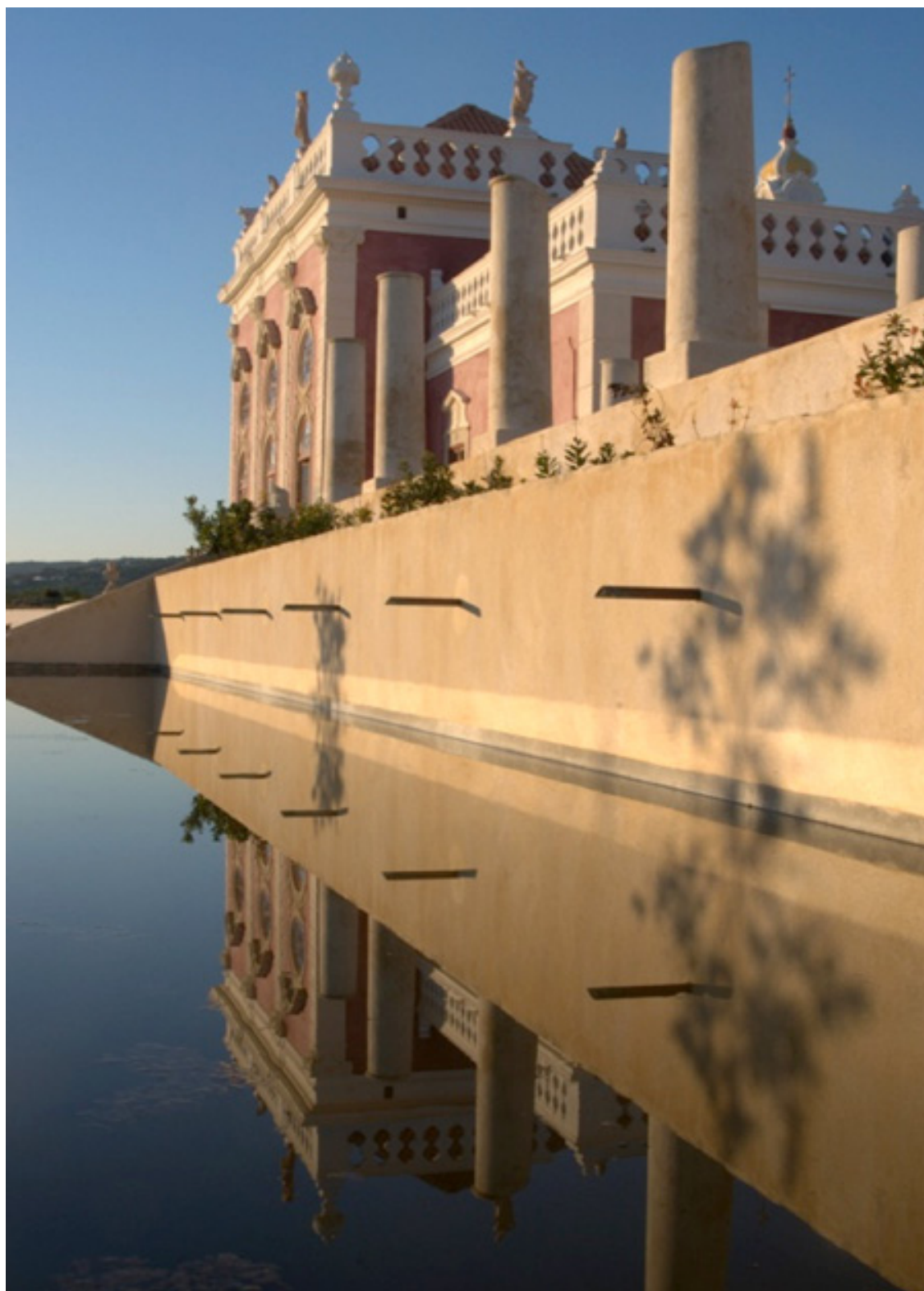
17. Pousada de Estoi, Arq. Gonçalo Byrne.

18. Pousada da Flor da Rosa do Crato, Arq. Carrilho da Graça.

19. Pousada de Viseu, Arq. Gonçalo Byrne.







## POUSADA DE ESTOI

A Pousada de Estoi fica localizada em Faro, erguida no antigo palácio de Estoi construído em finais do século XIX. Em 1909 as obras do Palácio foram terminadas seguidas de uma celebração com uma grande festa que teve lugar nos jardins do mesmo.

Inicialmente, o Palácio de estilo Rococó pertencia à família do Visconde de Estoi e 100 anos depois, já no séc. XX, foi comprado pelo Estado que, posteriormente, autorizou a sua reconversão em unidade hoteleira, entregando o projecto da nova pousada ao arquitecto Gonçalo Byrne.

A integrar a obra faz parte o edifício preexistente – o palácio – com respectivos jardins, ao estilo de Versalhes, contrastando com o elemento contemporâneo projectado pelo arquitecto. Na base do projecto de Byrne está a intenção de «reforçar a centralidade do palácio e o seu relacionamento com os jardins dos quais constitui a parte estruturante» (BYRNE, 2003) de modo a valorizar a construção preexistente. A proposta da nova

20. (Página anterior) Pousada de Estoi.

21. O jardim ao estilo de Versalhes.





construção pretende intensificar essa centralidade pelo que o arquitecto propõe a criação de um volume contemporâneo, sóbrio e discreto, constituindo uma mais-valia para todo o conjunto arquitectónico. Por outro lado, a intervenção sobre os elementos antigos reside em obras de recuperação e restauro, nomeadamente sobre o palácio, cavalariças e jardins.

Em relação à distribuição programática da pousada, a entrada principal faz-se por um arco antigo que coliga directamente ao corpo novo, dando acesso directo à recepção. Deste ponto é feita a distribuição para o antigo palácio, que integra zonas de estar, nomeadamente salões, salas de chá e o restaurante, como para a nova ala, onde se encontram os quartos e restantes zonas comuns, que desfrutam de uma vista privilegiada sobre Estoi. Este novo corpo é projectado sobre um sistema de socacos com cobertura ajardinada que faz como que uma continuação dos jardins do palácio, reforçando a centralidade do edifício antigo, como referido anteriormente. As antigas cavalariças e

**22.** Zona da piscina exterior, espaço contemporâneo.

**23.** (Página seguinte) Cobertura ajardinada do volume contemporâneo.

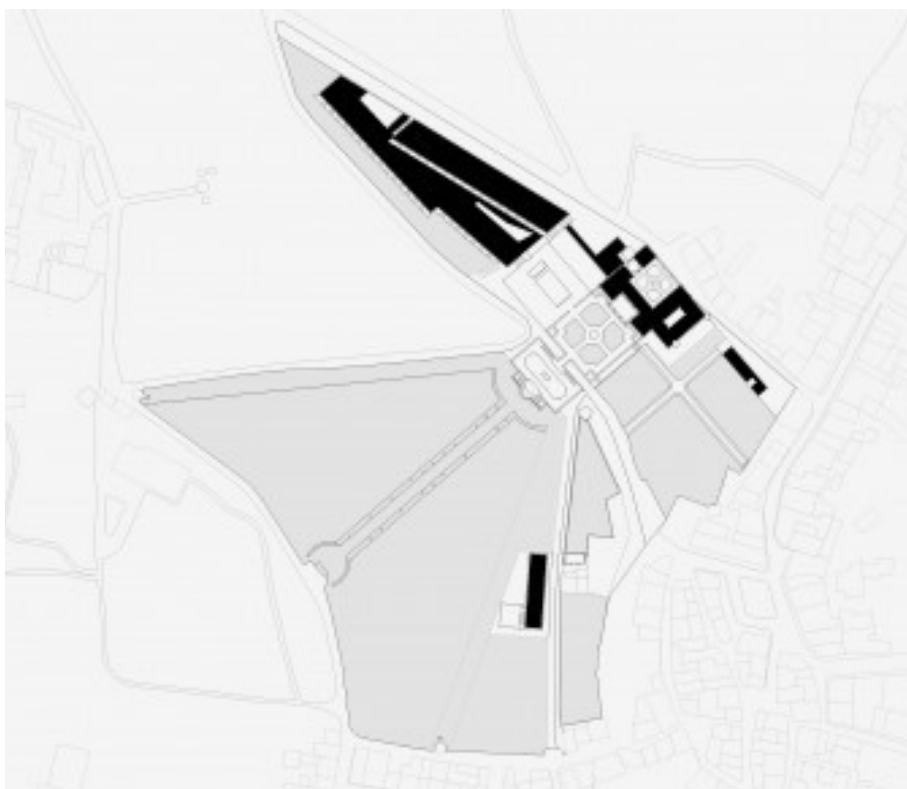




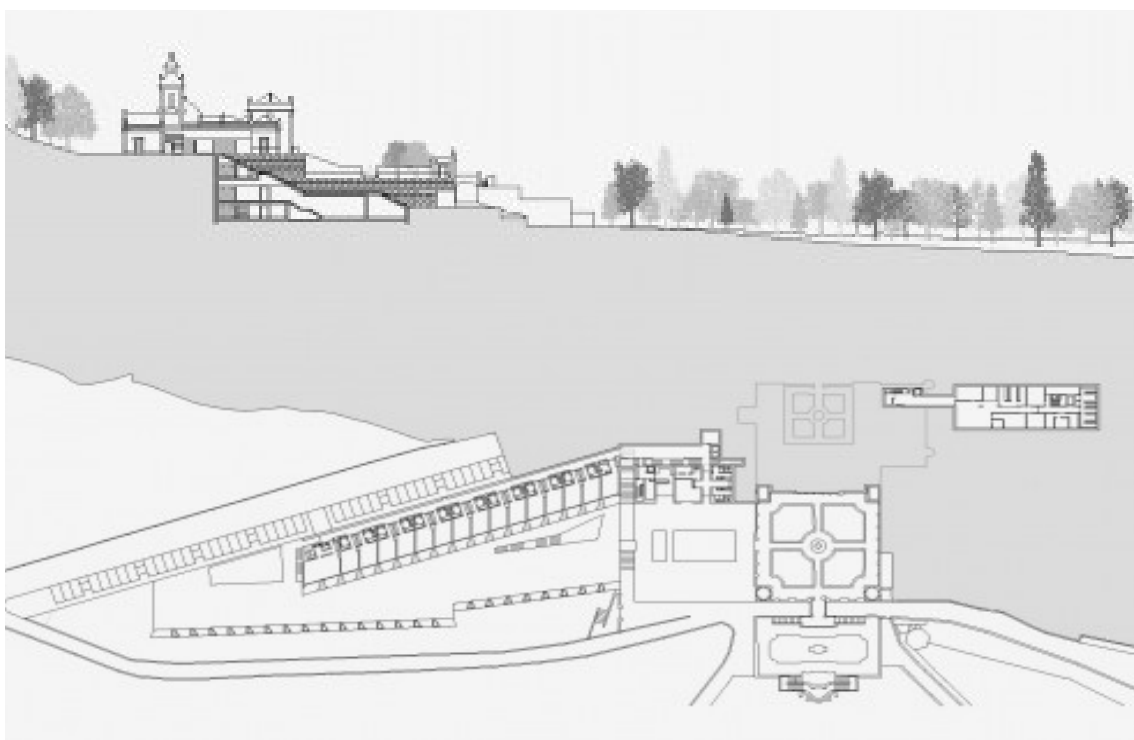
vacarias, localizadas mais a Sul do palácio, são reconvertidas pelo arquitecto em espaços destinados a eventos.

Segundo Byrne, o principal objectivo do projecto consiste na criação de uma pousada de sublime qualidade, apesar da sua aparência exterior ser bastante discreta. Refere ainda que a integração de um novo elemento visa a valorização tanto do edifício antigo como do contemporâneo, no sentido de destacar a identidade do património de Estoi. Como menciona o arquitecto,

*«A mais-valia acrescentada ao conjunto patrimonial existente resulta precisamente da recusa na disputa de um protagonismo visual, harmonizando arquitecturas de tempos diferentes no sentido da valorização de ambas e reforçando significativamente a atractividade patrimonial de Estoi.» (BYRNE, 2003)*



24. Planta de implantação da Pousada de Estoi.  
25. Corte transversal.  
26. Planta do piso -1.







## POUSADA DA FLOR DA ROSA DO CRATO

Localizada no Alto Alentejo, mais precisamente em Portalegre, a Pousada do Crato encontra-se acomodada no antigo Mosteiro da Ordem do Hospital de Flor da Rosa. O Mosteiro foi mandando construir no séc. XIV por Frei Álvaro Gonçalves Pereira, pai do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, Prior da Ordem, onde, posteriormente, vem fixar a sua residência.

Fundado em 1356, o mosteiro era composto por três corpos distintos, a igreja-fortaleza e um paço-acastelado de estilo gótico combinado com as dependências conventuais de estilo renascentista e mudéjar. Contudo, devido às ampliações realizadas no conjunto, este começou a adquirir outros estilos, nomeadamente o manuelino.

Já em 1534, por ordem do Prior do Crato, foi fundado no mosteiro um colégio de Teologia para cerca de trinta religiosos.



27. (Página anterior) Pousada da Flor da Rosa.  
28. Preexistência.



Posteriormente, o mosteiro é atingido pelo terramoto de 1755, onde são provocados alguns danos no edifício como também por uma derrocada em Janeiro de 1897, devido a um grande temporal que contribuiu para o desabamento da cabeceira da igreja do mosteiro, o que levou a serem executadas diversas obras de melhoramento no edifício.

Porém, entre estes dois acontecimentos, no ano de 1834 são extintas as ordens religiosas e o mosteiro passa a servir de residência a D. Álvaro, último senhor feudal de Flor de Rosa.

Em 1910 o Mosteiro é decretado Monumento Nacional e trinta anos depois, já em 1940, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) dá início às obras de restauro da cabeceira da igreja e das restantes partes que se encontravam arruinadas, nomeadamente as coberturas, os terraços, os pavimentos, etc., e, finalmente, em 1988 são dadas por finalizadas as obras.

Passados apenas dois anos, em 1990, é dado início às obras de construção da Pousada do Crato, finalizadas então em 1994, a cargo do arquitecto José Luís Carrilho da Graça.

Na obra de reconversão são realizados diversos processos de renovação, recuperação e ampliação nas preexistências, em paralelo com a construção de um novo corpo, completamente contemporâneo, que se liga harmoniosamente ao antigo mosteiro.

Por conseguinte, todo o conjunto da pousada é constituído pelo Paço acastelado, pela Igreja de Santa Maria, pelas dependências conventuais e por fim pelo novo elemento



29. 'Toque' do edifício contemporâneo com a preexistência.

contemporâneo projectado pelo arquitecto. Na composição do Paço podemos observar três torres, todas elas de diferentes alturas, que integram a fachada principal, direccionada a Sul, sendo que pela torre mais baixa, a Oeste, acontece a entrada principal de acesso à pousada.

A entrada principal dá acesso a um átrio onde podemos directamente aceder à antiga igreja e ao claustro. A igreja caracteriza-se pelo seu elevado pé direito e pela ausência de adornos. Posteriormente, segue-se o claustro de planta quadrada, rodeado pela igreja, pela recepção e por uma zona de exposição. Na zona da recepção podemos contemplar o diálogo entre o antigo e o contemporâneo sóbrio – “simples e minimalista” - alcançado através de um grande envidraçado, dando a percepção de que os dois volumes não se tocam. O arquitecto consegue desta forma criar a ligação entre os dois corpos, realçando harmoniosamente as arquitecturas de tempos diferentes, com o fim de as valorizar individualmente.





O acesso ao edifício contemporâneo é igualmente feito pela recepção e nele podemos encontrar a maioria dos quartos da pousada, bem como diversas salas, o restaurante, o bar e a piscina. Os restantes quartos, que compõem o conjunto hoteleiro, encontram-se alojados nas torres do mosteiro e são de tipologia *suite*.

30. Volume contemporâneo, fachada dos quartos.

Nas palavras do autor,

*«A insólita implantação na planície, a hibridez do carácter – guerreiro, monástico e palaciano – o claustro mediterrâneo e a torre setentrional constroem o enigma.*

*A primeira vista é labiríntica. Mais tarde podem ir-se descobrindo a luz e a altura da igreja, as pedras e as suas relações. O entrecostar de fragmentos de épocas tão diversas é unificado pelo granito.*

*Os arqueólogos dizem-nos que desde o séc. XIII e entrecortadamente até hoje, sempre se desenrolaram obras no*

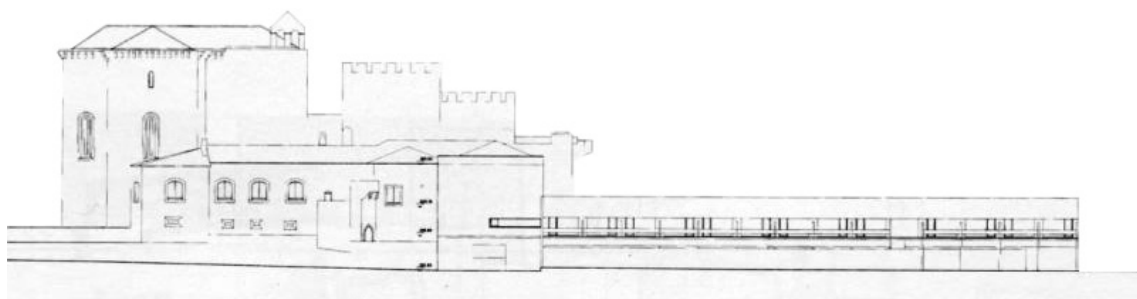
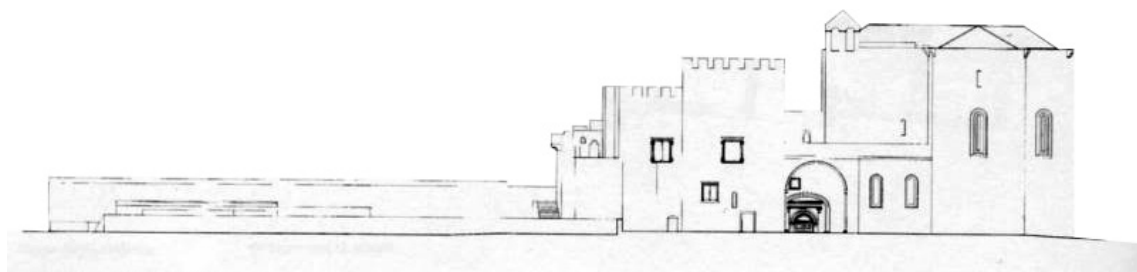
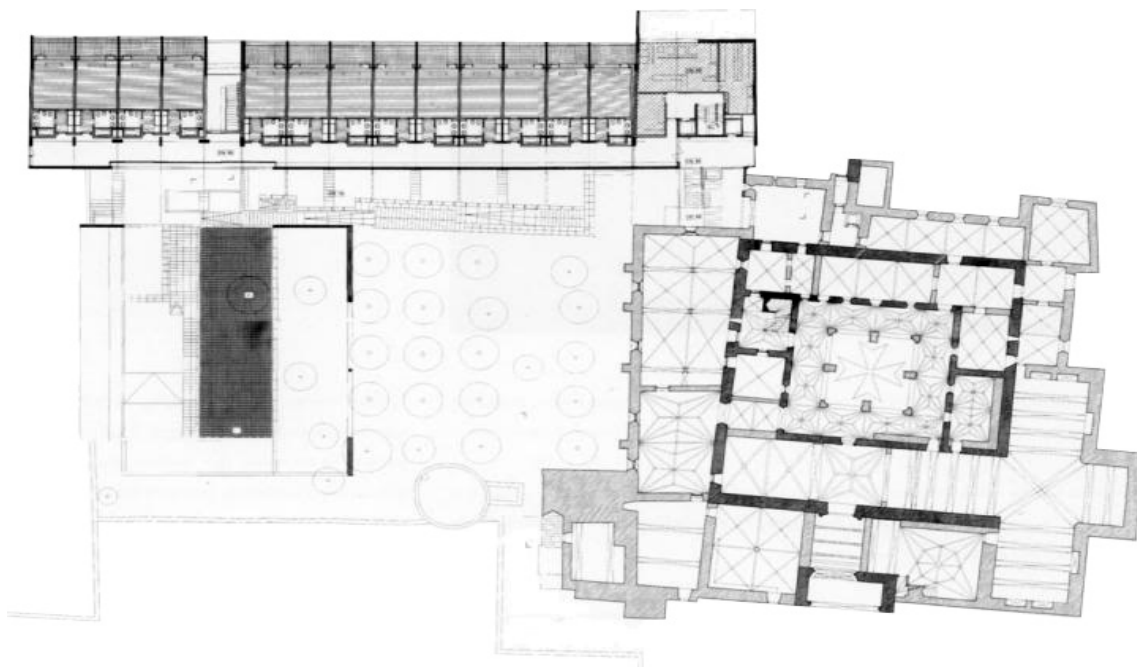
*mosteiro. Nos anos quarenta do nosso século estava o edifício quase totalmente arruinado, com a igreja destruída.*

*Apesar de tudo o que agora encontramos, parece-nos bastante perfeito. Perfeito como objecto de contemplação e visita. Até a falta das caixilharias nos vãos sublinha a harmonia da sua respiração.*

*A obra desenrola-se. A arqueologia ensina-nos a olhar para as pedras. O objectivo do projecto é intensificar a possibilidade de visita do edifício existente, privatizando-o e ocupando-o menos possível, relendo-o e abrindo-o a novas leituras.» (GRAÇA, 2001: 31)*

31. Vista sobre a planície.





- 32. Planta piso térreo.
- 33. Alçado Norte.
- 34. Alçado Sul.





## POUSADA DE VISEU

A Pousada de Viseu, projectada pelo Arquitecto Gonçalo Byrne, insere-se no antigo Hospital de São Teotónio de estilo neoclássico, considerado um dos maiores marcos da arquitectura civil em Portugal.

O edifício do antigo hospital, localizado em Viseu, mais precisamente nas imediações do centro histórico, é datado do séc. XVIII e em 1842 abriu portas à cidade como Antigo Hospital da Misericórdia, conhecido por todos como o “Hospital Novo”. E só em Fevereiro de 1863 passou a ser intitulado de Hospital de S. Teotónio. O encerramento do mesmo ocorreu em 1997 e somente em 2009 voltou a abrir portas, desta vez como Pousada de Viseu.



35. (Página anterior) Pousada de Viseu.

36. Antigo Claustro da Pousada.



Inserido num terreno privilegiado, de cota mais elevada, a pousada disfruta de uma relação de vistas onde lhe possibilita “ver e ser visto” (BYRNE, 2004) de outros pontos igualmente elevados da cidade de Viseu. Tendo em conta o processo arquitectónico atribuído a esta obra - reconversão de hospital em pousada – a ideia residiu em manter quase intacta a sua relação visual e volumétrica com a restante envolvente. Aquando da intervenção, o antigo hospital encontrava-se não só em bom estado como também a sua tipologia se adequava bastante bem ao programa proposto – unidade hoteleira - apresentando características semelhantes às de uma pousada.

Em 2004 inicia-se a fase de projecto a cargo de Gonçalo Byrne, tratando-se duma regeneração urbana em terreno devoluto que, consequentemente, viria a contribuir para a revitalização urbana da cidade. A pousada é constituída apenas por um grande volume, o antigo Hospital de S. Teotónio, onde a ideia base consiste em manter a configuração inicial do edifício,

37. Entrada principal, lado Nascente e Sul.





38. Principal polo vertical de acesso.

deixando intactas as fachadas do mesmo, enquanto no interior a ideia seria a de proceder à 'limpeza' de todas as áreas, mantendo apenas as paredes estruturantes, as escadarias em pedra e toda a zona do claustro.

Em relação à distribuição programática, o acesso principal ao interior do hotel é feito pela fachada Norte - coroada por três estátuas representativas da Fé, da Esperança e da Caridade - através de uma zona de jardim, por onde também é constituída a entrada de automóveis e respectivo acesso ao parque de estacionamento. A nível de acessos verticais, apenas foi acrescentado, devido à regulamentação em vigor, mais quatro polos de escadas colocados em congruência com as escadas de pedra originais.

No piso térreo a Sul encontramos a área principal de serviços do hotel, enquanto a restante área é constituída pelas zonas públicas e sociais, nomeadamente recepção, salas multiusos e de estar, um restaurante, um bar com acesso ao exterior e, por fim, instalações sanitárias. A zona central deste mesmo piso é



destacada pelo antigo pátio, transformado pelo arquitecto num espaço interior, através da implementação de uma estrutura de lanternins na cobertura. Este amplo espaço com carácter multifuncional serve como uma grande sala de recepção e estar, podendo também ser utilizado para outras actividades ligadas ao hotel.

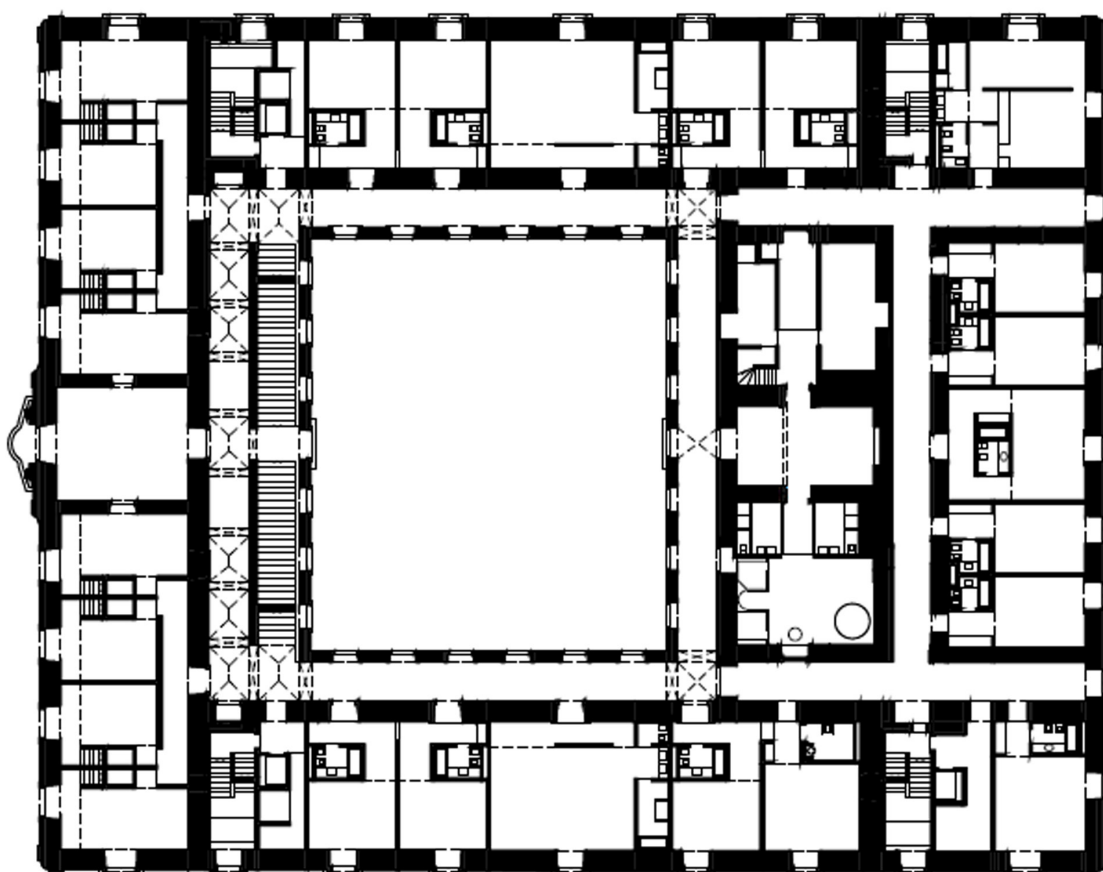
Os restantes pisos do edifício são destinados aos quartos, num total de 83 unidades, spa e restantes zonas de serviço. Os quartos são organizados segundo a métrica dos vãos da fachada em conjunto com as circulações de acesso exigidas por lei e respectivas normas de segurança.

No último piso, correspondente à cobertura, foram retirados os telhados provenientes do antigo hospital e substituídos por uma nova ala de quartos com tipologia com terraço exterior. Deste modo, foi possível recuar a fachada correspondente a este último piso em relação à cornija exterior, que acabou por funcionar como guarda aos terraços. Tendo em conta a total remodelação deste piso, Byrne optou por uma linguagem contemporânea onde projectou uma frente toda em vidro com uma cobertura executada numa espécie de fibrocimento em tom cinza.

No projecto são de destacar a grandiosidade dos espaços arquitectados por Byrne como também a inserção harmoniosa dos elementos contemporâneos minimalistas em relação às preexistências.

39. Zona de circulação do último piso.

40. Planta do piso 2.





*«A técnica de defender os monumentos não é copiar, é fazer o contraste»*  
(Oscar Niemeyer)



41. Perspectiva aérea do Quarteirão do Hospital do Desterro.  
42. Fachada principal do hospital.

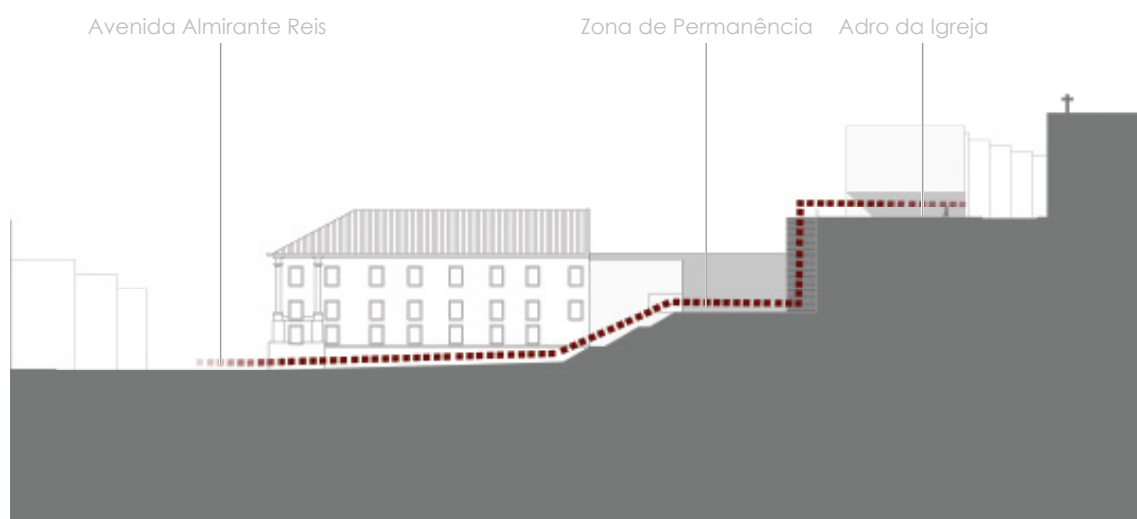
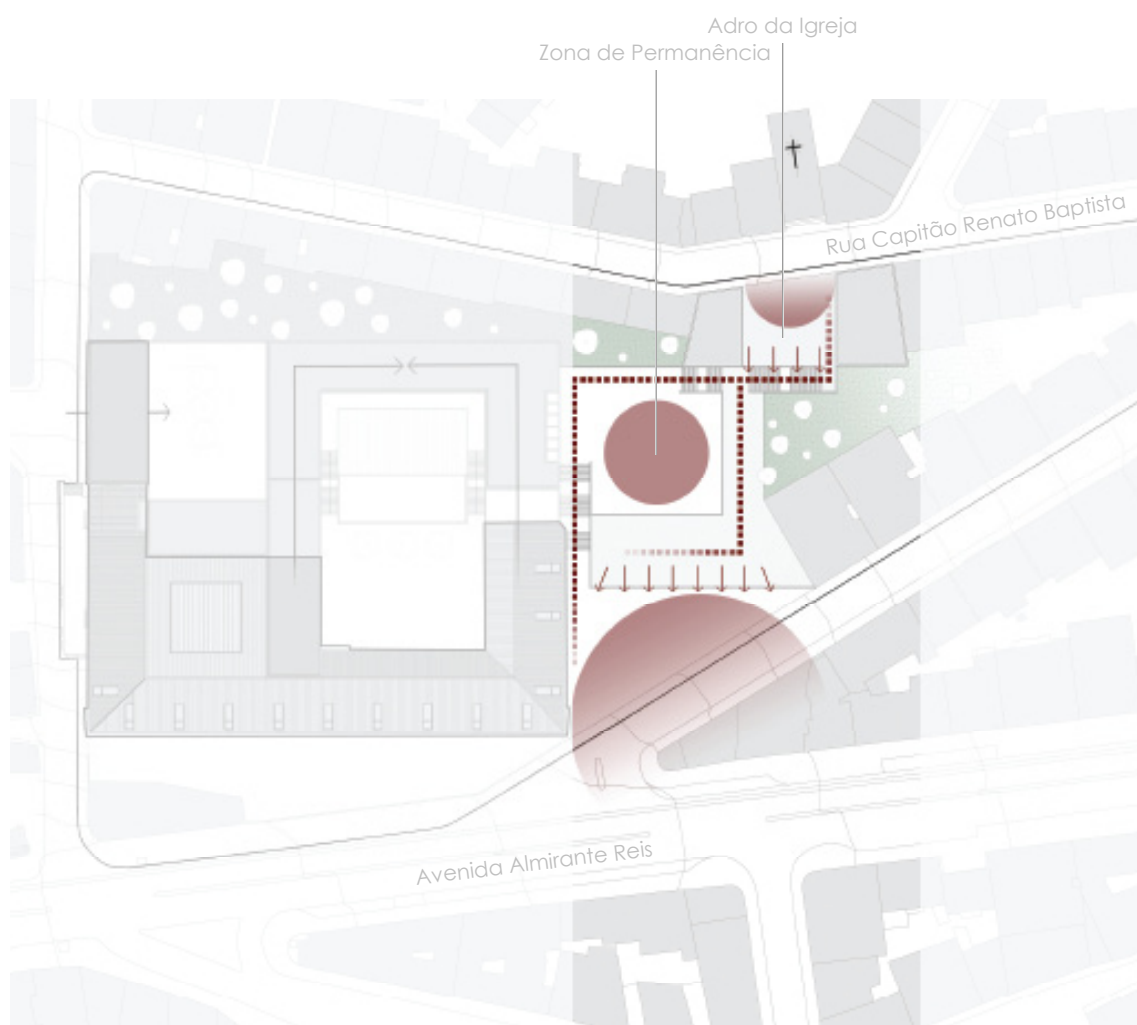
## 05 APLICAÇÃO PRÁTICA DO PROJECTO | HOSPITAL DO DESTERRO

O Hospital do Desterro, inserido na Colina de Santana encontra-se encerrado desde 2007. Torna-se pertinente intervir nesta antiga estrutura conventual por duas razões: a primeira, porque ao encontrar-se sem qualquer uso e efectivamente abandonado, o edifício irá degradar-se com o tempo até cair na ruína; por outro lado, como já referido anteriormente, esta zona da cidade encontra-se actualmente desvitalizada e a inserção de um novo projecto nesta área urbana iria trazer não só benefícios económicos ao local como também uma nova vivência no quarteirão do antigo hospital e, simultaneamente, potenciar novas relações com a cidade.

Por sua vez, o projecto de reconversão do antigo hospital em hotel pretende ser exemplo para as restantes estruturas patrimoniais que se localizam na colina e que, futuramente, serão encerradas devido à construção no novo Hospital de Todos-os-Santos.

Ao realizar uma intervenção num edifício de carácter patrimonial como o Hospital do Desterro, torna-se indispensável gerar estratégias de sustentabilidade que permitam ao edifício ser preservado e, simultaneamente, valorizado. É indispensável manter a identidade do edifício através da relação que mantém com o seu passado.

## INTERVIR NO PATRIMÓNIO





## 05.1 PROPOSTA URBANA

Numa abordagem geral tornou-se relevante estabelecer uma relação do interior do quarteirão do Hospital do Desterro com os espaços envolventes para que este vazio urbano fosse revitalizado e, consequentemente, mais aberto à população e à cidade.

Num primeiro momento procede-se à 'limpeza' do quarteirão, retirando todos os excedentes de barracões que foram construídos ao longo do tempo e que não mantêm qualquer relação lógica com a antiga estrutura conventual. Após efectuada a remoção, é possível obter-se uma visão mais clara da preexistência e, simultaneamente, deixando o edifício 'respirar'.

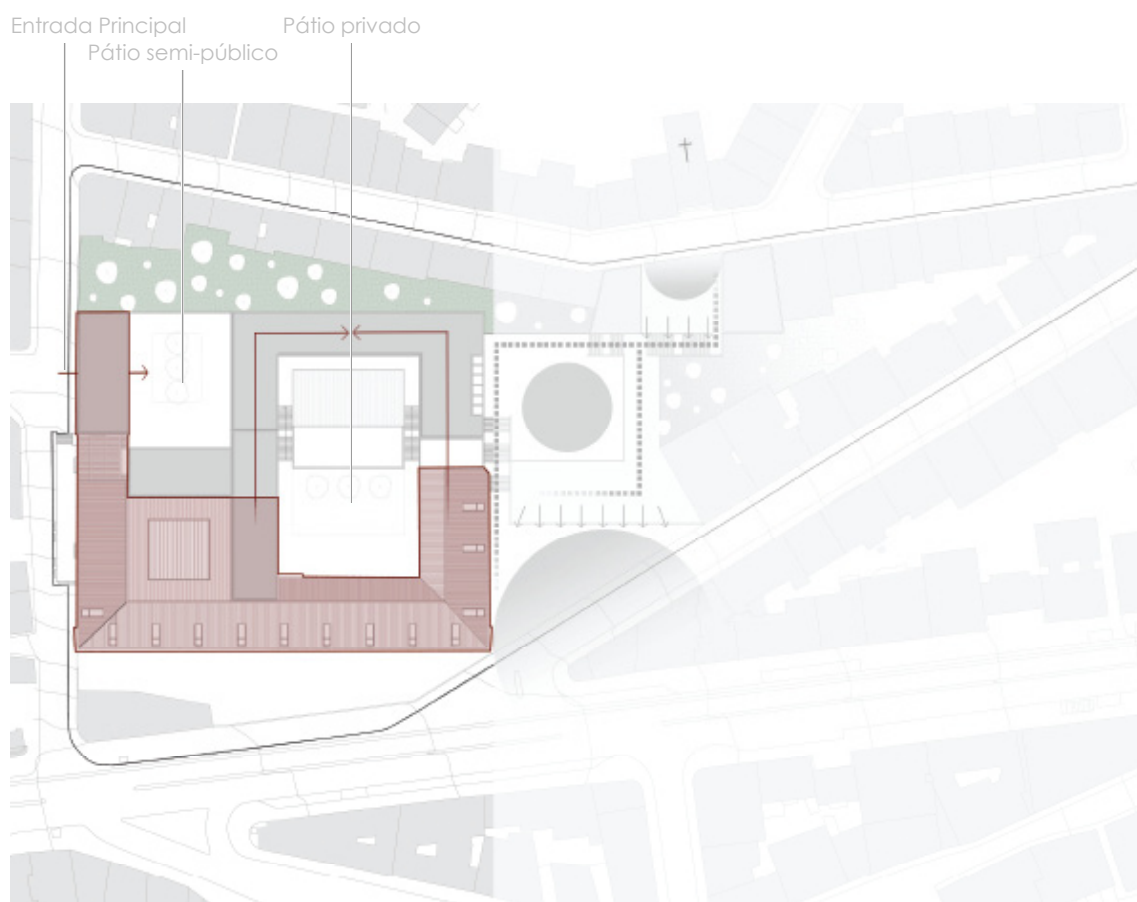
Propõe-se a divisão do quarteirão em dois espaços distintos, um mais privado, correspondente à estrutura do hotel - que será o pólo a desenvolver no decorrer do trabalho -, e um mais público, situado a norte do quarteirão. Uma vez que se pretende a revitalização deste espaço e a promoção de novas vivências, o espaço público é desenhado com o intuito de se abrir à envolvente, através da ligação espacial estabelecida entre a cota mais baixa, correspondente à Avenida Almirante Reis, e a cota mais alta, Rua Capitão Renato Baptista, sendo que nesta última cota é projectado um adro que serve de apoio à igreja do Coração de Jesus e Maria Imaculada. Para além de juntar estas duas cotas, o espaço intermediário é destinado à permanência, onde são introduzidos estabelecimentos públicos e criados espaços de lazer compostos por zonas de jardim e miradouros sobre a cidade, beneficiados pelas vistas que o sítio oferece.

(Página anterior)

43. Proposta para a zona pública.

44. Corte transversal pela zona pública.





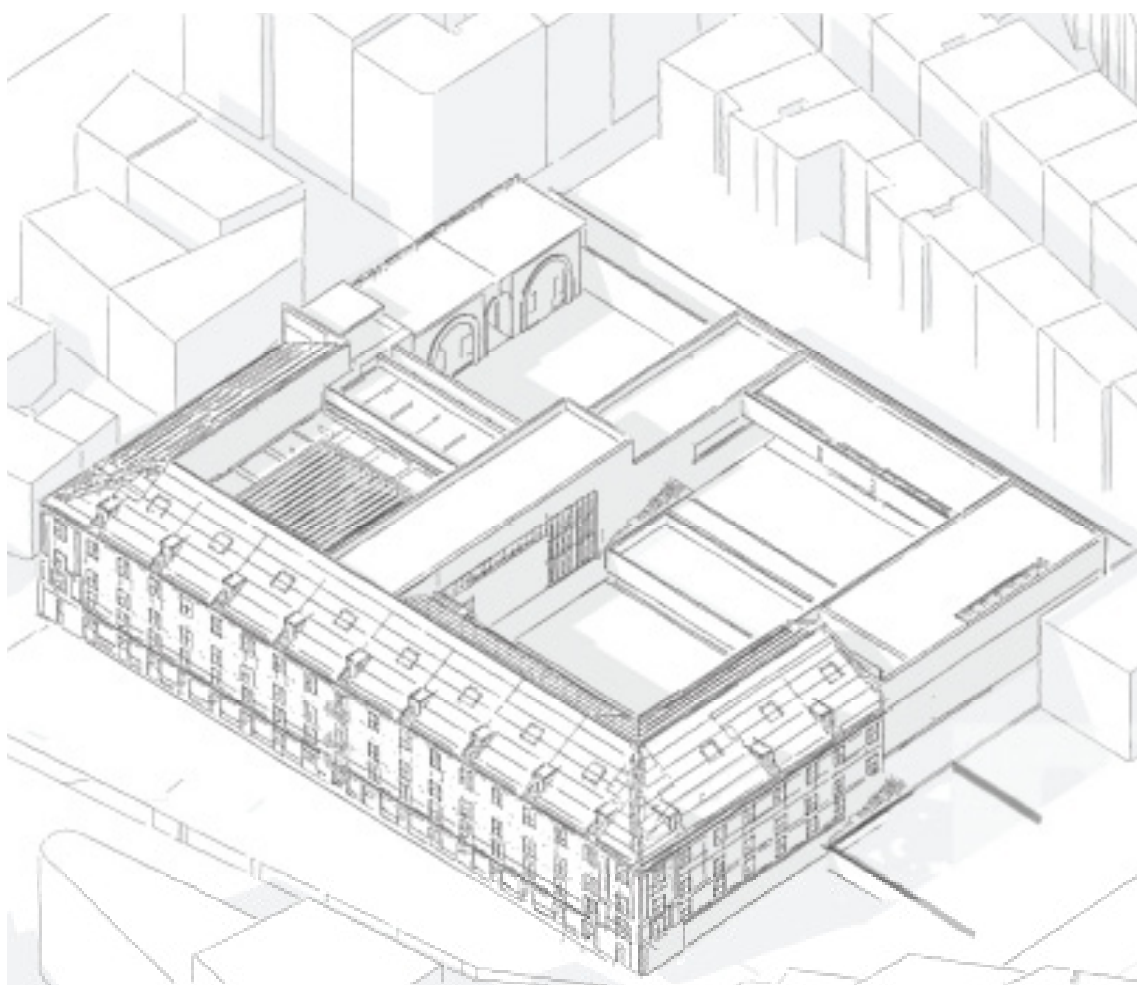
No desenvolvimento do pólo que alberga a unidade hoteleira, torna-se imprescindível a construção de novos elementos, a conjugar com a obra antiga, uma vez que um programa de reconversão de monumento a hotel é muitas vezes incompatível com a realidade física da preexistência.

45. Proposta para a zona do hotel.

Os volumes que integram o hotel são constituídos pelo antigo convento, sendo esta a estrutura que mais se destaca pela sua grandiosidade, pela forte presença histórica que detém e pelos elementos contemporâneos colocados estrategicamente no terreno, funcionando como um prolongamento dos braços da preexistência e que encerram sobre si todo o espaço destinado ao hotel. A sua disposição garante ainda a ligação entre a

obra já existente e a nova, como também gera dois pátios distintos, um semipúblico por onde é feita a entrada principal de acesso ao hotel e um outro privado, destinado ao usufruto dos hóspedes.

De forma a privatizar o complexo, propôs-se a integração de um jardim situado a uma cota superior à do piso de entrada, de traçado irregular e vegetação densa com o objectivo de criar uma quebra visual com as traseiras dos edifícios dispostos ao longo da Rua Capitão Renato Baptista.



## 05.2 CONCEITO

É sobretudo através da fachada do edifício que este adquire o seu reconhecimento no contexto urbano, enquanto conformador de espaço público. Como o projecto de Álvaro Siza na Baixa-Chiado, a fachada aparece como um dos elementos mais importantes na caracterização de um sítio e, como tal, merece ser preservado.

Numa primeira abordagem projectual a ideia é a de manter toda a envolvente exterior do antigo convento de forma a não alterar a sua imagem em relação à cidade e permitir que a sua identidade urbana seja salvaguardada. No interior do imóvel são mantidos muitos dos elementos de valor histórico e arquitectónico, criticamente seleccionados, nomeadamente os pilares em pedra, os tectos abobadados e as arcadas que constituem os dois claustros, sendo que um deles nunca chegou a ser terminado. Por sua vez, os excedentes derivados da função hospitalar são removidos na sua totalidade por não representarem qualquer interesse arquitectónico no conjunto.

Foi pensado para todo o projecto, tanto a nível exterior como interior, diferenciar com materiais e técnicas contemporâneas os acrescentos e transformações realizados na obra. Com efeito, a construção nova deve ser bem diferenciada da obra antiga, projectada com traços contemporâneos com o fim de não interferir com o valor histórico e a autenticidade da obra preexistente. Pretende-se deixar claro e evidente as épocas em que foram construídos todos os elementos que englobam o conjunto, com modéstia e sem pretender ofuscar os valores arquitectónicos da preexistência. Uma vez mais, como refere

Camillo Boito, «(...) é necessário que os complementos, se indispensáveis, e as adições, se não podem ser evitadas, demonstrem não ser obras antigas, mas obras de hoje.» (BOITO, 2003: 61)

No exterior, os volumes novos que constituem a restante área do hotel são diferenciados da preexistência através do material e cor elegidos, e caracterizam-se por serem grandes 'caixas' de tonalidade branca e traçado simples e minimalista. Os vãos são recuados e surgem como rasgos contínuos horizontais ao longo da fachada. Dessa forma, é possível distinguir facilmente o novo da preexistência, que se destaca pela sua cor rosa velho, pelos seus ornamentos típicos de um convento e ainda pela regularidade e ritmo dos vãos.

47. Perspectiva do pátio privado do hotel.



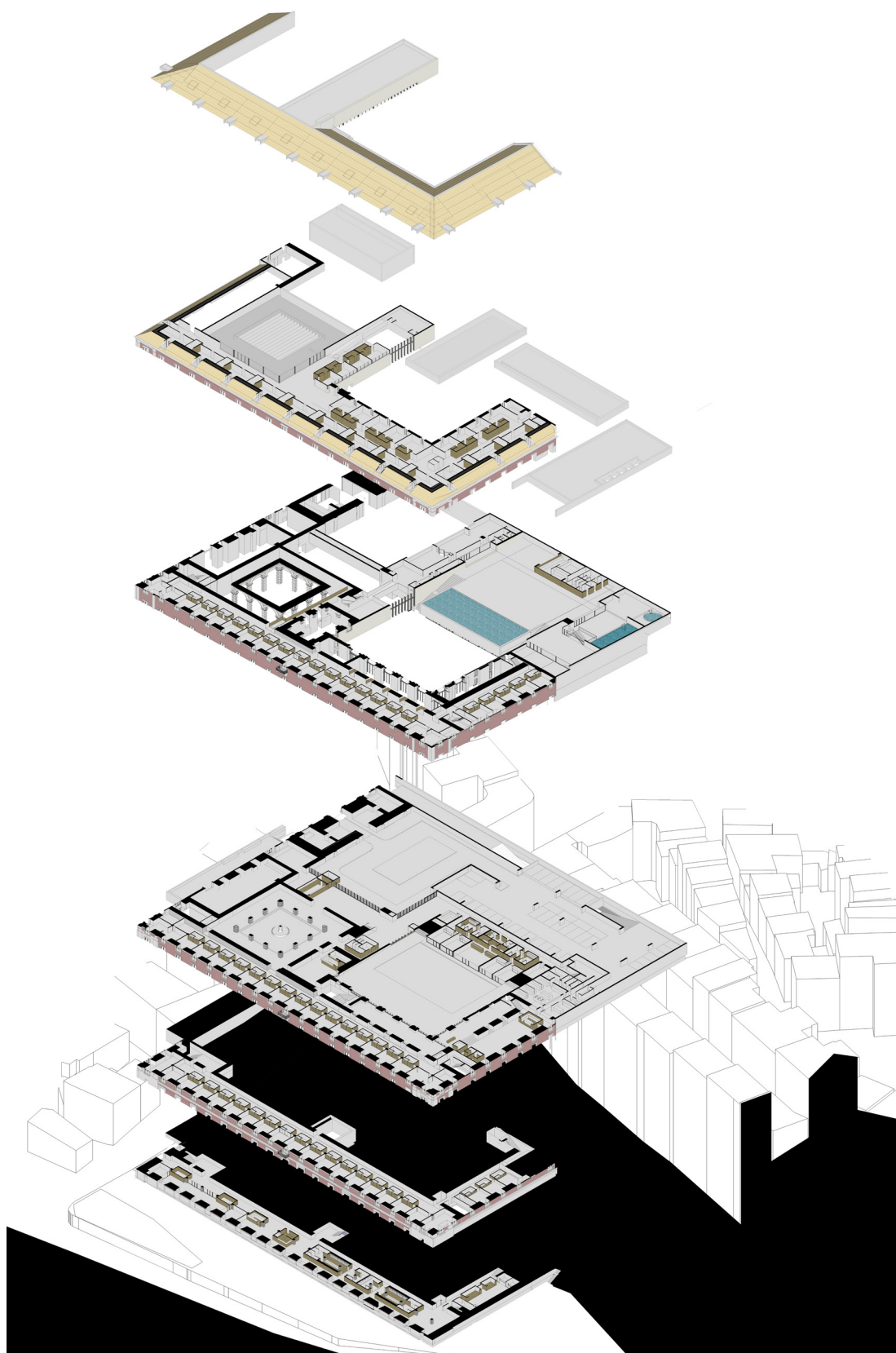


**48. 49.** Caixas de madeira que integram os interiores do imóvel, deixam 'respirar' a preexistência.

No pátio privado do hotel são definidas duas áreas distintas através da criação de um patamar que divide uma zona mais tranquila de jardim, contemplada por um carreiro de arcadas descendentes de um antigo claustro que nunca foi concluído, de uma outra zona destinada à piscina e ao solário, inserida na cota mais alta.

Os elementos contemporâneos que integram a parte interior dos diferentes volumes do hotel acontecem através da introdução de caixas de madeira que surgem no conjunto quase como peças de mobiliário. No caso da preexistência, estas caixas permitem deixar 'respirar' a arquitectura antiga, realçando as abóbadas e as colunas em pedra, enquanto no volume novo sucedem como um prolongamento da linguagem proposta no anterior edifício de forma a criar uma coerência em todo o projecto.





### 05.3 DEFINIÇÃO PROGRAMÁTICA

Da mesma forma que o conjunto arquitectónico se divide em dois – velho e novo – assim também acontece com o programa, sendo que o edifício-monumento sustenta a parte integrante do hotel, recepção, salas, quartos, restaurante, bar e restantes zonas indispensáveis à sua manutenção. O novo funciona quase como um anexo, integrando as zonas de lazer como a piscina e um bar de apoio, o solário e dois outros espaços explorados por entidades exteriores ao hotel, um SPA e um pólo destinado a congressos e reuniões.

O antigo convento é composto por cinco pisos. Os três primeiros caracterizam-se pelos tectos abobadados e pelas colunas em pedra, o quarto piso não contém qualquer ornamento e o último, sendo o piso da cobertura, tem a particularidade de conter tectos inclinados e uma estrutura de madeira à vista. Os pólos de acesso vertical encontram-se nos extremos do corpo existindo, ao centro, uma escadaria em pedra que se optou por preservar.

No piso térreo, por deter um maior contacto com o exterior e, deste modo, permitir a entrada e saída dos funcionários de forma independente, optou-se por integrar ao entrar do lado esquerdo o gabinete do segurança, uma pequena copa e as zonas administrativas. Do lado direito, encontramos os balneários dos funcionários e, ao dobrar o corpo, situa-se toda a zona direccionada para o tratamento de roupas e áreas técnicas, com ligação vertical aos restantes pisos.

A entrada principal de hóspedes é feita a Sul pela Rua Nova do Desterro, através de um majestoso arco que desembarca num



## INTERVIR NO PATRIMÓNIO



primeiro pátio semipúblico de distribuição. Ao atravessar o arco situa-se um pequeno gabinete destinado ao segurança. Já no pátio, é possível aceder directamente ao estacionamento subterrâneo do hotel, a uma pequena recepção dirigida aos serviços de SPA e, não menos importante, à recepção do hotel.

Inserida no volume contemporâneo, a recepção (segundo piso) pressupõe um momento de chegada e partida. Como tal, pretende-se estabelecer uma relação deste espaço com o pátio privado através da colocação de um grande envidraçado que, num momento de chegada, possibilita ao hóspede ter uma ideia daquilo que se encontra para além da zona de entrada e, por outro lado, no acto da saída, este momento estabelece uma última reflexão e olhar sobre o sítio.

Ainda na recepção pode aceder-se directamente ao antigo claustro, ao SPA ou ao principal pólo vertical de acessos de pé direito triplo que possibilita a distribuição para os quartos ou para a zona de reuniões e congressos. Com ligação directa ao claustro, situa-se a igreja, no lado esquerdo, e uma zona de bar, no lado direito, inserido na antiga cozinha do convento. Na continuação do bar, surge uma zona de estar que percorre as arcadas de um outro claustro que nunca chegou a ser terminado. No fim desse percurso, encontra-se o restaurante organizado em dois patamares que, por sua vez, faz ligação com a cozinha já situada no novo elemento. Os quartos inseridos neste piso são distribuídos ao longo da fachada principal, rematando cada extremo com uma tipologia de *suite*.

Os restantes pisos são constituídos por quartos, partilhando as mesmas tipologias do piso que se falou anteriormente, excepto o piso da cobertura que, por deter diferentes áreas

(Página anterior, da esquerda para a direita, de cima para baixo)

51. Copa dos funcionários.

52. Zona administrativa.

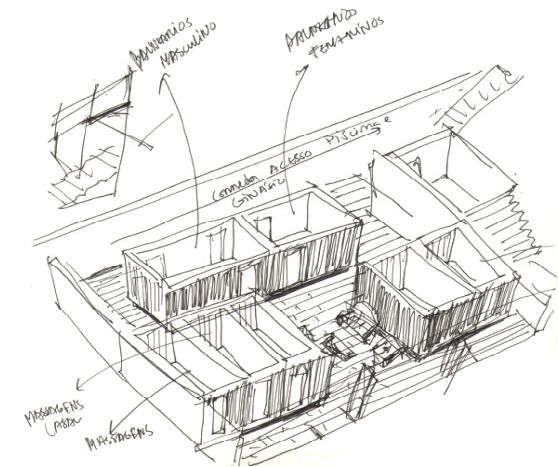
53. Pólo vertical de acessos da zona da recepção.

54. 55. Sala de estar do hotel, no antigo claustro do Convento.

56. Bar do hotel, na antiga cozinha do Convento.

57. 58. Restaurante do hotel.

INTERVIR NO PATRIMÓNIO





e características dos restantes, torna-se necessário projectar novas estruturas, de forma a se adequarem formalmente às particularidades do piso. Em vez de compreender este espaço como um obstáculo, foi interpretado como um desafio à criação de novas tipologias, no qual resultaram quartos com maiores dimensões destinados a famílias e/ou a pessoas com mobilidade reduzida.

O corpo contemporâneo está assente à cota do segundo piso da preexistência e é composto por apenas dois pisos. O SPA, por ser gerido por uma entidade exterior, possui uma recepção própria que liga directamente à recepção do hotel e ao pátio exterior. Este é formado por várias caixas que acomodam os balneários destinados aos clientes e uma pequena área de serviço que, simultaneamente, cria uma separação física para um corredor mais privado de acesso às salas de massagens. Na continuação do SPA, é possível aceder ao piso superior onde se encontram as restantes áreas integrantes deste serviço distribuídas por um grande espaço amplo. O ginásio usufrui de um pequeno pátio que possibilita uma melhor iluminação do mesmo e, no seguimento, surgem a piscina e o *jacuzzi*, este último, inserido num patamar mais elevado que lhe confere um carácter de conforto. No espaço exterior deste segundo piso estão alojados a piscina exterior, com respectiva zona de solário, que contempla uma vista sobre o jardim e arcadas situados no patamar abaixo, um bar e devida esplanada e uma área de instalações sanitárias que apoia todas estas estruturas. Um outro volume paralelo ao que integra a piscina interior agrega três salas de reunião, com possibilidade de se abrirem entre si. Uma vez que esta área é destinada a um outro tipo de utilização que não o lazer, propôs-se direccionar o conjunto para o pátio público da entrada.

(Página anterior, da esquerda para a direita, de cima para baixo)

59. Ilustração do quarto do piso da cobertura.

60. Esquema da distribuição do SPA.

61. Recepção do SPA.

62. Sala de Relaxamento.

63. Sala de massagem.

64. Piscina interior.

65. Piscina exterior e zona de solário.

## INTERVIR NO PATRIMÓNIO

## 06 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Actualmente constata-se uma maior procura na reabilitação de edifícios com valor patrimonial como forma de gerar novos recursos económicos, optando-se nomeadamente pela reconversão em unidades hoteleiras. Este tipo de intervenção para além de gerar melhores condições económicas no sítio onde se insere, constitui, igualmente, um importante papel na regeneração urbana e na revitalização do local.

No entanto, quando se considera a intervenção no património é necessário ter-se consciência de que todos usufruem do direito ao património, não devendo este ser-lhes negado.

O estudo dos conceitos e teorias consolidados ao longo dos tempos até aos dias de hoje, constitui parte integrante de um projecto de arquitectura no que diz respeito à preservação do valor histórico e à autenticidade de um objecto de intervenção com carácter patrimonial.

A análise de casos de estudo, com premissas semelhantes às pretendidas, é indispensável no desenvolvimento de um trabalho com estes princípios, uma vez que abordam diferentes práticas de intervenção sobre o objecto patrimonial, permitindo retirar variadas conclusões sobre os resultados obtidos desses mesmos processos.

Foi objectivo do trabalho acentuar a importância do acto de reabilitar, uma vez que é devolvido ao edifício histórico a sua materialidade permitindo, igualmente, a sua valorização, conservação e preservação através da atribuição de um novo uso que não o seu original. De igual modo, este tipo de práticas

permite transformar um espaço devoluto numa área viva e revitalizada.

A presente investigação estabelece benefícios no que toca à prática de futuros projectos de arquitectura a realizar em edifícios históricos com o intuito de reconversão em unidades hoteleiras. Ao longo do desenvolvimento prático foi trabalhado a pormenor o tipo de vivências pretendidas em cada espaço distinto, tanto a nível de espaços públicos como privados. As diferentes tipologias de quarto possuem diferentes características, procurando agradar a um maior número de pessoas.

O trabalho não só é exemplo para este tipo de práticas como também pretende constituir um modelo a seguir pelos restantes hospitais inseridos na Colina de Santana que, num futuro próximo, devido à construção do novo Hospital de Todos-os-Santos, serão encerrados e, quem sabe, deixados ao abandono, como foi o caso do Hospital do Desterro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



## INTERVIR NO PATRIMÓNIO

## 07 BIBLIOGRAFIA

### MONOGRAFIAS

**AGUIAR**, José – Cor e cidade histórica; estudos cromáticos e conservação do património. Porto: FAUP, 2002.

**ALMEIDA**, Álvaro Duarte de; **BELO**, Duarte – *Portugal Património*, vol. VI. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2007.

**BOITO**, Camillo – *Os Restauradores*. trad. Beatriz Mugayar KÜhl. São Paulo: Atelier Editorial, 2003.

**BRANDI**, Cesare – *Teoria do Restauro*. Lisboa: Edições Orion, 2006.

**CANNATÁ**, Michele et al – *Construir no Tempo*. Lisboa: ESTAR, 9000.

**CHOAY**, Françoise – *A Alegoria do Património*, 2ªed. Lisboa: Edições 70, 2006.

**CHOAY**, Françoise – *As Questões do Património*, Antologia para um combate. Tradução de Luís Filipe Sarmiento. Lisboa: Edições 70, 2009

**CUSTÓDIO**, Jorge (coord.) - *100 anos de Património: memória e identidade*. Lisboa: Instituto do Património Architectónico e Arqueológico. Lisboa, 2010.

**FERNANDES**, José Manuel - *Lisboa, Arquitectura e Património*. Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

**FERRÃO**, José Bernardo - *Tradição e modernidade na obra de Fernando Távora 1947/1987* in TRIGUEIRO, Luiz - *Fernando Távora*. Lisboa: Blau, 1993.

**LAPÃO**, Manuel - *Vínculo ao interesse público: breve diagnóstico sobre a prática da salvaguarda do património: o interesse público, contributos para a sua clarificação e valorização*. In *Estudos: Património* nº6. Lisboa: IPPAR, 2004.

**LEITE**, Ana Cristina, co-autor; **MOREIRA**, Adriano – *Omnia Sanctorum: histórias da história do Hospital Real de Todos-os-Santos e seus sucessores*. Lisboa: By the

Book, 2012

**LOBO**, Susana – *Pousadas de Portugal, Reflexos da Arquitectura Portuguesa do Século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

**MOURA**, Eduardo Souto de – *Santa Maria do Bouro, Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro*. Lisboa: White & Blue, 2001.

**NETO**, Maria João – *Memória, Propaganda e Poder. O restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*. FAUP, 2001.

**PEREIRA**, Paulo – *Património Edificado, Pedras Angulares*. Aura, 2005

**RODRIGUES**, Jorge – *A Arquitectura Romântica*, in *Histórias da Arte Portuguesa*, Direcção Paulo Pereira, Círculo de Leitores, Vol. I, 1995.

**RUSKIN**, John – *The seven lamps of architecture*. New York: Dover Publications, 1989.

**SEQUEIRA**, Gustavo Matos de - *Depois do terramoto: subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências. 1967.

**TOMÉ**, Miguel – *Património e Restauro em Portugal, 1920-1995*. Porto: F.A.U.P, 2002.

**VIOLLET-LE-DUC**, Eugène Emmanuel - *Restauroação in Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XI su XVI Siécle*. Paris: A. Morel, 1866, Vol. 10.

## ARTIGOS

**APPLETON**, João – *Tecnologias de Reabilitação em Edifícios Antigos dos Conventos às Pousadas*, in *Jornal de Arquitectos* nº147, Maio 1995, pp. 44-53.

**FERNANDES**, José Manuel - *VALIS 1990-1991: Modernizar Lisboa ligando o passado ao futuro*, in *Sociedade e Território* n.º14/15 "Património, Ambiente e Reabilitação

Urbana", Dezembro 1991, pp. 16-30.

**GRAÇA**, João Luís Carrilho da – *A Arquitectura*, in Pousada Flor da Rosa, ENATUR: Empresa Nacional de Turismo, S.A., 2ª Edição, Outubro 2001.

**KÜHL**, Beatriz Mugayar – *A Restauração de monumentos históricos na França após a Revolução Francesa e durante o século XIX: Um período crucial para o amadurecimento teórico*, in Revista CPC, São Paulo, nº3, p. 110-144, Novembro 2006/Abril 2007.

**LOBO**, Susana – *É uma casa portuguesa com certeza? A Pousada de Santa Luzia em Elvas*, in Monumentos nº28, Revista Semestral do Património Construído e da Reabilitação Urbana, Dezembro 2008, p. 148-153.

**PINA**, Madalena Esperança; **SILVA** Susana Maia – *O Desterro de Convento Seiscentista a hospital civil – quatro séculos de história*, in "Actas da reunião internacional de História da Medicina", Lisboa, Outubro 2001, pp. 251.

**SILVA**, Henrique Gomes – *Monumentos Nacionais, Orientação Técnica a seguir no seu Restauo* in Tese de Apresentação ao Primeiro Congresso da União Nacional: Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Boletim nº 1, DGEMN, Porto, 1935.

## DISSERTAÇÕES

**ABREU**, Pedro Marques – *Os Palácios da Memória: Percurso crítico sobre o restauro da arquitectura*. Dissertação de Mestrado, Lisboa: FAUTL, 1996.

**CORREIA**, Fernando – *De Conventos a Pousadas (872-1997), A Requalificação da Função através dos Tempos*. Dissertação de Mestrado em Reabilitação de Arquitectura e Núcleos Urbanos, Lisboa: FAUTL, 2003.

**FLORES**, Joaquim António de Moura - *Planos de salvaguarda e reabilitação de centros históricos em Portugal*. Dissertação de Mestrado, Lisboa: FAUTL, 2000.

**LUSO**, Eduarda – *Contribuição para Intervenções no Centro Histórico de Bragança*. Dissertação de Mestrado, Minho: UM, 2002.

**NUNES**, Joana - *Reconversão de Edifícios Preexistentes em Unidades Hoteleiras, Estudo de Caso: Convento de Santa Iria e Antigo Colégio Feminino de Tomar*. Dissertação de Mestrado, Lisboa: FAUTL, 2011.

#### REVISTAS

**AA/VV** – *Intervenções no Património, 1995-2000*, Nova Política. Lisboa: Ministério da Cultura/IPPAR, Setembro 1997.

#### CARTAS E CONVENÇÕES

ICOMOS. **Carta de Atenas** – *Carta Internacional sobre o Restauro dos Monumentos*, 1931.

ICOMOS. **Carta de Veneza** – *Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro dos Monumentos e dos Sítios*, 1964.

ICOMOS. **Carta de Turismo Cultural**, 1976.

Conferência Internacional sobre Conservação. **Carta de Cracóvia** – *Carta Internacional sobre os Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído*, 2000.

#### WEBGRAFIA

Arquivo Municipal de Lisboa - <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt> (Consultado em Dezembro 2012)

Associação de estudo e defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém,

<http://www.patrimonio-santarem.pt>. (Consultado em Dezembro 2012)

BYRNE, Gonçalo, <http://www.byrnearq.com>. (Consultado em Fevereiro 2013)

Casa Pisa Lisboa, <http://www.casapia.pt> (Consultado em Abril 2013)

ICOMOS – *International Council on Monuments and Sites*, <http://www.icomos.org>. (Consultado em Janeiro 2013)

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, <http://www.igespar.pt>. (Consultado em Janeiro 2013)

Pousadas de Portugal, <http://www.pousadas.pt>. (Consultado em Fevereiro 2013)

Revelar LX - <http://revelarlx.cm-lisboa.pt>. (Consultado em Novembro 2012)

RTP - Rdio Televisão Portuguesa - <http://rtp.pt> (Consultado em Junho 2013)

SEMINRIO\_Patrimnio Hospitalar de Lisboa: Que Futuro?, *in* [icomos.fa.utl.pt](http://icomos.fa.utl.pt). (Consultado em Abril 2013)

II SEMINRIO\_Patrimnio Hospitalar de Lisboa: Propostas para a Preservao da Paisagem da Colina de Santana, *in* [icomos.fa.utl.pt](http://icomos.fa.utl.pt). (Consultado em Abril 2013)

SIPA – Sistema de Informao para o Património Arquitectónico, <http://www.monumentos.pt>. (Consultado em Dezembro 2013)

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, <http://www.unesco.pt>. (Consultado em Dezembro 2012)

UNWTO - *World Tourism Organization* (OMT - Organizao Mundial de Turismo), <http://www2.unwto.org>.

INTERVIR NO PATRIMÓNIO

## ANEXOS

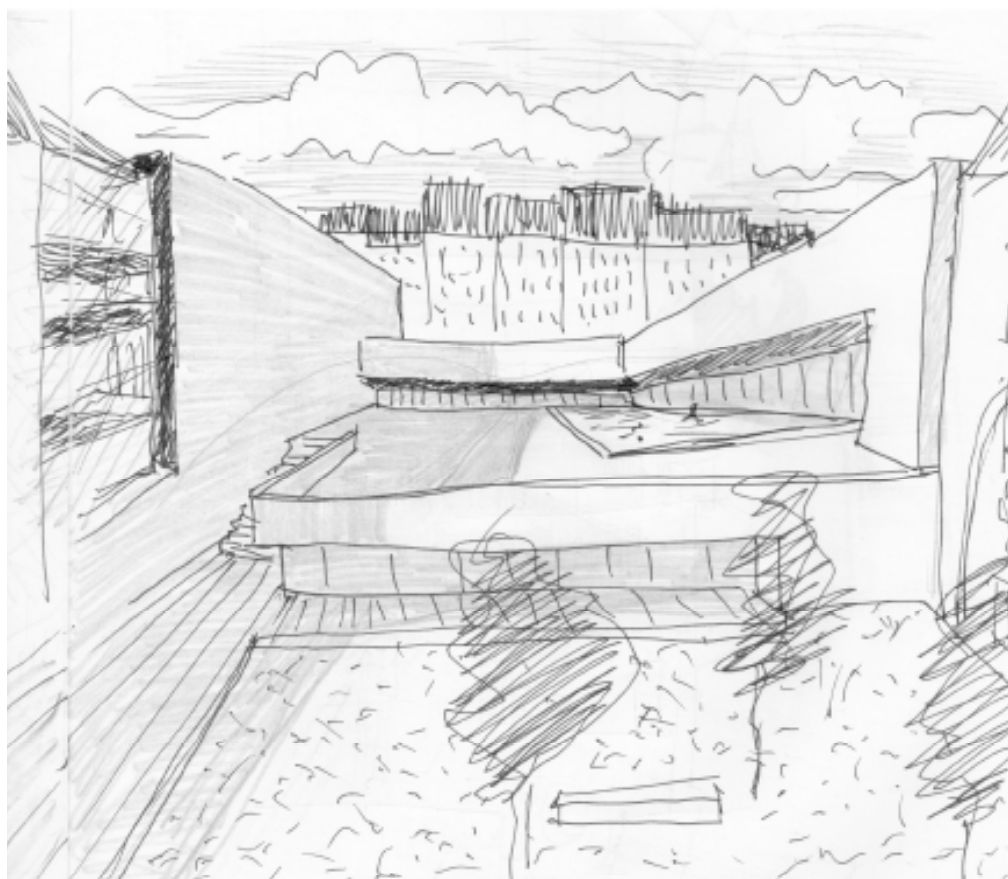
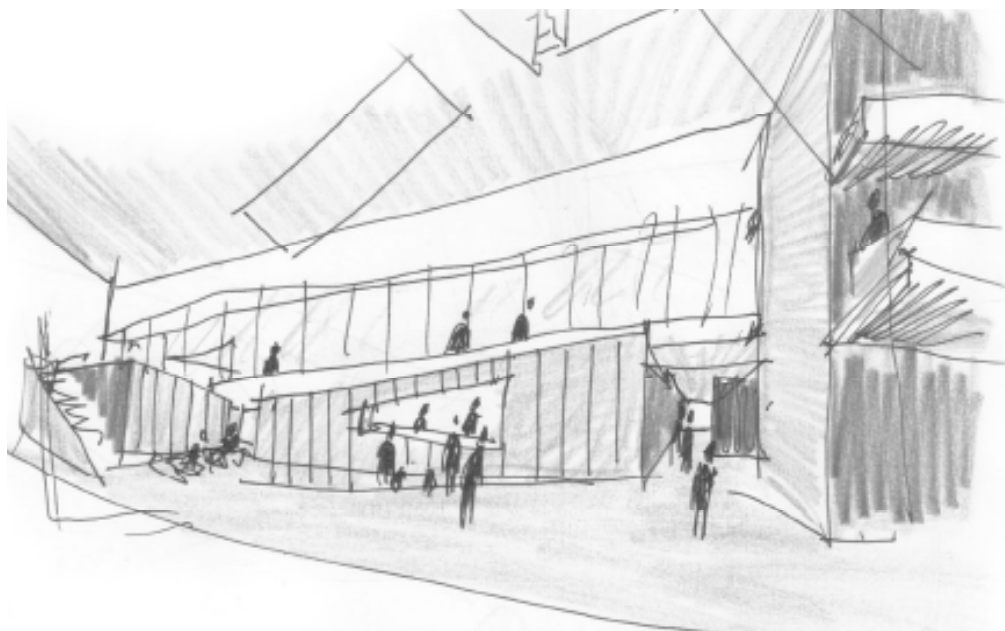
### ANEXO I - PROCESSO DE TRABALHO

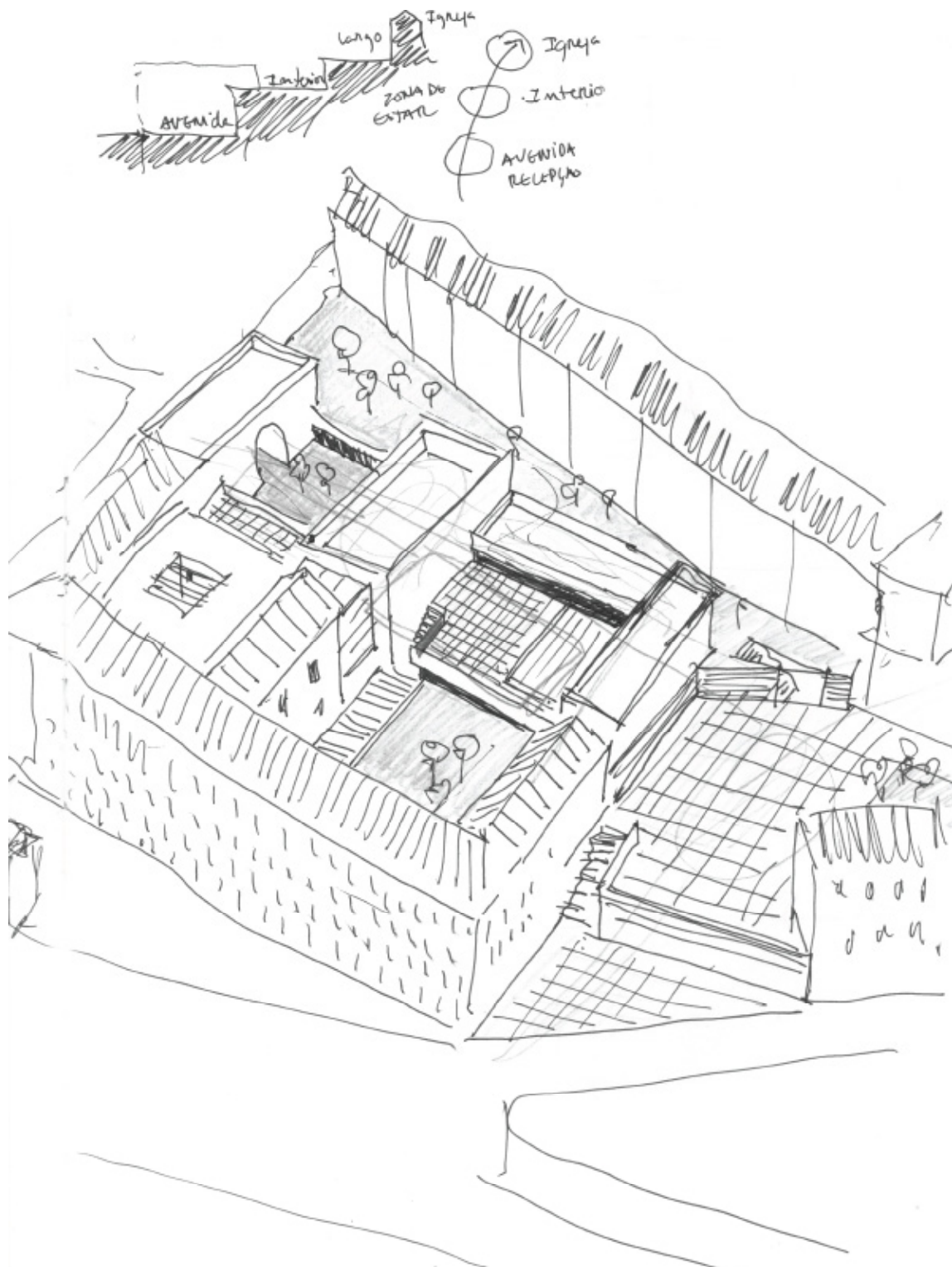
DESENHOS

MODELOS 3D

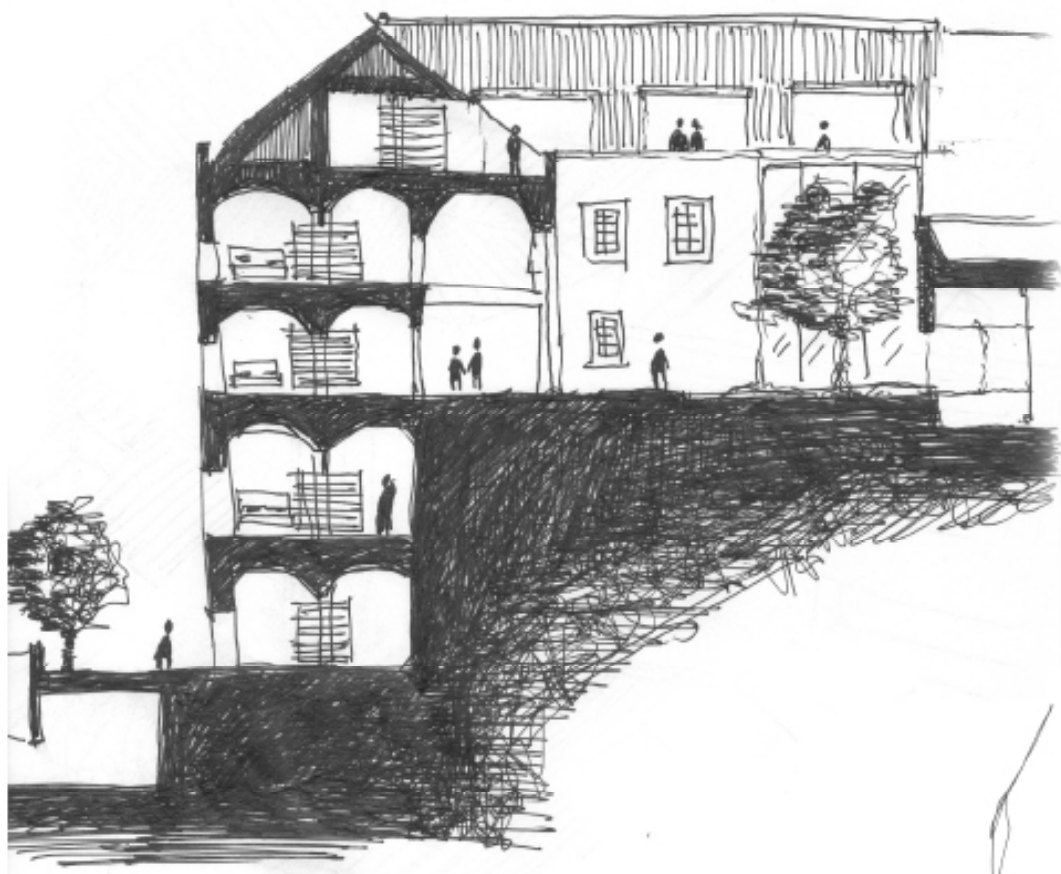


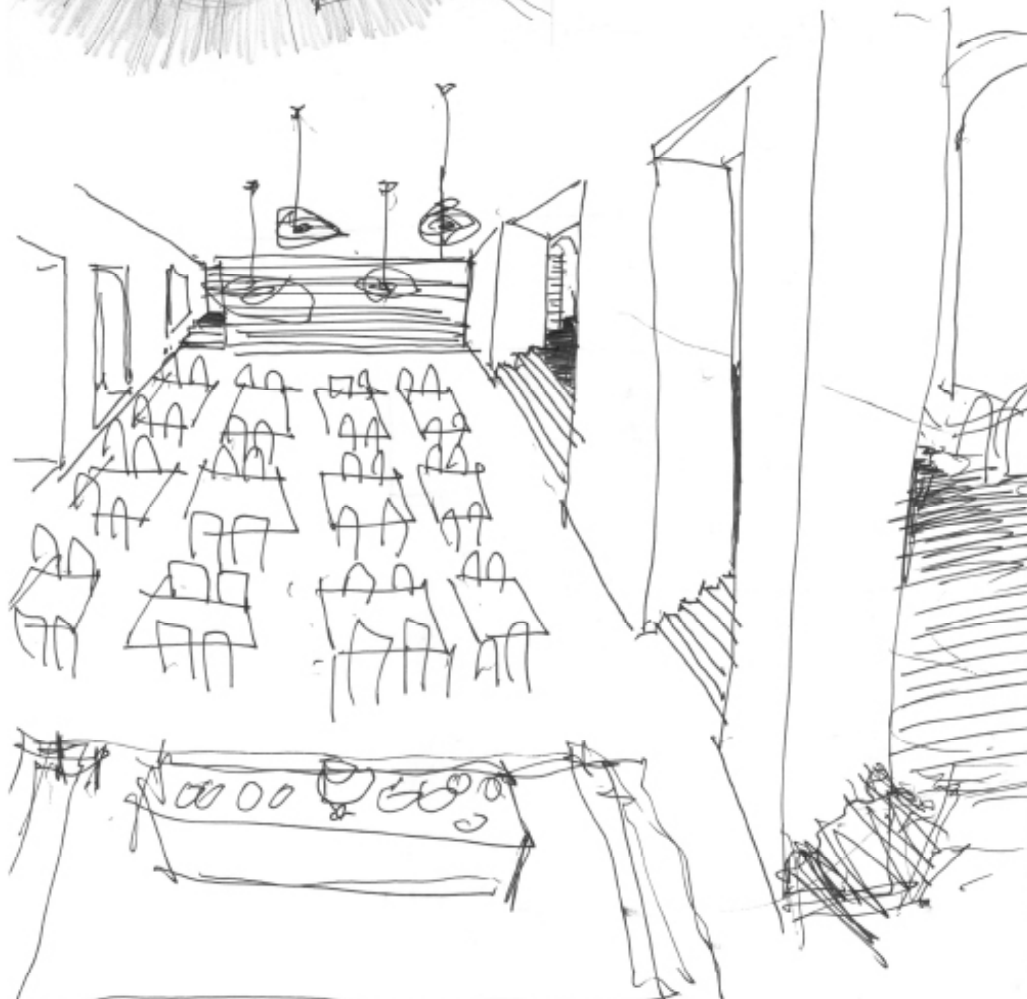
## INTERVIR NO PATRIMÓNIO





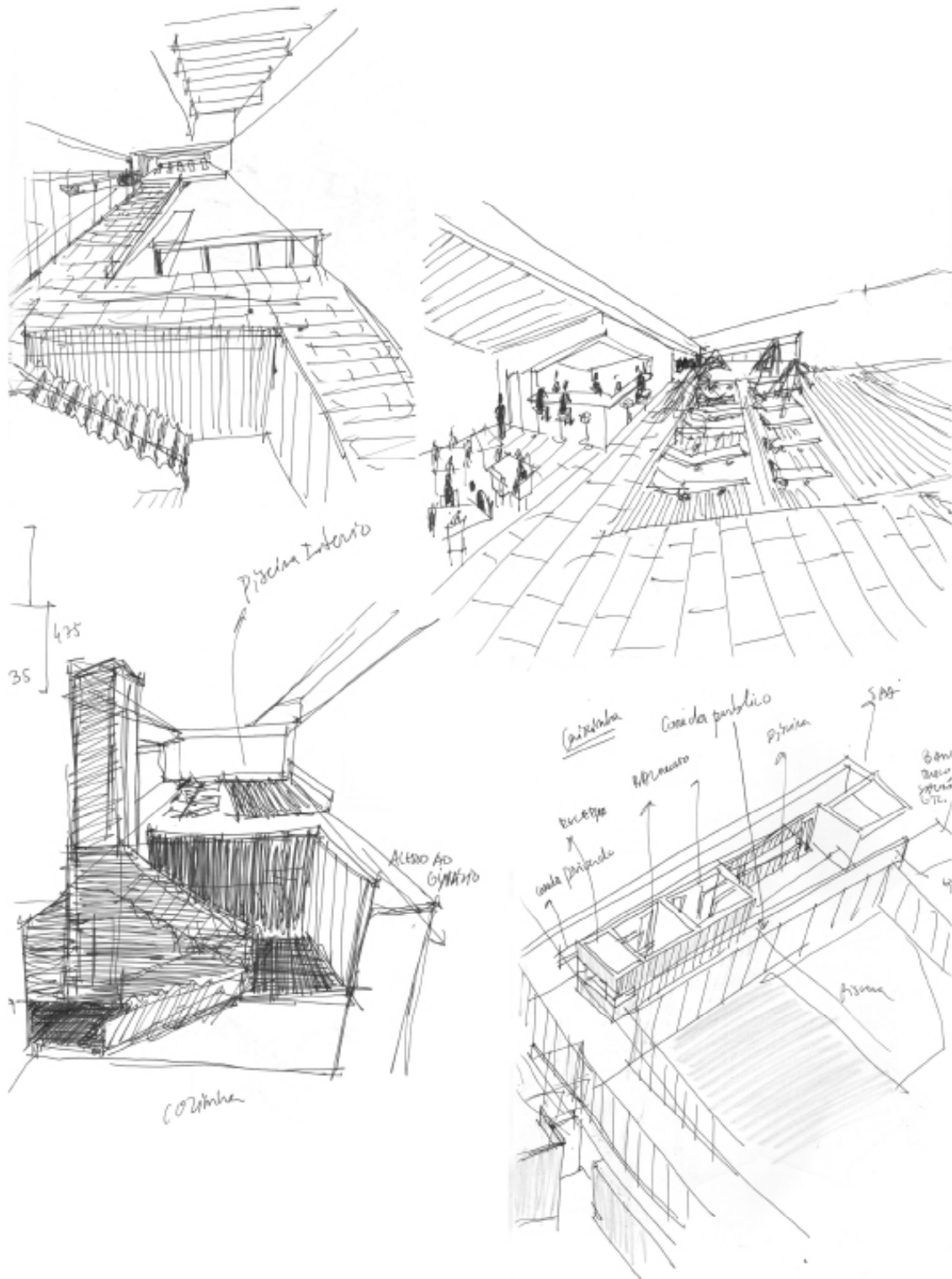
## INTERVIR NO PATRIMÓNIO



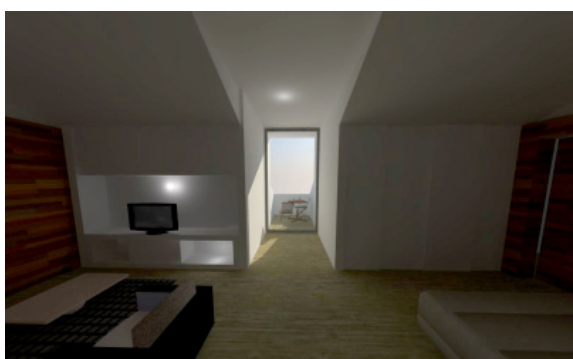
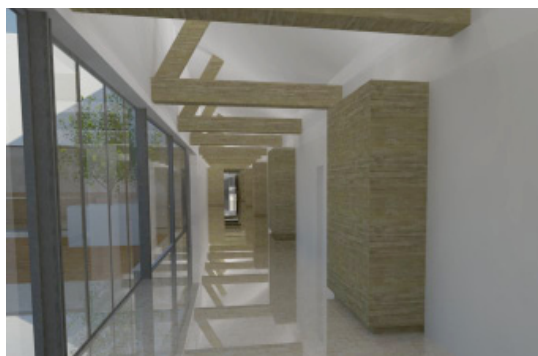








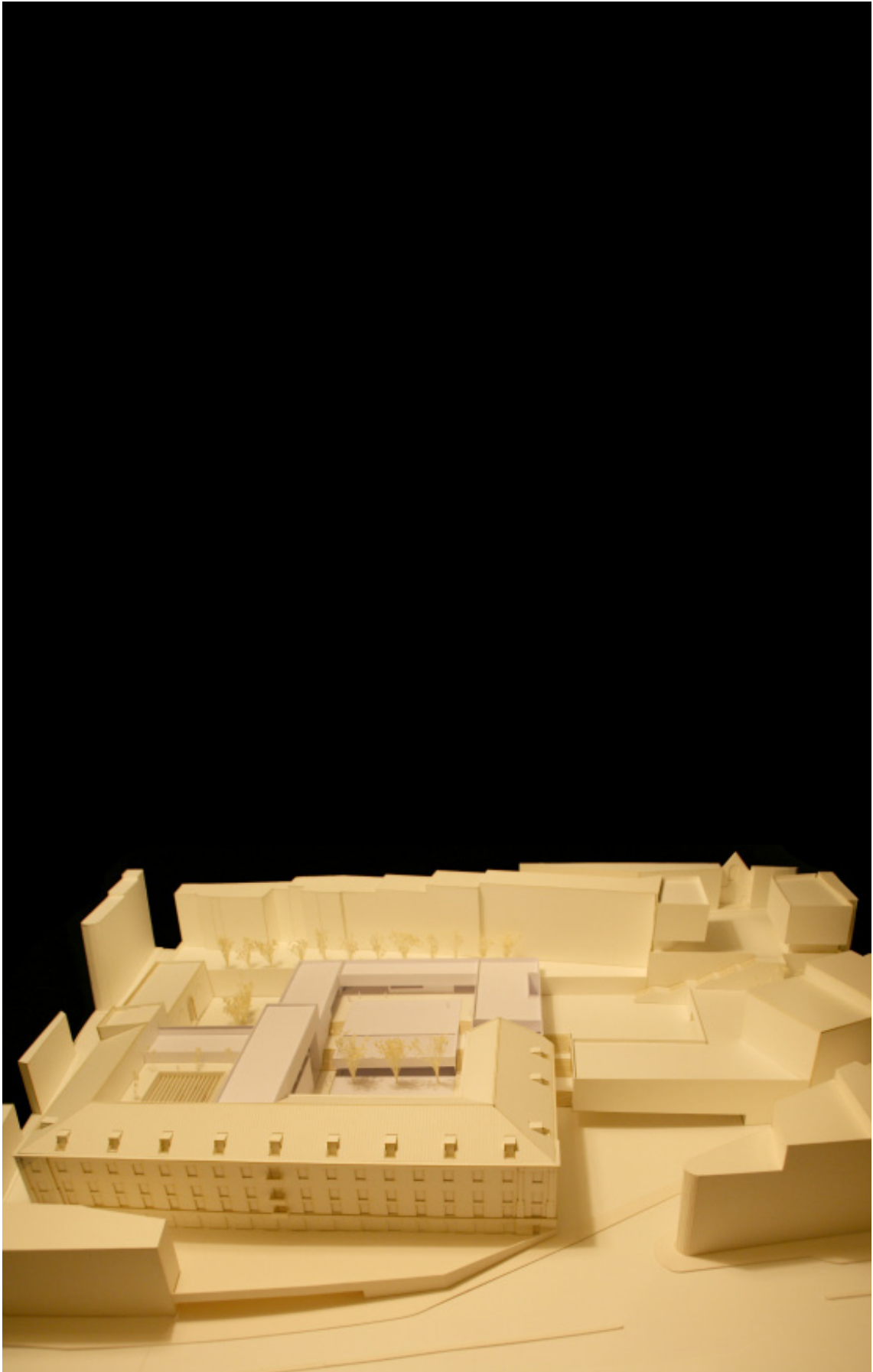
## INTERVIR NO PATRIMÓNIO

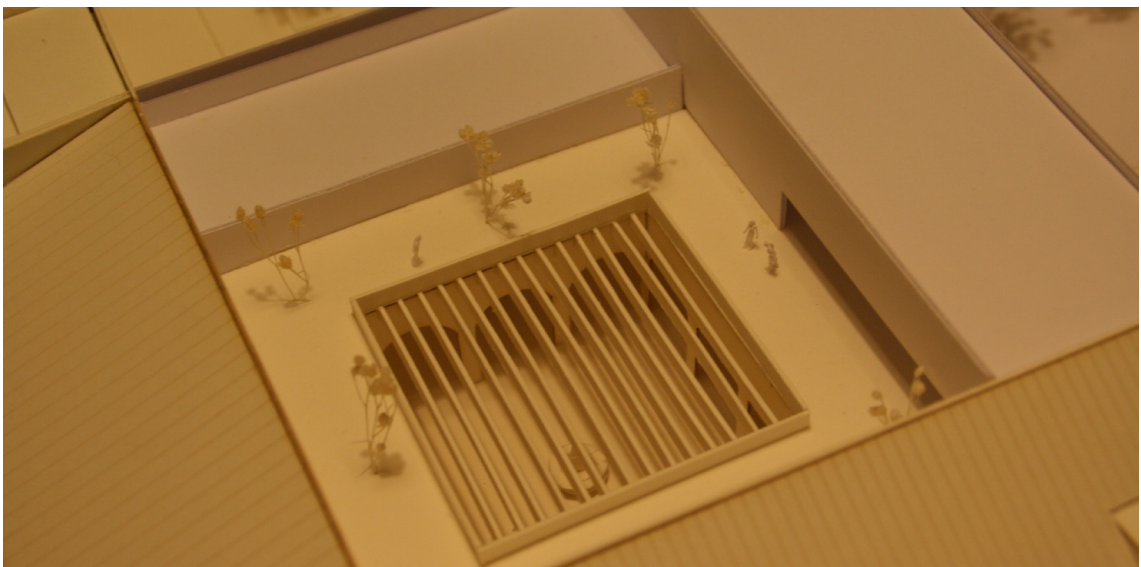
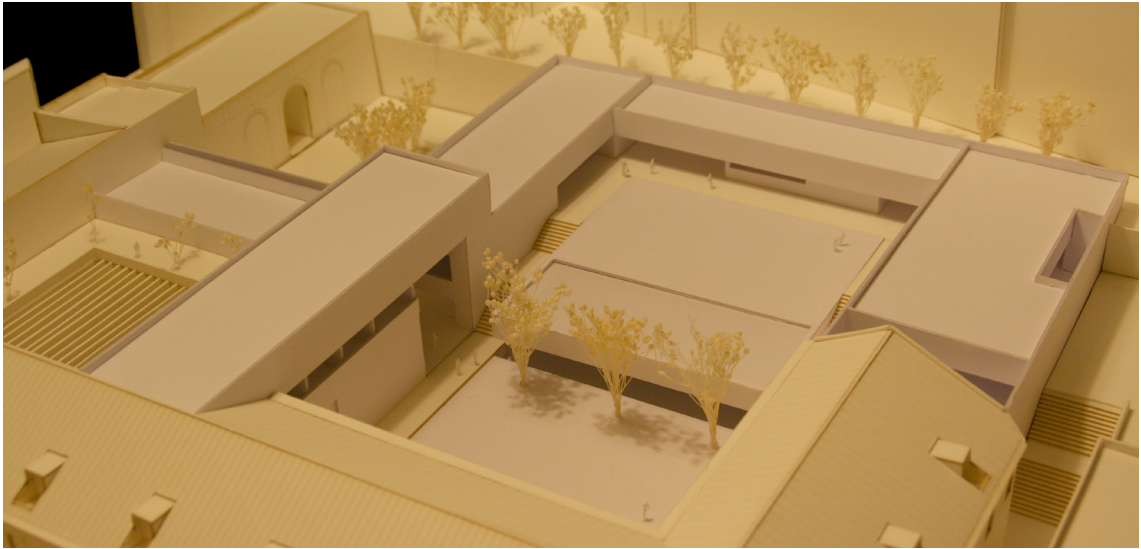




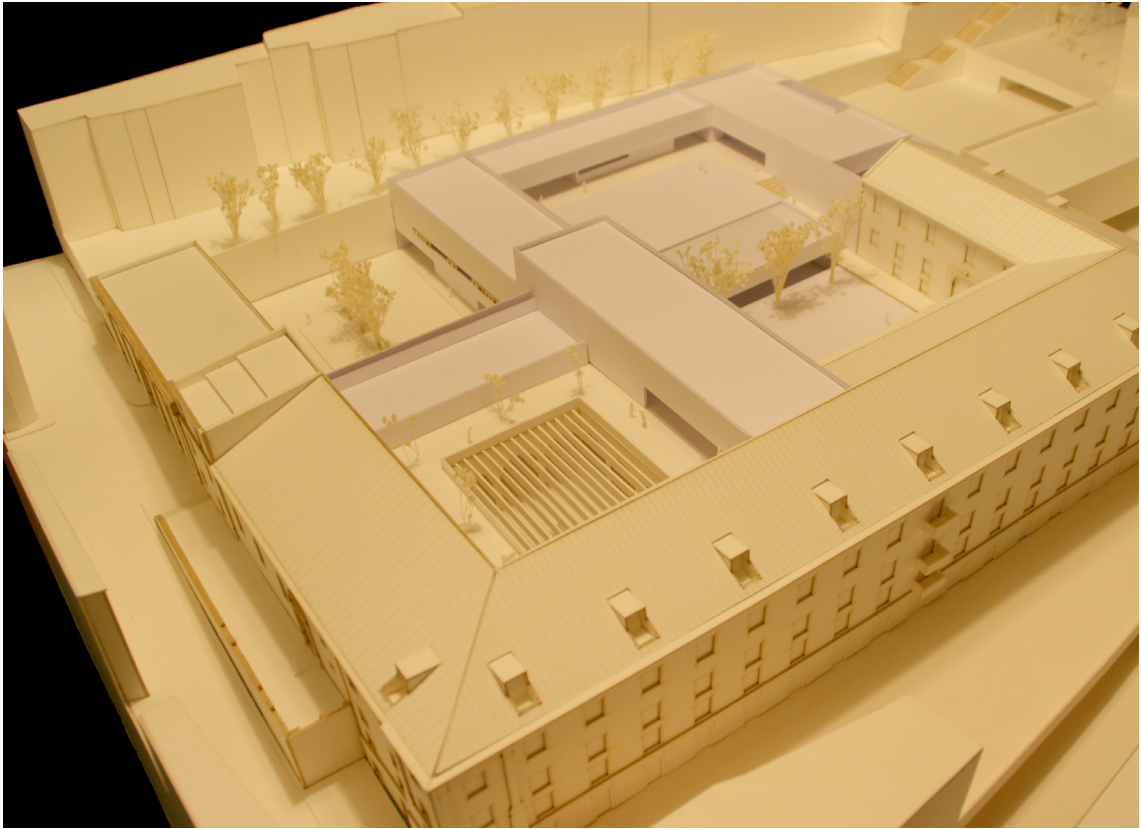








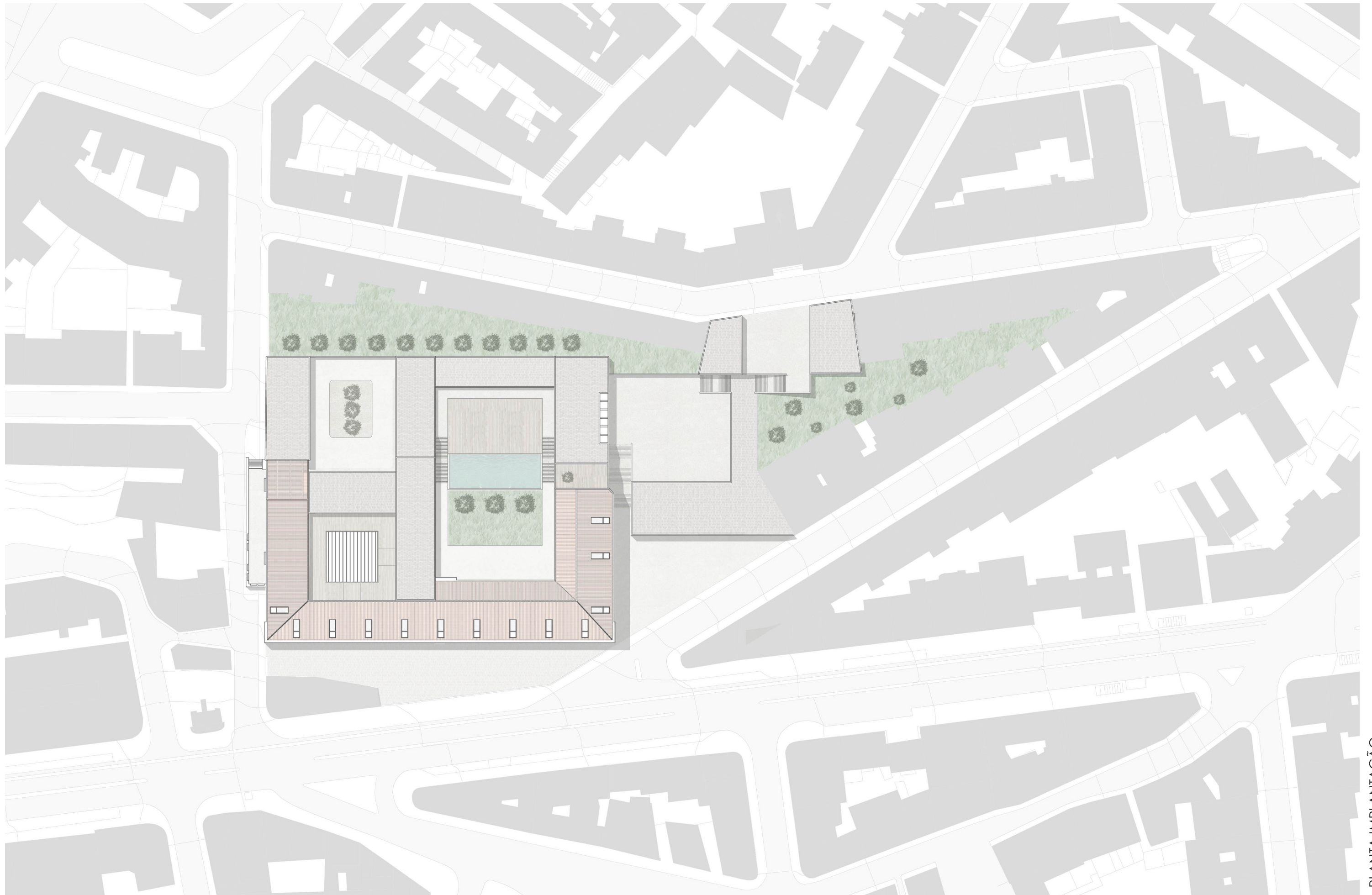




## **ANEXOS**

### **ANEXO II - PEÇAS DESENHADAS**

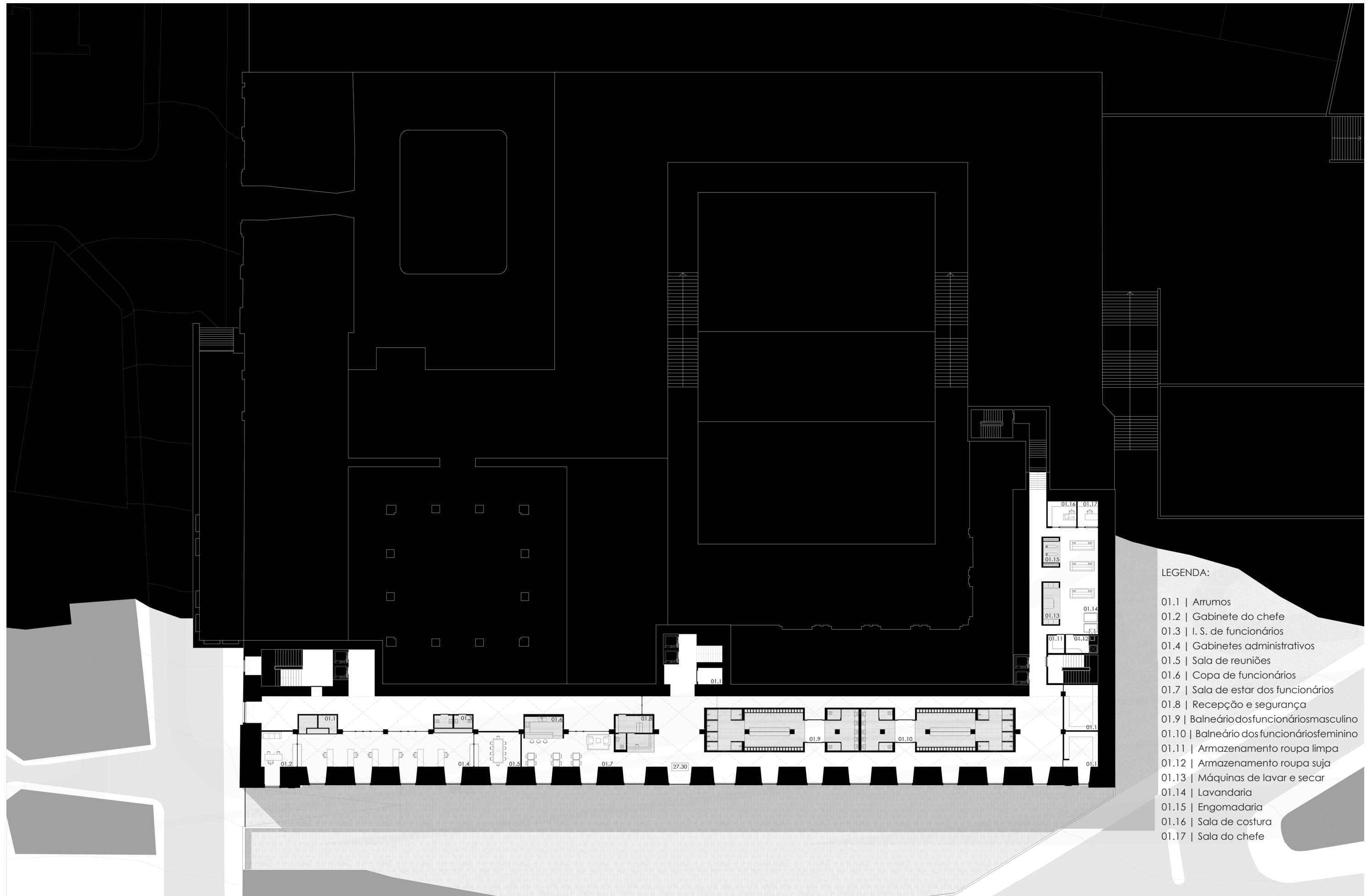




## Intervir no Património

### Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

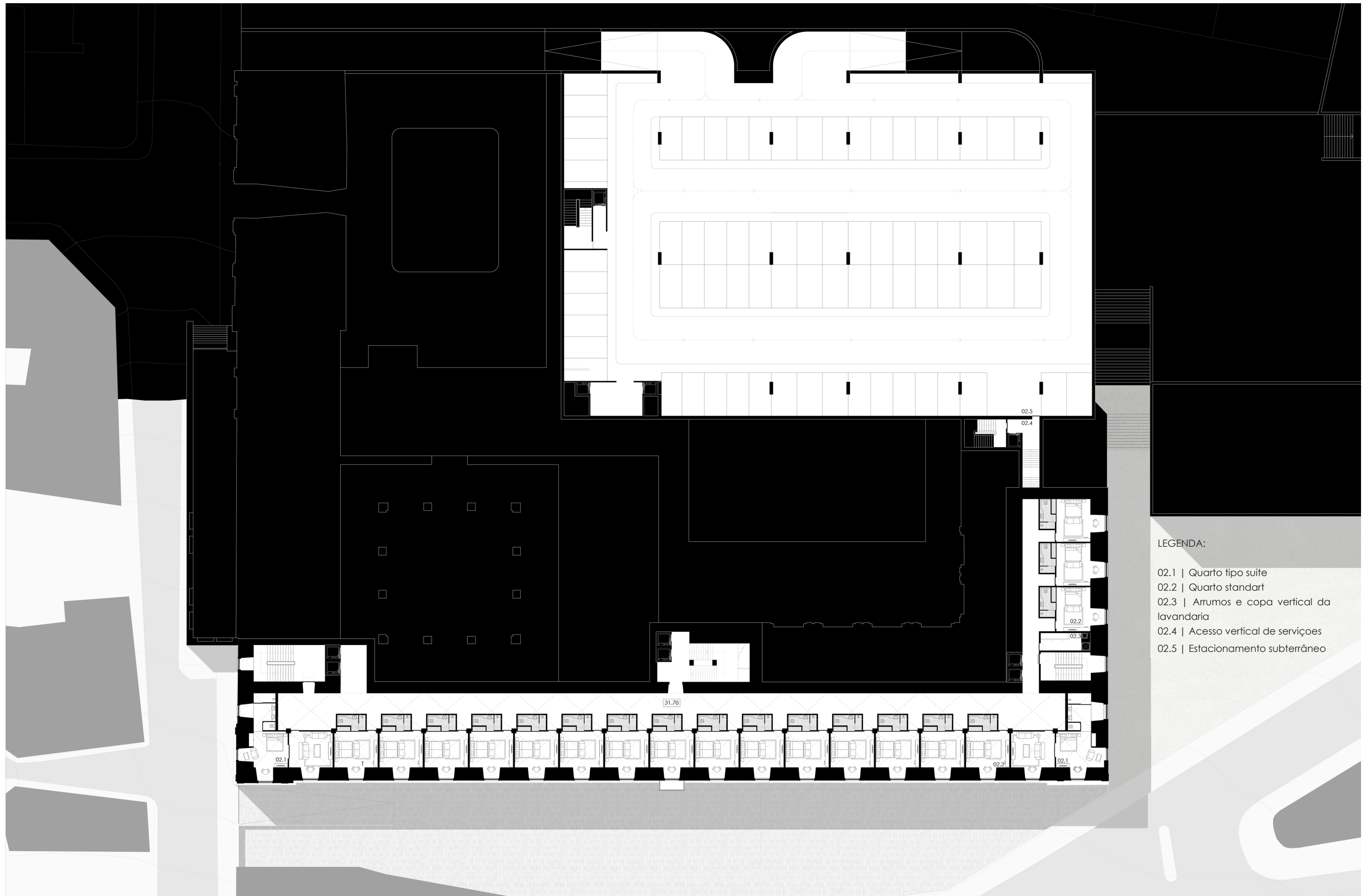
Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor  
Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013



# Intervir no Património Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor  
 Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
 Lisboa, Julho 2013



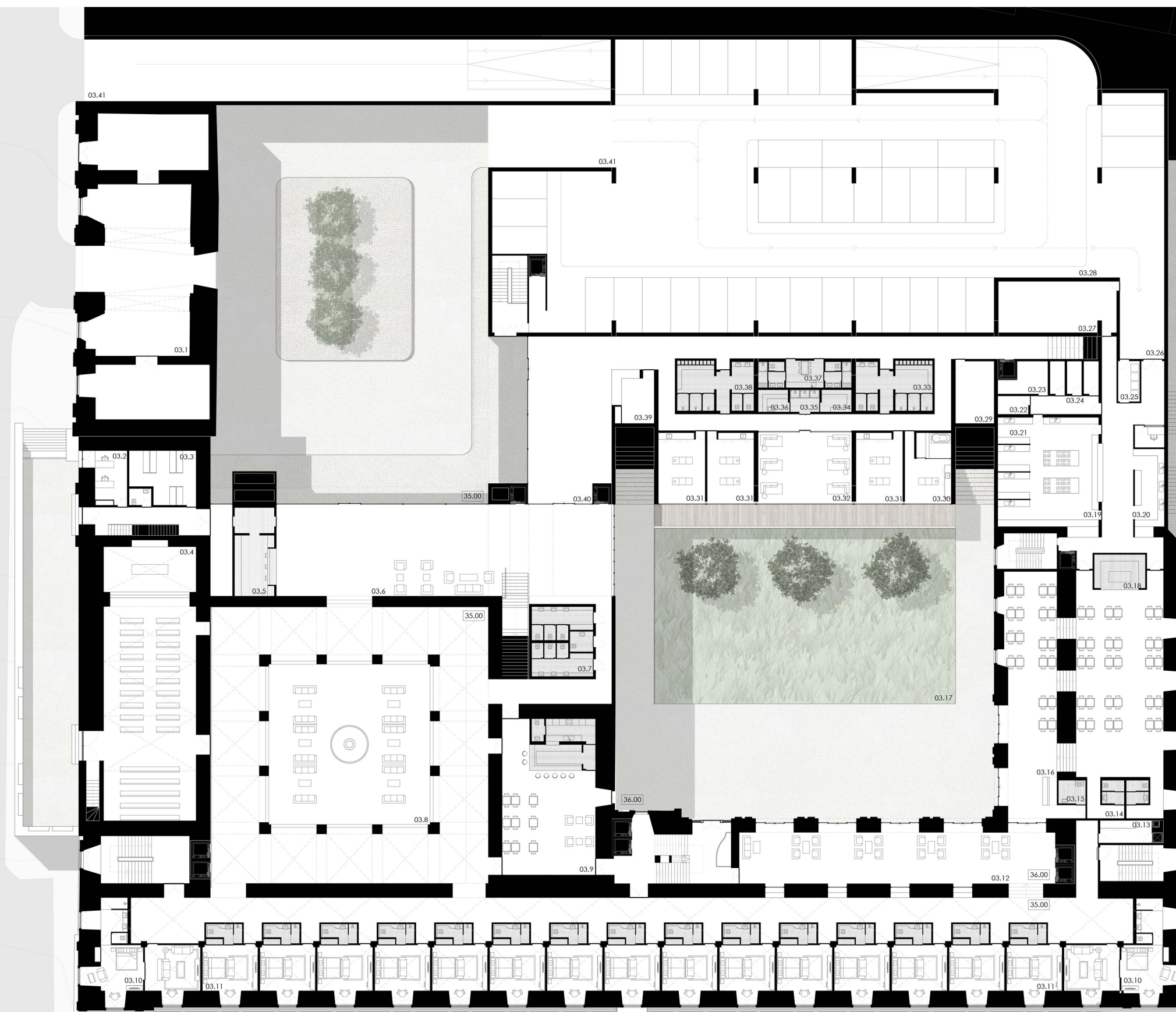


## Intervir no Património

### Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
 Lisboa, Julho 2013

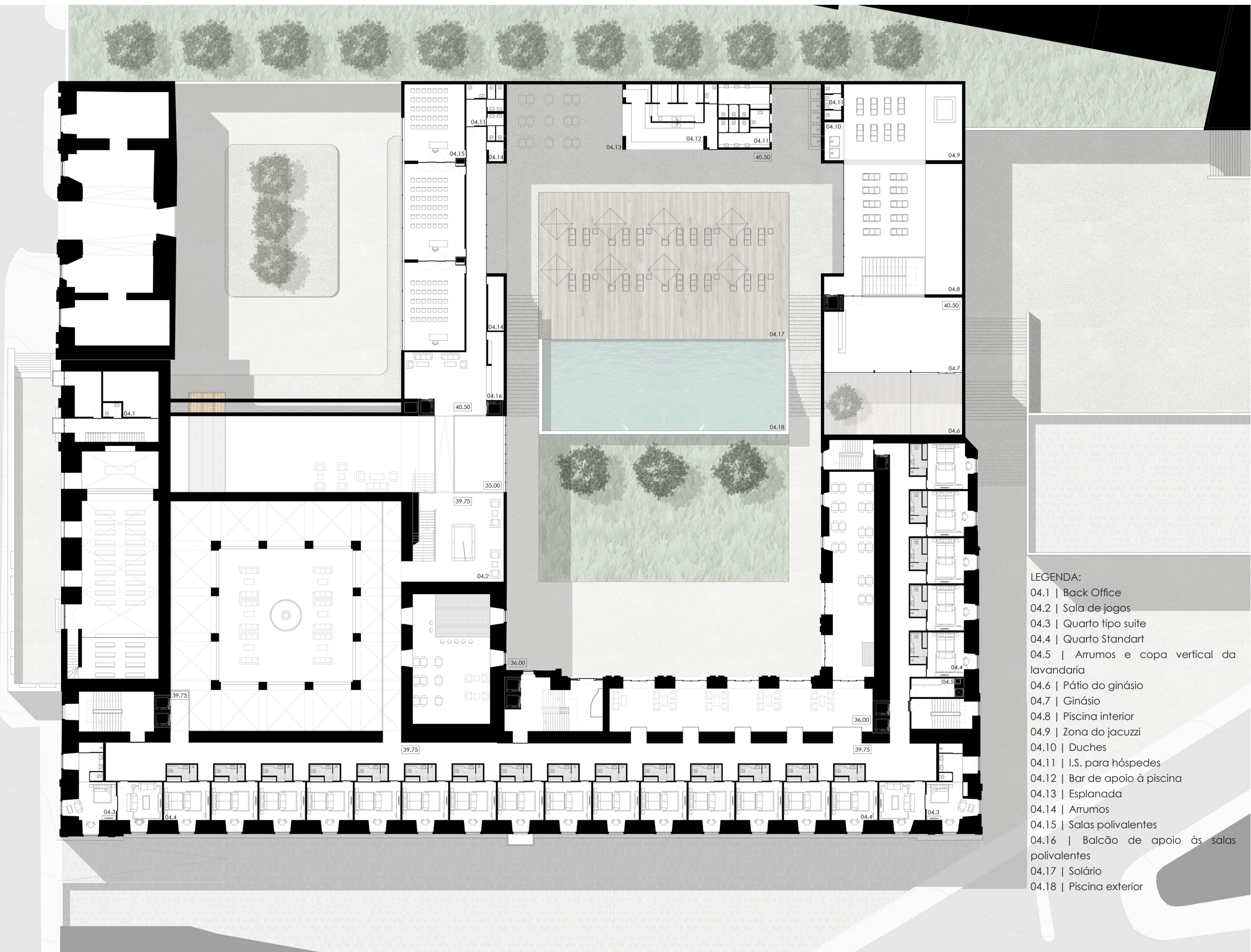




#### LEGENDA:

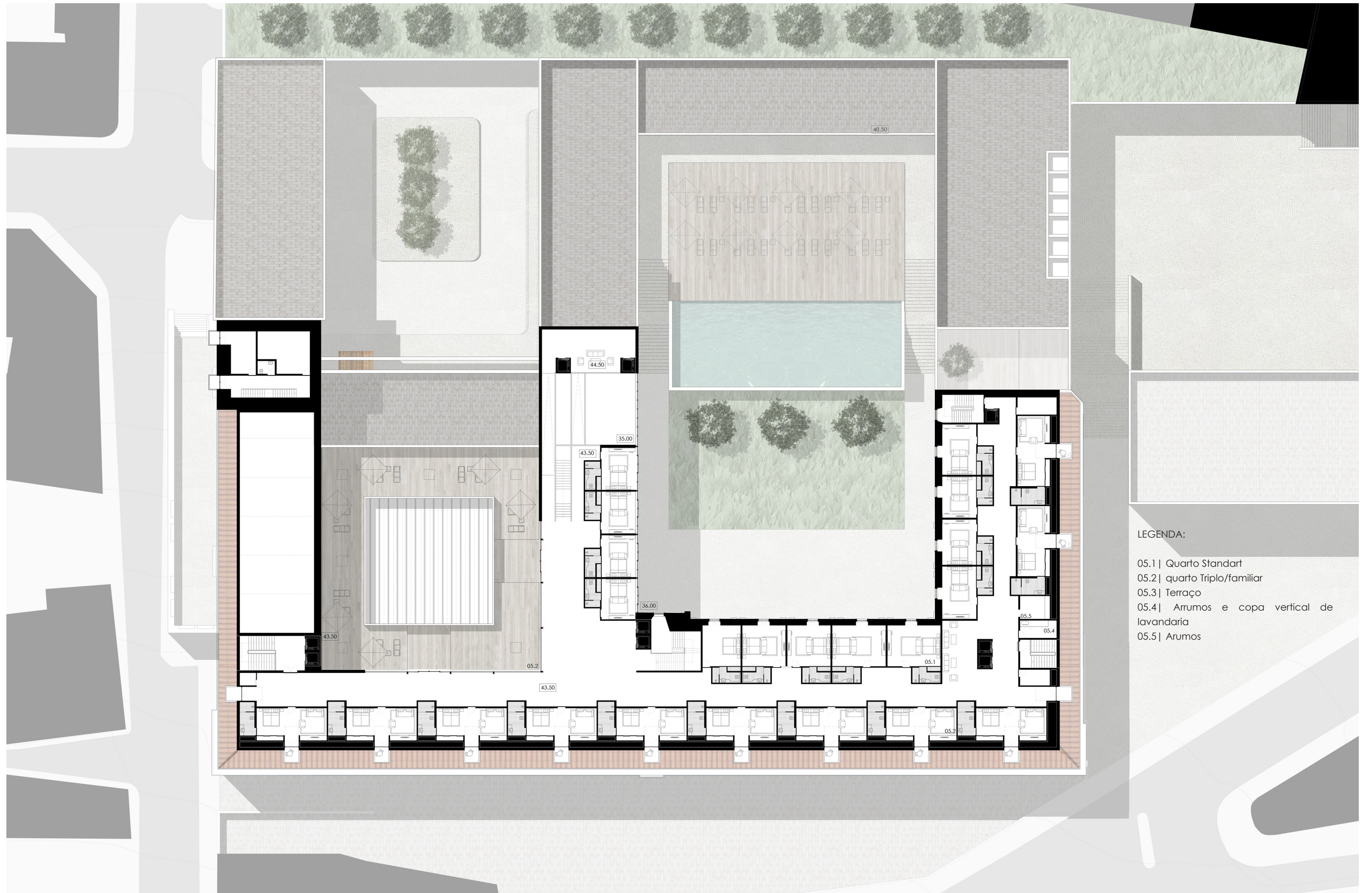
03.1 | Segurança do hotel 03.2 | Gabinete administrativo 03.3 | Sala das malas 03.4 | Igreja 03.5 | Recepção do hotel 03.6 | Lobby do hotel 03.7 | I.S. para hóspedes 03.8 | Sala de estar (antigo claustro) 03.9 | Bar 03.10 | Quarto tipo suite 03.11 | Quarto standart 03.12 | Sala de estar 03.13 | Arrumos e copa vertical da lavanderia 03.14 | I.S. do restaurante 03.15 | I.S. para deficientes 03.16 | Restaurante 03.17 | Jardim Cozinha 03.18 | Balcão de pequenos almoços 03.19 | Zona de confecção 03.20 | Copa suja 03.21 | Zonas de preparação 03.22 | Dispensa de dia 03.23 | Armazém seco 03.24 | Arcas frigoríficas 03.25 | Depósito do lixo 03.26 | Cargas e descargas 03.27 | Vasilhame e adega 03.28 | Estacionamento SPA 03.29 | Arrumos 03.30 | Sala de hidromassagem 03.31 | Salas de massagem 03.32 | Sala de relaxamento 03.33 | Balneário feminino 03.34 | Banho furco 03.35 | Duches 03.36 | Sauna 03.37 | Copa e balneários para funcionários 03.38 | Balneário masculino 03.39 | Recepção do SPA 03.40 | SPA 03.41 | Entradas do estacionamento





- LEGENDA:
- 04.1 | Back Office
  - 04.2 | Sala de jogos
  - 04.3 | Quarto tipo suite
  - 04.4 | Quarto Standart
  - 04.5 | Arrumos e copa vertical da lavanderia
  - 04.6 | Pátio do ginásio
  - 04.7 | Ginásio
  - 04.8 | Piscina interior
  - 04.9 | Zona do jacuzzi
  - 04.10 | Duches
  - 04.11 | I.S. para hóspedes
  - 04.12 | Bar de apoio à piscina
  - 04.13 | Esplanada
  - 04.14 | Arrumos
  - 04.15 | Salas polivalentes
  - 04.16 | Balcão de apoio às salas polivalentes
  - 04.17 | Solário
  - 04.18 | Piscina exterior





LEGENDA:

- 05.1 | Quarto Standart
- 05.2 | quarto Triplo/familiar
- 05.3 | Terraço
- 05.4 | Arrumos e copa vertical de lavandaria
- 05.5 | Arumos

# Intervir no Património Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor  
Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013





ALÇADO RUA NOVA DO DESTERRO  
ESCALA 1/400

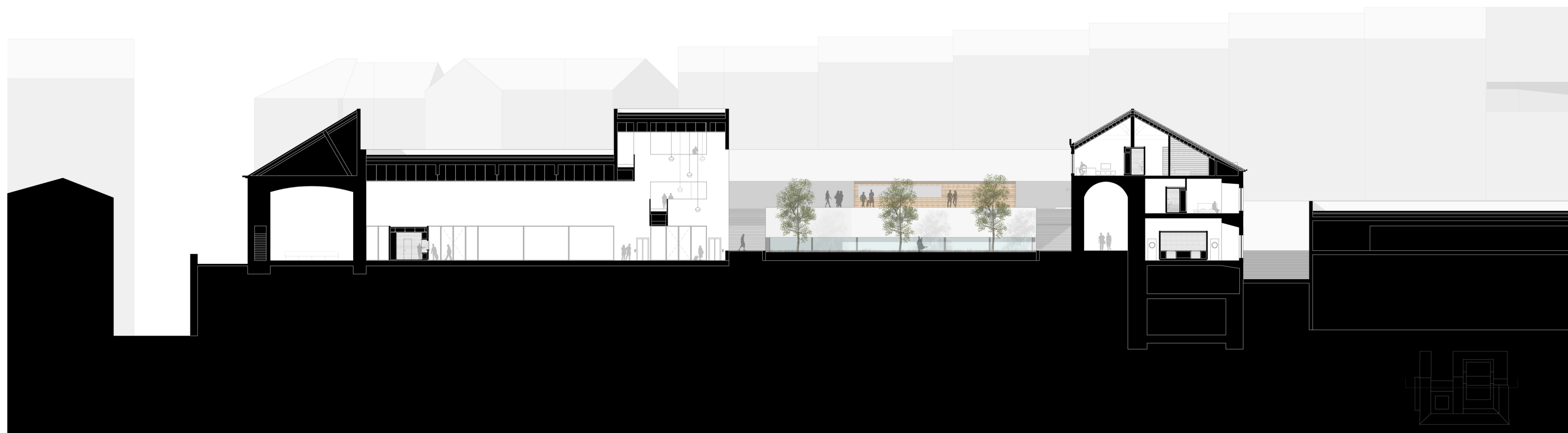


ALÇADO AV. ALMIRANTE REIS  
ESCALA 1/400

## Intervir no Património

### Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor  
Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013



CORTE 01  
ESCALA 1:400

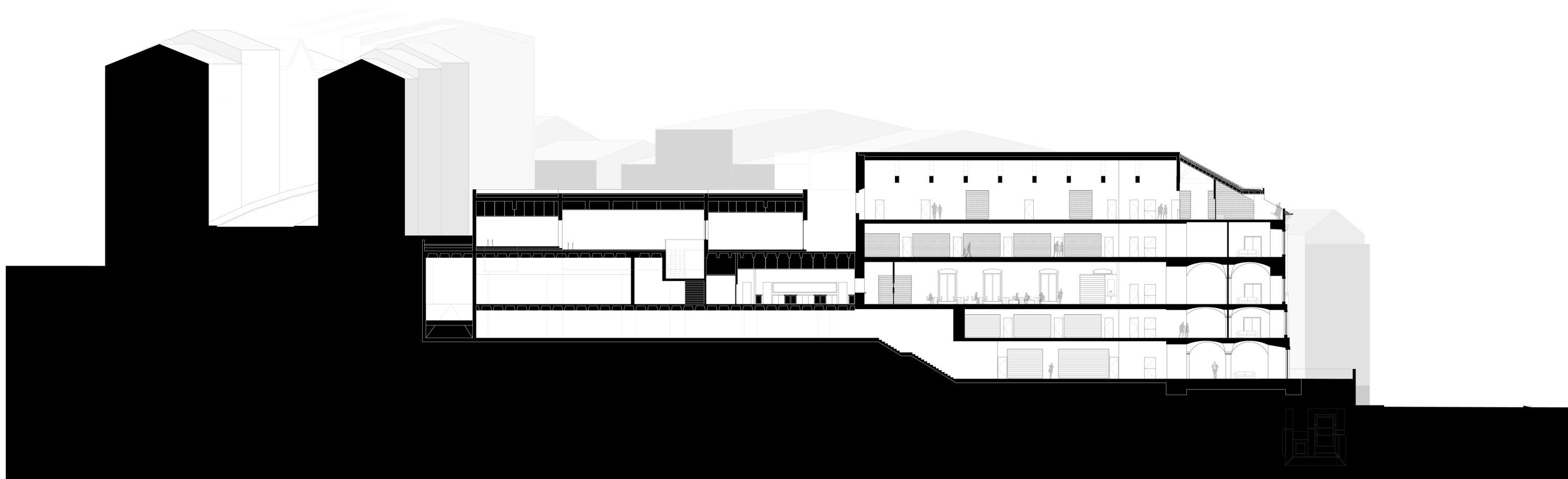


CORTE 02  
ESCALA 1:400

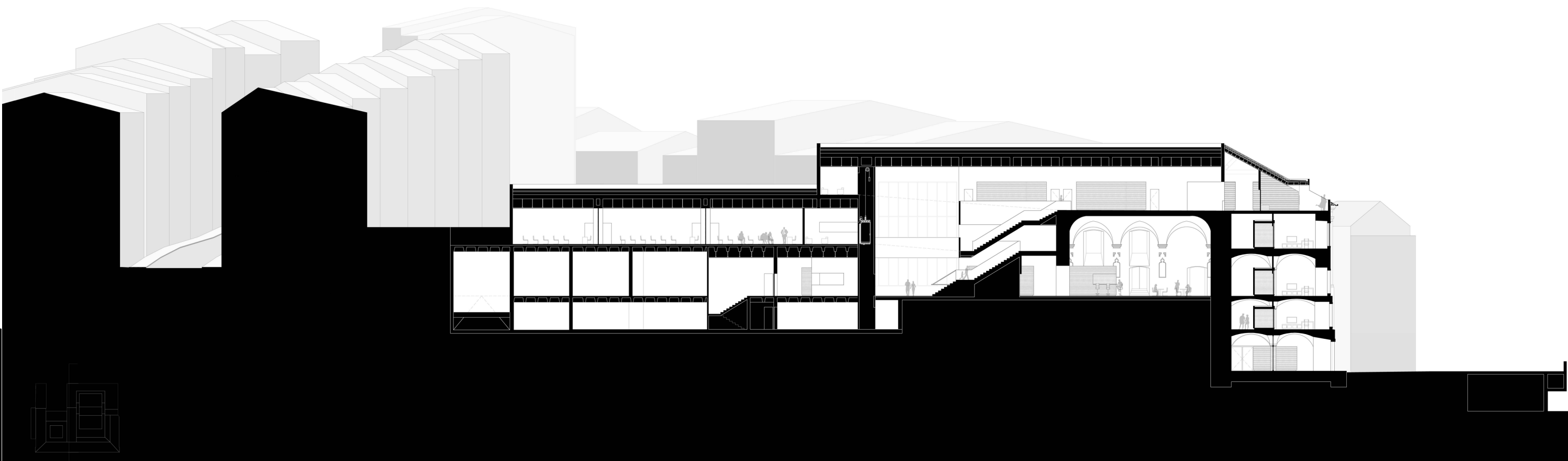
## Intervir no Património

### Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor  
Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013



CORTE 03  
ESCALA 1:400



CORTE 04  
ESCALA 1:400

## Intervir no Património

### Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor  
Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013



# Intervir no Património

## Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor  
Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013

CORTE 02  
ESCALA 1:400

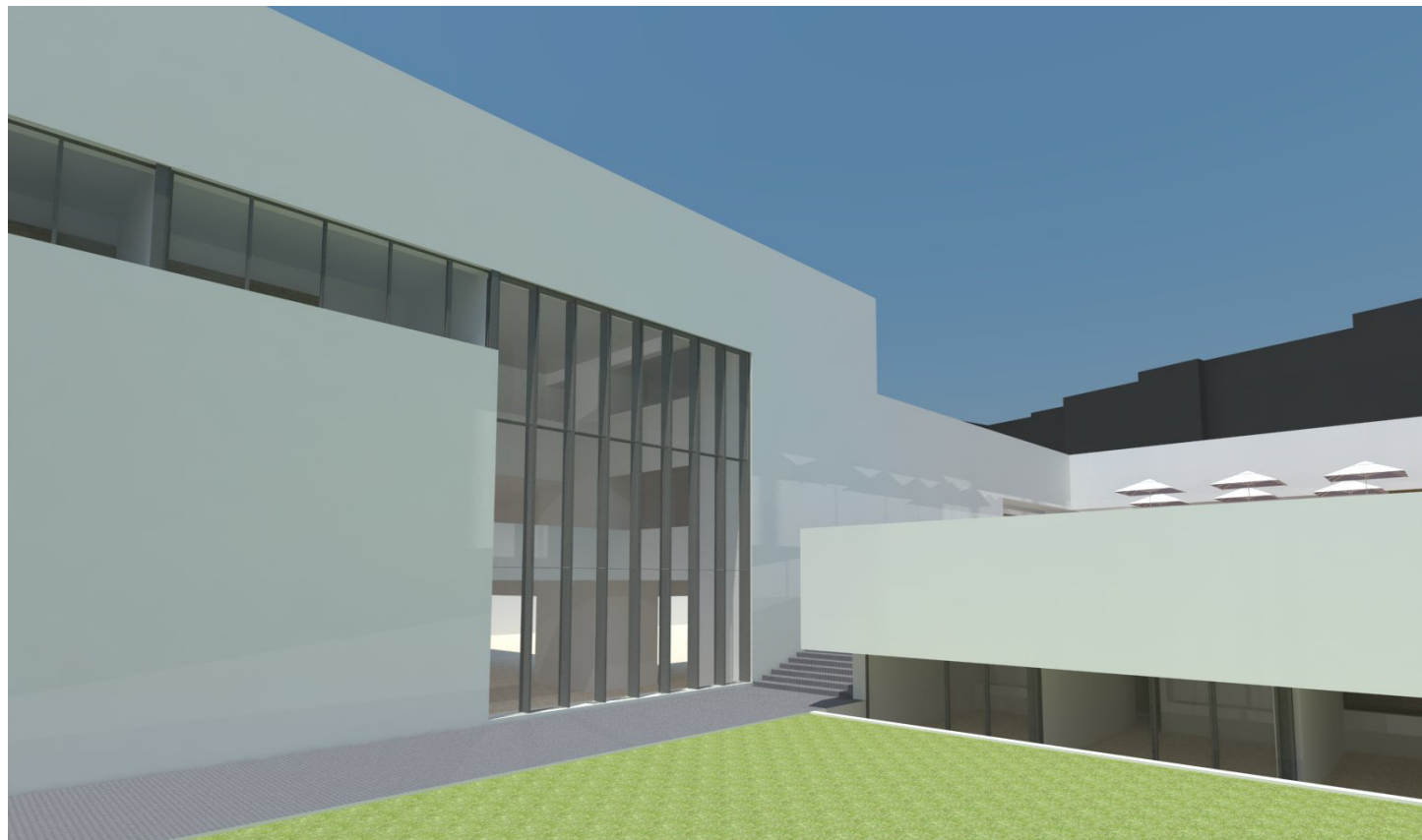




# Intervir no Património Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013





## Intervir no Património

### Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor  
Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013





# Intervir no Património Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor  
Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013





## Intervir no Património

### Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor  
Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013





## Intervir no Património

### Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013





## Intervir no Património

Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor  
Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013





## Intervir no Património

### Reconversão do Hospital do Desterro em Unidade Hoteleira

Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa | Discente - Isabel Sousa #6819 | Orientador - Professor Doutor Arquitecto Ricardo Silva Pinto | Co-orientadora - Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz  
Lisboa, Julho 2013